

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA

SÉRGIO PAULO DE LIMA

ALTERIDADE DE JONATHAN EDWARDS
NA PRÁTICA MISSIONAL JUNTO AOS ÍNDIOS MOICANOS
DURANTE OS ANOS 1751 A 1758 NOS LIMITES DA NOVA INGLATERRA

SÃO PAULO

2017

Sérgio Paulo de Lima

ALTERIDADE DE JONATHAN EDWARDS
NA PRÁTICA MISSIONAL JUNTO AOS ÍNDIOS MOICANOS
DURANTE OS ANOS 1751 A 1758 NOS LIMITES DA NOVA INGLATERRA

Dissertação apresentada a Universidade Presbiteriana Mackenzie para o curso de Mestrado em Ciências da Religião como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

SÃO PAULO
2017

LIMA, Sérgio Paulo de. ALTERIDADE DE JONATHAN EDWARDS NA PRÁTICA MISSIOLÓGICA JUNTO AOS ÍNDIOS MOICANOS DURANTE OS ANOS 1751 A 1758 NOS LIMITES DA NOVA INGLATERRA. 2017. 106f. Dissertação de Mestrado – Pós Graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

FICHA CATALOGRÁFICA

L732a Lima, Sérgio Paulo de
Alteridade de Jonathan Edwards na prática missiológica junto aos índios moicanos durante os anos 1751 a 1758 nos limites da Nova Inglaterra / Sérgio Paulo de Lima – 2017.
106 f.: il ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.
Orientador: Prof. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa
Bibliografia: f. 96-104

1. Missões 2. Índios Moicanos 3. Alteridade I. Título II. Edwards, Jonathan, 1703-1758

LC BX7260.E3

SÉRGIO PAULO DE LIMA

ALTERIDADE DE JONATHAN EDWARDS
NA PRÁTICA MISSIONAL JUNTO AOS ÍNDIOS MOICANOS
DURANTE OS ANOS 1751 A 1758 NOS LIMITES DA NOVA INGLATERRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovado em 15 de Fevereiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA




Prof. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa – Orientador
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Cristian Brially Tavares de Medeiros

Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. José Normando Gonçalves Meira
Universidade Estadual de Montes Claros - MG

Dedico este trabalho a homens e mulheres que, tocados pelo Espírito de Deus, levam adiante o legado de Jonathan Edwards ao longo das gerações num compromisso com o seu Redentor, Cristo Jesus.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Deus e Pai, que por seu imenso amor, no dia em que quis, alcançou-me e salvou-me por meio de Jesus Cristo.

À minha amada esposa Patrícia que sempre foi uma incentivadora para que eu estudasse e avançasse nos estudos acadêmicos, contribuindo de forma excelente em minha vida com auxiliadora idônea e presente do Altíssimo.

Aos meus pais Genor (*in memoriam*) e Dulci de Lima, os quais ensinaram-me princípios necessários para uma vida digna, especialmente à minha mãe que via um futuro que eu ainda não enxergava, e nunca desistiu, em oração, da minha salvação.

Aos meus filhos Sérgio Filho, Maria Eduarda e Arthur Henrique que são motivação constante para eu ser uma pessoa melhor.

Aos meus irmãos Solange, Leandro e Geimar, crentes em Cristo, que compartilham comigo a bênção de serem salvos, contribuindo para uma paz serena em nossa família.

Aos meus cunhados Vivian, casada com Leandro, Marcos, casado com Solange e Tamiris, casada com Geimar, pela amizade desenvolvida na caminhada.

Aos meus sobrinhos Vicktor Daniel, Maria Fernanda, Vinícius, Caio, Rayane, Lucas, Matheus, Sara, Vitória, Humberto, aos quais espero ver firmes na fé em Cristo.

Aos professores que sempre serviram com exemplo para mim, desde o Bacharelado em Teologia no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição até os que pacientemente contribuíram para que eu concluísse o Mestrado em Divindade no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, verdadeiramente uma instituição reformada.

Ao meu orientador e amigo Rev. Dr. Hermisten Maia Pereira da Costa por sua dedicação constante, seu entusiasmo com os assuntos da religião verdadeira e seu incentivo para que este trabalho fosse desenvolvido, de quem sempre serei admirador e aprendiz.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, instituição que me proporcionou cursar o Mestrado em Ciências da Religião, onde encontrei professores capacitados e entregues ao ensino, de maneira a serem referenciais acadêmicos para mim, verdadeiros despertadores para um empenho na busca por mais conhecimentos.

À Igreja Presbiteriana do Brasil por ordenar-me como ministro presbiteriano, um privilégio do qual não sou digno, mas do qual tenho uma gratidão além das palavras.

RESUMO

ALTERIDADE NA PRÁTICA MISSIONAL DE JONATHAN EDWARDS JUNTO AOS ÍNDIOS MOICANOS DURANTE OS ANOS 1751 A 1758 NOS LIMITES DA NOVA INGLATERRA.

Esta pesquisa tem como objetivo estudar a alteridade na prática missionária do teólogo e filósofo congregacional americano Jonathan Edwards junto aos índios Mohicans (Moicanos), Housatonics, Mohawks, Onohquaugas e Oneidas entre os anos 1751 e 1758 em Stockbridge nos limites da Nova Inglaterra. Como estratégia adotou-se uma pesquisa histórica tendo como referencial teórico o conjunto dos seus escritos na aldeia e textos primários de outros autores como Samuel Hopkins, um amigo pessoal e historiador que analisou o tema em si e suas ações que destacaram-no com um teórico-prático no século XVIII. Tal pesquisa ressalta as influências, as motivações, os princípios norteadores de seu ministério, e sua aplicabilidade num tempo de conhecidas dificuldades políticas, sociais e econômicas da novíssima nação americana. Os resultados esperados desta investigação apontam para um pequeno acréscimo no entendimento acerca da alteridade edwardiana nas práticas missionárias como um legado a ser repropagado em tempos posteriores. Entre outros aspectos, pelo seu grau de referência mundial, espera-se que seus conceitos, suas ações e seus resultados contribuam para um desenvolvimento, crescimento e sucesso na gestão do processo missionário atual e futuro.

Palavras-chave: Alteridade. Estratégia. Gestão. Processo missionário.

ABSTRACT

ALTERITY IN MISSIOLOGICAL PRACTICE OF JONATHAN EDWARDS TOGETHER TO MOHICANS INDIANS BETWEEN THE YEARS 1751 AND 1758 WITHIN THE NEW ENGLAND

This research aims to study the alterity in the missiological practice of the American congregation theologian and philosopher Jonathan Edwards with the Mohicans (Mohicans), Housatonics, Mohawks, Onohquaugas and Oneidas between 1751 and 1758 in Stockbridge on the border of New England. As strategy was adopted a historical research having as theoretical reference the set of his writings in the village and primary texts of other authors like Samuel Hopkins, a personal friend and historian that analyzed the subject in itself and its actions that distinguished it with a theoretician-practical in the eighteenth century. Such research highlights the influences, motivations, guiding principles of its ministry, and its applicability at a time of known political, social, and economic difficulties of the brand-new American Nation. The expected results of this investigation point to a small increase in the understanding of edwardian alterity in missiological practices as a legacy to be reprobated in later times. Among other aspects, it is expected that its concepts, actions and results contribute to a development, growth and success in the management of the current and future missiological process.

Keywords: Otherness. Strategy. Management. Missiological process.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONTEXTO RELIGIOSO DA ÉPOCA	14
3. IDENTIFICAÇÃO DOS FUNDAMENTOS	23
3.1 Influências fundamentais advindas da Religião	23
3.2 Influências estruturais advindas da Família	26
3.3 Influências formativas advindas da Escola	30
4. REGISTROS DOS SEUS PROPÓSITOS	36
4.1 Principais objeções aos seus propósitos missionários	36
4.2 Principais afirmações aos seus propósitos missionários	40
4.3 Possíveis motivações para se tornar um missionário	46
5. A ALTERIDADE NA MISSÃO	49
5.1 Educação com preservação de valores	52
5.2 Evangelização com mensagem simplificada	65
5.3 Defensoria dos interesses moicanos para a civilidade	79
6. CONCLUSÃO	91
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

FIGURAS

Figura 01: Rascunho de Jonathan Edwards	104
Figura 02: Índio Moicano domesticado para a guerra	104
Figura 03: Igreja Congregacional de Northampton	104
Figura 04: Rascunho do possível primeiro sermão em Stockbridge	104
Figura 05: Desenho de uma aldeia Housatonic (Shekomeko) em 1745	104

1. INTRODUÇÃO

Jonathan Edwards (1703-1758) é um vulto histórico do século XVIII. É muito conhecido por sua extensa obra no campo da teologia e da filosofia, e menos conhecido como educador, missionário e civilizador, haja vista, parte do seu trabalho permanece inexplorado.

Este é o nosso objetivo, estudar um tempo específico de sua vida em que ele trabalhou como missionário entre os índios americanos na aldeia de Stockbridge, Massachusetts, Nova Inglaterra (USA).

Para isso, o nosso projeto de pesquisa segue uma linha de raciocínio que começa com o tema “Alteridade de Jonathan Edwards na prática missiológica junto aos índios moicanos durante os anos 1751 a 1758 nos limites da Nova Inglaterra”.

Nossa delimitação de assunto será por tempo, apenas os sete anos finais de seu ministério e por propósito, a saber, os princípios norteadores da sua decisão para viver entre os índios moicanos.

O objetivo geral será examinar as motivações fundamentais que o levaram a Stockbridge, e o objetivo específico será relacioná-las com as possíveis práticas adotadas entre os índios.

A problematização se dará num estudo de contextos acerca da sua decisão, se fora uma intenção pessoal ou uma fuga para escrever seus textos teológicos.

A hipótese principal defendida é que foi por intenção pessoal fundamentada na herança teológica, familiar e educacional, mas também, com o aproveitamento do tempo para escrever.

A justificativa para tal pesquisa aponta para a importância de vultos históricos e seus legados para a atualidade.

O nosso referencial teórico é o conjunto dos escritos (principalmente as cartas) da aldeia, uma vez que nossa metodologia é a pesquisa bibliográfica.

E a revisão de literatura se dará em torno das obras do próprio Jonathan Edwards, de Samuel Hopkins que foi o seu primeiro biógrafo e de Iain Murray, um autor contemporâneo nosso. Eis o roteiro, prossigamos.

No porão da Biblioteca Beinecke da Universidade de Yale (USA), uma repartição está reservada para um conteúdo teológico e biográfico, um denso memorial dos últimos anos de trabalho e da vida de Jonathan Edwards.

Pilhas de cadernos, páginas numeradas em sequência, linhas e linhas de caligrafia fina e longa, ainda velados ao grande público que estuda o puritanismo dos últimos séculos, e especialmente este vulto histórico, estão neste lugar. Um patrimônio que lentamente valoriza-se através dos séculos.

O seu conteúdo expressa profundidade, vivacidade, argumentação e clareza, como extrato de uma vida de estudos sobre a natureza de Deus e a natureza dos homens, polos que apenas seriam reconectado através de um mediador, pelo exercício da educação¹, evangelização e civilidade (COSTA, 2004, p.85-116).

Contudo, pela dificuldade na aquisição de papel em seu tempo, por ser caro e escasso, o compêndio está distribuído em páginas que foram anexadas, coladas ou costuradas, do que antes era um aglomerado disforme de papel de rascunho.

Em parte de página de uma carta recebida o que foi deixado em branco é aproveitado para escrever algo sobre a natureza da vontade. A margem larga de um jornal serve como espaço para desenvolver os pensamentos mais perspicazes sobre a responsabilidade humana em relação à soberania de Deus.

Algumas folhas que restaram do papel para confeccionar um leque, uma forma encontrada pelos filhos de Edwards para contribuir com o orçamento familiar, preservam um pensamento sobre o alcance da obra de Cristo entre os índios Mahicans (Moicanos) na sua época.

Estes conceitos em forma de finos rabiscos espremidos entre letras garrafais de impressos, ou restos de cartas, ou pedaços de folha de papel inutilizado remontam à fase Stockbridge, no período entre 1751 e 1758, na fronteira oeste de Massachusetts - USA.

Em tais recortes estão os escritos intelectuais mais influentes, tanto para quem o leria no futuro quanto para quem o ouvira pregar numa pequena congregação, tanto para catequizar

¹ Para um entendimento maior sobre o conceito de reforma e educação a partir de Lutero e Calvino, ver COSTA, H.M.P., *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 85-116. No texto o autor explica que Lutero lançou as bases da moderna escola pública e do ensino obrigatório como um reflexo da sua visão teológica. Calvino, a seu tempo, insistia com os conselhos genebrinos para melhorar as condições de ensino, bem com os recursos das escolas, buscando doações e legados, por entender que o Evangelho deveria ter implicações nas diversas facetas da vida humana. Costa cita Philip Schaff, pela obra *The Creeds of Christendom*, Vol 1, p.445, onde está escrito que “de certo modo, Calvino pode ser considerado o pai da Nova Inglaterra e da República Americana”, pela dedicação aos conceitos formadores mais elementares decorrentes da genuína educação cristã.

os convertidos entre os índios Mahicans, Housatonics e outras tribos, como para lutar pelos direitos destes nativos diante de fazendeiros e comerciantes poderosos da região.

O conjunto de escritos preservados é uma demonstração do fascínio de Jonathan Edwards sobre assuntos teológicos que necessitavam de respostas dentro do puritanismo do seu tempo.²

² Os primeiros puritanos ingleses queriam eliminar os vestígios do culto e das práticas católicas romanas que sobreviviam na Igreja da Inglaterra moldada por Elizabete I, Tiago I e seus conselheiros. Eles queriam completar a Reforma e completá-la sem demora. As suas principais convicções podem ser sintetizadas em quatro pontos: (1) Os puritanos criam que a humanidade depende inteiramente de Deus para a sua salvação. Os seres humanos são pecadores que não irão buscar reconciliação com Deus a menos que este tome a iniciativa de salvá-los (afirmação plena da soberania divina). (2) Os puritanos acentuavam a autoridade das Escrituras. Eles criam que a Bíblia tem uma autoridade “reguladora”: isto significa que, até onde possível, os cristãos devem fazer somente o que as Escrituras prescrevem diretamente. (3) Os puritanos criam, como a maior parte dos europeus daquela época, que Deus havia criado a sociedade como um todo unificado. A igreja e o estado, as esferas individual e pública, eram áreas complementares. Essa convicção estava por trás dos seus esforços em criar colônias nas quais todos os aspectos da vida refletissem a glória de Deus. (4) Os puritanos criam que Deus relaciona-se com as pessoas através de pactos ou acordos solenes. De modo especial, os puritanos congregacionais da Nova Inglaterra enfatizavam que as igrejas locais surgiam quando crentes individuais pactuavam-se para servir a Deus como um grupo e fazer a sua vontade. Quase todos os tipos de puritanos também sustentavam que Deus estabelecia alianças com nações, em particular aquelas que haviam recebido um conhecimento especial das verdades bíblicas. O puritanismo substanciou boa parte de sua força do sutil entrelaçamento dessas alianças (família, igreja e comunidade). (Extraído de Fides Reformata, O PROTESTANTISMO NORTE-AMERICANO: SÉCULOS 17 A 19, por Alderi Souza de Matos, artigo online no site <http://www.mackenzie.br/7111.html>. Página acessada em 09/06/2016).

2. CONTEXTO RELIGIOSO DA ÉPOCA

Este era um dilema para ele: Como discernir se a fé professada de um cristão é verdadeiramente real e salvadora ou uma percepção equivocada acerca da religião?

A instrução puritana sobre a “fé temporária”, introduzida por João Calvino³, explicava que membros da igreja algumas vezes se desviam depois de anos de envolvimento, mesmo que a doutrina calvinista da perseverança dos santos insista que verdadeiros cristãos nunca se desviem (ALLEN, 1889, p.133). Então, outra pergunta necessitava de resposta: Há algo semelhante à fé verdadeira, mas é fé temporária? Existiriam marcas distintivas para a verdadeira fé?

A herança puritana indicava uma série de atitudes que demonstrariam a existência da fé verdadeira, uma espécie de "caminho da salvação".⁴ Edwards tinha dificuldades para concordar com tais ensinamentos, uma vez que sua experiência de salvação e sua experiência pastoral não se encaixavam em tais aspectos da tradição (BELLAMY, 1794, p. 82). Ao fazer isso, colocava-se em posição antagônica a muitos líderes puritanos, e recebia a paga em forma de ataques à sua maneira extensa de pensamento. Mas, como identificar a verdadeira fé sem questionar tais conceitos? Como questionar a fé de um membro de igreja que parece estar à margem da centralidade de Cristo?

³ Calvino assevera contra alguns conceitos: “fé histórica” como mero assentimento intelectual, “fé implícita” como submissão ao juízo coletivo da igreja, e “fé informe” como estágio preliminar da fé. Para Calvino a fé é um “Um conhecimento firme e certo da benevolência de Deus para conosco, fundada na verdade da promessa dada gratuitamente em Cristo, revelada a nossas mentes e selada em nossos corações pelo Espírito Santo” (*Institutas* 3.2.7). Antes de ser uma capacidade inata do ser humano, é um dom sobrenatural do Espírito Santo. É também uma resposta humana genuína pela qual os eleitos ingressam na sua nova vida em Cristo. Entre os efeitos da fé estão a regeneração, o arrependimento e o perdão dos pecados. O arrependimento é “a verdadeira conversão de nossa vida a Deus, procedente de um sincero e real temor de Deus, que consiste da mortificação de nossa carne e do velho homem e da vivificação do espírito” (*Institutas* 3.3.5). É um processo contínuo que deve estender-se por toda a vida. Embora possa ser assaltada por dúvidas, a fé verdadeira por fim triunfará sobre todas as dificuldades. Os descrentes podem, quando muito, ter uma “fé temporária”. Mas, os crentes verdadeiros, ainda que pecadores, são sustentados pelo Espírito para sempre.

⁴ Eis algumas atitudes para o membro da igreja: A Honra ao dia do Senhor; Os Cuidados paralelos do intelecto e da alma; Tudo é do Senhor. Fonte Jornal OS PURITANOS, Ano 1 - Número 2 - Junho de 1992. Pesquisado no site http://www.monergismo.com/textos/puritanos/quem_pessoas_puritanos.htm em 20/08/2015.

Os avivamentos trariam novas perspectivas a este teólogo-pastor⁵. Em 1734, num tempo de busca por avivamento, algo estranho estava acontecendo em Northampton (APPLETON, 1735, p.145-149). Por seis meses durante o inverno, a cidade foi tomada por uma preocupação profunda e séria sobre religião, fazendo com que muitos recebessem a Cristo como seu Salvador. Jonathan Edwards registrou esse momento assim:

... a cidade parecia estar cheia da presença de Deus: ela nunca esteve tão cheia de amor, nem tão cheia de alegria... Houve marcas notáveis da presença de Deus em quase toda casa... o dia do Senhor era uma delícia... todos ansiosamente atentos no culto público, cada ouvinte ansioso para beber as palavras do ministro, enquanto elas saíam de seus lábios⁶.

No entanto, brevemente o primeiro movimento conheceu o declínio. Aquele espírito que fluiu de Northampton e tocou quase toda a comunidade do Vale do Rio Connecticut chegara ao fim.

Edwards trabalhou para preservar a chama acesa, mas nada aconteceu. Depois de alguns anos, em 1740, outro pregador chegou à região. Era George Whitefield pregando seis vezes nos três primeiros dias de sua visita, e pregou por dois anos seguidos, então, percebia-se a volta do fervor religioso por toda a Nova Inglaterra.

Jonathan Edwards não ficou à margem dos acontecimentos (FERM, 1976, p. 48). Pregou e escreveu continuamente, tendo na literatura a sua grande participação no segundo despertamento.

Ao escrever uma série de livros defendendo o avivamento daqueles que não demonstravam a emoção religiosa momentânea e criticando o avivamento dos que,

⁵ Os avivamentos ou ressurgimentos, episódios de intensa evangelização em massa, tornaram-se comuns no século 18. Essas reuniões exaltavam emoções e abalavam convicções, de modo que as pessoas comuns se comprometiam com novos grupos religiosos ou retornavam aos antigos. Os historiadores gostam de indicar o período do final da década de 1730, passando pelas décadas de 1740 e 1750, como uma época de atenção especial aos apelos do ressurgimento (ver William G. McLoughlin, *Revivals, Awakenings, and Reform: An Essay on Religion and Social Change in America, 1607-1977 [Ressurgimentos, Despertares e Reforma: Ensaio sobre Religião e Mudança Social nos Estados Unidos, 1607-1977]*, Chicago: University of Chicago Press, 1978). Chamado de o Grande Despertar ou, às vezes, de Primeiro Grande Despertar, esse período foi dominado pela pregação de duas figuras. A primeira delas foi o pregador itinerante inglês George Whitefield, seguidor de John Wesley (fundador do metodismo), com tendências calvinistas, que imigrou para as colônias da América do Norte e pregava para arrecadar fundos para um orfanato nas colônias do sul da Geórgia. A segunda foi o puritano Jonathan Edwards, considerado o maior teólogo dos Estados Unidos, que de seu púlpito em Northampton, Massachusetts, reviveu a austera mensagem calvinista de predestinação e condenação para os não escolhidos para a salvação. Esses pregadores do ressurgimento também não estavam sozinhos. Nas colônias centrais, por exemplo — principalmente Pensilvânia e Nova Jersey — os presbiterianos também ofereciam sua própria versão do despertar. Extraído do Jornal USA, artigo Diversidade Religiosa no período da colonização americana, por Catherine L. Albanese no site <http://www.embaixada-americana.org.br/HTML/ijse0808p/albanese.htm>

⁶ Entre os anos 1735 e 1737, durante uma série de pregações sobre a justificação pela graça por meio da fé, começou um pequeno avivamento em sua congregação. Seus ouvintes sentiram as grandes verdades das Sagradas Escrituras ao ouvirem que toda boca ficará fechada no dia do juízo e "não há coisa alguma que, por um momento, evite que o pecador caia no inferno, senão o bel-prazer de Deus". Em suas palavras, "o Espírito de Deus começou a trabalhar de maneira extraordinária". Muitos foram profundamente impactados pelas pregações. A cidade estava cheia de amor, cheia de alegria e cheia de temor.

emocionadamente, demonstravam uma fé aparentemente religiosa, novamente fez inimigos em ambos os lados do despertar.

A análise fundamental de Edwards sobre os avivamentos consiste de que a pregação da Palavra é a ocasião para o despertar, e é necessária, mas somente o Espírito de Deus faz a obra. Sua ação despertativa é percebida em mudanças duradouras de entendimento. Isso acontecia quando pessoas soberbas se tornavam humildes, santas, e começavam a orar ao entender o seu profundo estado de fragilidade e dependência. Ao identificar tais atitudes, identificava-se um fruto do avivamento (GOEN, 1972. p. 60-63).

Muitas igrejas se tornaram mais participativas no louvor e extremamente famintas na Palavra. E para algumas cidades, a “bondade” tornou-se uma prática natural, porque era o que “Deus ordenava”.

Diante disso, alucinações, risos, perdas de sentido e outras expressões não significavam nada. Esta era sua posição. Nada disso atestava a presença do Espírito de Deus, nem o excluía. Eram apenas expressões pessoais e subjetivas dissociadas da fé. Era uma disposição mental, somente. Para Jonathan Edwards, a verdadeira religião consistia, em grande parte, no afeto (HATCH, 1988, p.35-36).

Mas as acusações a Edwards não cessavam. Charles Chauncy, de Boston, fez oposição ao Grande Despertar denunciando desmaios e quedas, gritos e convulsões, tremores e agitações. Ele acusou o movimento de irracionalidade, motivado por paixões intransigentes que fatalmente o caracterizavam como uma perturbação. Ele insistia que:

A verdade numa mente iluminada não necessita de afetos para ser a guia dos homens. A verdade não necessita de demonstrações. Ela é compreendida ou não, e ponto final (CHAUNCY, 1743, p.77).

Edwards afirmava o contrário ao dizer:

[...] eu acho-me no caminho do meu dever de educar os afetos dos meus ouvintes da melhor forma que eu puder, desde que estes não sejam desagradáveis ao Senhor (JOHNSON, 1962, p.23).

Mas com o tempo, veio mais um declínio. E desde 1742 não se ouvia falar de coisa alguma referente a avivamentos. Edwards continuava pastor na Igreja Congregacional de Northampton, e seu ministério começava a sofrer desgaste por conta de concepções que confrontavam as práticas do pastor antecessor, seu avô Solomon Stoddard (HOPKINS, 1765, p 102).

Em 01 de Julho de 1750 ele foi demitido da igreja que havia pastoreado por mais de vinte anos. E depois de aguardar certo tempo, aceitou um chamado para Stockbridge, um posto que combinava esforço missionário entre os índios Housatonics com tarefas pastorais numa pequena igreja composta de pessoas da Nova Inglaterra que viviam na aldeia.

Em agosto de 1751 ele foi instalado em Stockbridge, no extremo-oeste do estado de Massachusetts. A família suportou quase sete anos de privações nesse lugar conhecido com a “borda da fronteira”, e durante este tempo Jonathan Edwards viveu em pobreza, resultado da demissão do pastorado, das dificuldades para sustentar uma família grande e pelos poucos recursos que advinham de fontes financiadoras. Contudo, pastoreou a igreja, atendeu ingleses e nativos, e produziu uma série de trabalhos que o fizeram ainda, em termos de defesa e discussão, o maior filósofo-teólogo que já nasceu no continente norte-americano.

Em Stockbridge, neste momento da sua vida, o desafio era muito prático. Ele e sua família viveriam num local que agrupava seis nações indígenas conhecido como "O povo das águas que nunca param" ou "O povo das águas fluentes", ou ainda, "Os Moicanos".⁷ A sua principal característica era morar em estruturas resistentes como malocas, e quando participavam de guerras raspar as laterais da cabeça, deixando uma faixa de cabelo no meio.⁸

Educação, evangelização e civilidade entre as etnias Mohicans, Mohawks, Housatonics, Onohquaugas e Oneidas despertaram o interesse de Jonathan Edwards. Deve-se lembrar que outros temas estavam no centro das discussões teológicas no momento pois o mundo passava por turbulências causadas pelo antagonismo entre arminianismo e calvinismo,

⁷ O nome moicano (Mahican ou Mohican) significa “*das águas que nunca param quietas*”, uma tradução livre da língua inglesa “*People of the waters that are never still*”. O grupo original migrou da região norte através das águas, e se fixou nas proximidades do Rio Hudson. Eram chamados de “Muh-ele-kun-ne-tuck, e foram contactados pela primeira vez em 1609 por Henry Hudson. Tradicionalmente, as aldeias moicanas eram compostas por 20 e 30 casas longas, localizadas em colinas e bem fortificadas. Plantações de milho cercavam as aldeias. A agricultura proporcionava a base de sua alimentação, que era complementada por caça, pesca e coleta. As aldeias eram governadas por chefes hereditários chamados *sachem*, que eram aconselhados por conselhos de anciãos. Ao longo dos anos, as tensões entre os Mahicans e os Iroquois Mohawk, bem como com holandeses e ingleses colonizadores, obrigou o povo Mahican a migrar para o leste através do Rio Hudson no oeste de Massachusetts e Connecticut. Muitos se estabeleceram na cidade de Stockbridge, Massachusetts, onde gradualmente foram conhecidos como “Índios Stockbridge.” Eles permitiram, depois de um acordo, que missionários protestantes vivessem entre eles, incluindo Jonathan Edwards. No século 18, muitos foram convertidos para o cristianismo, embora tenham mantido certas tradições próprias. Mais detalhes no site www.mohican-nsn.gov

⁸ Um desenho de uma aldeia feito pelo morávio John Hagen em 1745, (figura 04 do apêndice) mostra uma linha de catorze casas com três outras nas proximidades. Outra casa fica a uma curta distância. Um conjunto de três casinhas, fora da aldeia, é atribuído a um não-índio. É também representada a casa da missão e da igreja, uma oficina, duas adegas, um jardim cercado, um quartel de feno e um cemitério. Exceto ao retratar uma única tenda em forma de cúpula, todos os índios habitam em casa menores, estrutura em forma de armação coberta de cascas com telhados verticais ou próximo a paredes verticais e inclinados. Incorporado, aqui e ali, algumas tábuas toscas. A maioria das casas tem um buraco de fumaça no cume do telhado, indicando uma lareira central. Pelo menos uma tem uma chaminé externa. (STARNA, 2013, p.172).

duas correntes opostas que despertavam o interesse de muitos, e produziam tratados de ambas as partes, mas nada impediu a sua partida para Stockbridge (GAUSTAT, 1957, p. 65-66).

Ele estava maduro para desempenhar o trabalho requerido, ainda que seus opositores insistissem em afirmar que seria um fracasso.

Perry Miller, emitindo juízo de valor sobre o uso do seu tempo entre os índios afirmou que "este período é a parte mais documentada de sua carreira (MILLER, 1981, p. 232)".

E pode ser, como diz Stephen Nichols, que muitos nunca considerem seriamente os trabalhos de Edwards como missionário e somente valorizem a natureza e a extensão de sua produção literária durante os sete anos na aldeia (NICHOLS, 2003, p.50)".⁹

Por isso, entende-se que a teologia missionária e a prática de Jonathan Edwards merecem um estudo mais aprofundado. Esta necessidade é evidenciada de algumas maneiras:

1. Há uma escassez de publicações sobre o trabalho missionário de Edwards, em contraste com a quantidade de publicações sobre outras ênfases do seu ministério.
2. Há uma desatenção acadêmica sobre esta parte de sua vida, uma vez que são raras as dissertações acadêmicas dedicadas à vida missionária e trabalhos de Edwards entre os Índios Stockbridge¹⁰.
3. Há escritores que somente enfatizaram o tempo que Edwards teve para estudar e escrever suas obras, o que levou a um desprezo pelo trabalho como missionário, pastor e líder comunitário. Ola Winslow nos ajuda na compreensão deste conceito: "Stockbridge parecia prometer lazer para escrever, pois vinte e cinco anos de estudo e pensamento estavam

⁹ Mesmo aqui, no entanto, não há motivo para questionar a avaliação convencional dos anos de Edwards em Stockbridge como um lugar onde mais tempo poderia ser dedicado aos seus projetos de escrita. Uma revisão da produção literária de Edwards de 1740 a 1750 revela que seus últimos anos em Northampton viram mais fruto literário do que seus trabalhos literários em Stockbridge.

¹⁰ A vida e a obra de Jonathan Edwards entre os moicanos recebem especial atenção no texto acadêmico de Ronald Edwin Davies, "Prepare Ye the Way of the Lord: The Missiological Thought of Jonathan Edwards," (PhD Dissertation, Fuller Theological Seminary, 1989). Rachel Wheeler também tem uma pesquisa fundamental com clara ênfase no conceito missional de Edwards na obra "Living Upon Hope: Mahicans and Missionaries, 1730 - 1760," (PhD diss., Yale University 1999).

esperando por uma boa colheita¹¹.” Esta ideia foi imortalizada em verso sobre Edwards em Stockbridge:

Eu te amo, desbotada,
Velho, exilado e com medo,
Para deixar o seu último rebanho, uma dúzia,
Crianças indígenas Housatonics;
Teve medo de sair,
Toda sua escrita, escrita, escrita,
Negava a Liberdade da Vontade.

Você tinha medo de ser presidente (LOWELL. 1969, p.254)

4. Há poucas publicações de seus sermões refletindo pouca atenção aos seus esforços missionários. Michael Haykin observa que "Evidência clara de que a sua vida missionária em Stockbridge não foi apreciada pela literatura é o fato de que até 1999, nenhum dos sermões que ele pregou aos índios Stockbridge havia sido publicado (HAYKIN, 2003, p. 2)".
5. Há uma opinião dominante que os sermões pregados na aldeia eram “reprises atenuadas” do seu tempo de pregador dominical na sua igreja em Northampton. Está registrado assim: “[...] ele sempre usava as velhas notas já pesquisadas anteriormente (MILLER, 1981, p. 232)”. Certamente isso contribuiu para o pensamento que a aldeia representava um descanso em termos de preparação de sermões porque ele priorizara a escrita literária. Se Edwards levou a sério seus trabalhos missionários¹², especialmente sua preparação para o sermão, são outros pesquisadores que se ocuparão em tal defesa. Norman Petit e Rachel Wheeler contrariam o que Ola Winslow e Perry Miller afirmam sobre o uso dos mesmos

¹¹ Isso pode demonstrar a percepção mais antiga, e de certa forma, parcial e inconclusa, porque pesquisas mais recentes apontam para a importância do tempo de Jonathan Edwards em Stockbridge. Ver mais do assunto em Ola Elizabeth Winslow, *Jonathan Edwards 1703-1758*, (New York: Collier Books, 1961), 243. No entanto, nem todos os estudiosos atuais abandonaram tal pensamento, como lemos em Mark Knoll: "Ele escolheu se mudar para a cidade fronteiriça de Stockbridge, Massachusetts, e ministrar a duas pequenas congregações, uma branca e uma nativa americana. A mudança de cena permitiu a Edwards o lazer pessoal para completar vários tratados importantes antes de morrer em 1758, poucas semanas depois de assumir a presidência do Colégio de Nova Jersey em Princeton. "The Rise of Evangelicalism: The Age of Edwards, Whitefield and the Wesleys (Downers Grove: Intervarsity Press, 2003), p.179.

¹² Outro estudioso de Edwards, Norman Petit, que escreve sobre a publicação de Vida de David Brainerd, observa que "Edwards, naturalmente, não estava tão interessado na missão do jovem aos índios como em seu compromisso com uma causa santa - sua disposição de abandonar todo o conforto para o bem da sociedade redentora". Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven: Yale University Press, 1985), vol. 7, *The Life of David Brainerd*, ed. Norman Pettit, p.13. Há um crescente desafio ao suposto desinteresse de Edwards em missões.

sermões, ressaltando que isso aconteceu somente com a igreja dos ingleses, mas aos indígenas sempre era apresentada uma construção nova de sermão.¹³

6. Há uma influência natural no fenômeno missiológico que parece ter início em David Brainerd, passando por Jonathan Edwards, chegando a William Carey, conhecido como o “Pai das missões modernas”. Se este raciocinado estiver correto, Edwards pode ser considerado o “Avô das missões modernas”, pois teria influenciado o movimento que iniciaria uma geração após sua morte. Por isso, Ronald Davies acredita que Jonathan Edwards deve ser considerado não apenas o teólogo mais notável da América, mas também o “Avô das Missões Modernas (DAVIES, 1997, p.60)”.
7. Há evidências suficientes para afirmar que havia outras possibilidades para ele e sua família, caso não quisesse partir para a aldeia (WINSLOW, 1961, p.356)¹⁴. Por isso, Stephen Nichols também considera que “seria um equívoco pensar em Stockbridge como um prêmio de consolação a Edwards ou exílio depois dos fatos ocorridos em Northampton (NICHOLS, 2003, p.49)”.

Em resumo, há poucos estudos sobre esta época, e o que temos tende a considerar seu trabalho como pastor e missionário de fronteira aos índios Stockbridge como algo de menor importância dentro do contexto de seus trabalhos mais significativos como erudito, filósofo e teólogo (WHEELER, 2003, p.136). O que é difícil de entender, porém, é por que os anos de Stockbridge em Edwards foram tão desprezados por eruditos anteriores. Seja qual for o caso, o coração missionário de Edwards, o pensamento e a vida parecem ter sido negligenciados e merecerão mais estudos posteriores.

À luz desses fatores, este trabalho explora a alteridade de Jonathan Edwards como expressão de sua teologia e objetivos missionários. Escritos, cartas, meditações e anseios mais profundos de Edwards para a expansão do reino de Cristo na terra resultaram num vigoroso espírito missionário e que sua mudança para Stockbridge foi fruto de anos de reflexão sóbria e

¹³A correspondência de Edwards aponta para outra direção, negando que Stockbridge seria um lugar de descanso e lazer, uma vez que quase a metade da extensão de toda a correspondência de sua vida vem destes últimos sete anos. A maioria destas cartas foram escritas numa tentativa de proteger os interesses dos índios à quem era um missionário comissionado. Ver mais em Rachel Wheeler, “‘Friends to Your Souls’: Jonathan Edwards’s Indian Pastorate and the Doctrine of Original Sin” (*Church History*, 72:4, Dec. 2003): 736 - 765. E também em Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven, Yale University Press, 1998), vol. 16, *Letters and Personal Writings*, ed. George S. Claghorn.

¹⁴ Para mais informações sobre a recusa de Jonathan Edwards aos convites recebidos, ler Ola Elizabeth Winslow, *Jonathan Edwards 1703-1758*, (New York: Collier Books, 1961). Wilson Kinnach também registrou que Edwards pregou em vários lugares após a sua demissão de Northampton, e sempre demonstrou que estava aguardando a direção de Deus para onde deveria ir. Ver mais em Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven: Yale University Press, 2006), vol. 25, *Sermons and Discourses, 1743-1758*, ed. Wilson H. Kinnach, 23-24.

do trabalho prático de sua busca incessante por ser encontrado fiel diante do Deus que cria e de seu Redentor, Jesus Cristo.

Reservado, contemplativo, introspectivo (EDWARDS, 1998, 727)¹⁵. Contudo, idealizador, meticuloso e obstinado. Emoção e razão, coração e intelecto na pessoa de um filho de puritanos, estudante, marido, pastor, pai, escritor e missionário. Estas são algumas das características pessoais e das funções desempenhadas por ele, no tempo em que viveu (1703-1758).

A influência recebida o conduziu para um bom curso teológico reformado no Yale College, para uma boa experiência como pastor da Igreja Congregacional em Northampton, para uma profunda experiência missionária em Stockbridge, e finalmente, a um importante cargo, no final de sua vida como presidente do Princeton College.

Samuel Hopkins ao escrever sobre Jonathan Edwards, dezessete anos após sua morte, enfatizou a deferência recebida na aldeia:

Em Stockbridge [...] ele realizou o trabalho da missão com muito boa aceitação dos habitantes em geral, tanto dos ingleses como dos índios e dos comissários, que o apoiaram honradamente, e confiaram muito em seu julgamento e sabedoria em todos os assuntos relativos à missão (HOPKINS, 1765, 74).

Assim, o nosso assunto será delimitado pelo termo alteridade para a prática relativa à missão, desde o entendimento da vocação, aprimoramento para uma tarefa, desenvolvimento da atividade teológica, dificuldades para a sua eficácia, execução de projetos elaborados e o legado para os tempos atuais acerca do fenômeno religioso que transcende os limites de uma igreja local e avança para os terrenos sociais, econômicos e culturais.

¹⁵ Ele escreve acerca da sua perspectiva do cristianismo em semelhança da pessoa de Cristo: "Eu tive em minha mente e coração (que eu há muito tempo começou, não com qualquer perspectiva de publicação), uma grande obra, que eu chamo uma História da Obra da Redenção, um corpo de divindade numa forma totalmente nova, sendo lançado no tempo da história; Considerando o caso da Teologia Cristã, como o todo, em cada parte, está em referência à grande obra da redenção por Jesus Cristo; Que eu suponho ser o grande e maior de todos os projetos de Deus, é o summum e o ultimum de todas as operações e graus divinos, particularmente considerando todas as partes da grande estrutura em sua ordem histórica. Ele representa a ordem de sua existência, com sua aparência, no curso das dispensações divinas, a maravilhosa série de atos e eventos sucessivos; A partir da eternidade, e descendo daí para a grande obra e sucessivas dispensações do Deus infinitamente sábio, com o tempo, considerando os principais acontecimentos que acontecem na igreja de Deus e as revoluções no mundo da humanidade, afetam o estado da Igreja e o caso da redenção, de que temos um relato na história ou profecia; Até que finalmente chegamos à ressurreição geral, ao julgamento final e à consumação de todas as coisas; Quando se disser: "Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim [Ap 22.13]. Concluo meu pensamento, com a consideração desse perfeito estado de coisas, que será finalmente resolvido, e durará para a eternidade". Para mais informações ver a obra de Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven: Yale University Press, 1998), vol. 16, *Letters and Personal Writings*, ed. George S. Claghorn, 727-728.

Jonathan Edwards não ficou conhecido como alguém que fez uso da alteridade, uma vez que o uso do termo é mais recente, contudo, as definições mais consistentes do termo em si evidenciam alteridade nas ações deste vulto histórico.

Três aspectos serão apreciados neste ensaio preliminar: Inicialmente, a educação com a preservação de valores (HOPKINS, 1753, p. 67). Depois, a simplificação dos sermões com a permanência da profundidade teológica (BELLAMY, 1794, p.123). E por fim, a defesa dos interesses dos índios com a luta por uma escola para meninos e meninas, ou seja, a busca pela igualdade de condições educacionais. Isso evidencia que Jonathan Edwards advogou pelo desenvolvimento nas áreas do conhecimento, da administração e da economia local indígena (EDWARDS, 1998, p.701).

Assim, diante de tantos ideais em desenvolvimento, apenas algumas áreas receberão especial atenção neste trabalho: a ênfase missionária na educação, a prática missionária na evangelização e a cristianização que resultaria no testemunho de civilidade.

Começaremos com um estudo sobre os fundamentos da sua educação, atribuindo à religião, à família e à instrução escolar, o conceito de fonte que faria transbordar toda uma teologia que resultaria na sua prática.

3. IDENTIFICAÇÃO DOS FUNDAMENTOS

Neste capítulo identificaremos algumas marcas que caracterizaram a vida e obra de Jonathan Edwards. Conheçamos a sua herança histórica, familiar e institucional.

3.1 Influências fundamentais advindas da Religião¹⁶

O destaque é a herança religiosa histórica. Como o que aconteceu aos cristãos do primeiro século, perseguidos por Nero, Cláudio e Diocleciano, dezessete séculos depois, em novembro de 1620, os assim chamados "pais peregrinos" deixaram a Inglaterra e desembarcaram do Mayflower na baía do Cape Cod, Plymouth, Nova Inglaterra.¹⁷ Eles sofreram perseguições por sua forte oposição, tanto na maneira de cultuar como de governar a então igreja inglesa. Eram 41 homens e suas famílias, cerca de 100 pessoas, número este que dentro de 20 anos aumentaria para mais de 20 mil.¹⁸

Tudo era muito rústico no novo lugar. Como Benjamim Trunbull (1735-1820) escreveu a respeito de Connecticut: “Naquela época, este território era apenas um vasto

¹⁶ Os avôs Richard Edwards e Solomon Stoddard tiveram influência fundamental em duas ênfases que seriam determinantes no ministério de Jonathan Edwards: A santidade a Deus e a prática pastoral ao povo de Deus.

¹⁷ Sobre a chegada dos Puritanos, também chamados de "pais peregrinos", a Nova Inglaterra em 1620, bem como os seus principais motivos e desafios, ver Moritz, B. *"The Pilgrim-Fathers' Voyage with the 'Mayflower'" (history)*. Extraído do site ShipsOnStamps.org. Ver também *The Mayflower after the Pilgrims*. Extraído do site MayflowerHistory.com. Páginas visitadas em 01/04/2015.

¹⁸ Os primeiros puritanos a migrarem para a América estabeleceram-se em Plymouth, Massachusetts, em 1620. Quando o escocês Tiago I sucedeu Elizabete no trono inglês (1603-1625), sua recusa em apoiar a causa dos puritanos desapontou os protestantes mais radicais, entre os quais estavam algumas igrejas locais separadas da igreja nacional. Uma delas, localizada em Scrooby, Nottinghamshire, resolveu mudar-se para um ambiente mais amistoso. Inicialmente, foram para a Holanda, mas não se adaptaram à nova cultura. Além disso, temiam que seus filhos abandonassem os seus princípios religiosos sob a pressão de interesses econômicos e de outras igrejas. Doze anos depois, resolveram transferir-se para o Novo Mundo, sob o patrocínio de comerciantes ingleses. Embarcados no Mayflower em setembro de 1620, pretendiam ir para a Virgínia, mas os ventos tempestuosos os desviaram para Cape Cod, onde chegaram em novembro. Antes de desembarcarem, os homens assinaram um acordo pelo qual se comprometeram a manter a solidariedade do grupo e a renunciar à busca individual do lucro. William Bradford (†1657), o primeiro governador e historiador da colônia, escreveu um comovente relato dos rigores do primeiro inverno, no qual morreu a metade dos “peregrinos”. Eventualmente, os colonos superaram as dificuldades iniciais e após a primeira colheita realizaram uma celebração especial de ação de graças, com vários dias de duração, juntamente com seus amigos indígenas. Em 1630, a colônia tinha somente 300 residentes, mas continuou a prosperar e em 1691 uniu-se à colônia de Massachusetts. (Extraído de Fides Reformata, O PROTESTANTISMO NORTE-AMERICANO: SÉCULOS 17 A 19, por Alderi Souza de Matos, artigo online no site <http://www.mackenzie.br/7111.html>. Página acessada em 09/06/2016.

deserto. Ali não havia campos agradáveis, nem jardins, nem estradas públicas, nem pedaços de terra limpos” (TRUNBULL, 1818, 29-31).

Em outras palavras, todo aquele lugar se resumia em floresta, água, ou mata queimada e destruída pelos índios, em razão das perseguições a animais para alimentação e de outros jogos que ocorriam naquela época. No entanto, este seria um excelente lugar para a oportunidade de gozar a prática da pura adoração ao Senhor Jesus Cristo, algo que os puritanos tanto almejavam, e que foi prática constante na vida de Jonathan Edwards (EDWARDS, 2010, 86-87).

Thomas Hooker (1586-1647), pregador puritano, parente distante da futura esposa de Edwards, partiu para a direção oeste da baía em junho de 1636, fixando-se num lugar que eles denominaram Hartford.¹⁹ E próximo dali, ao norte deste local ficava Windsor, onde nasceria Jonathan Edwards, em 1703. O bisavô de Jonathan Edwards chamava-se Willians Edwards, e era comerciante. Ele foi o primeiro da família Edwards a chegar. Jonathan representou a quarta geração de puritanos.

O avô de Jonathan Edwards chamava-se Richard Edwards. Nasceu em 1647, e foi um homem que, na sua velhice, sendo como o pai, um comerciante moderadamente próspero, ainda lutaria por um comércio mais estável na região. O patrimônio que deixou refletia seu sucesso como homem de negócios. Não teve vida fácil, mas parecia ter algo dentro de si que o fazia vencer as provações e continuar a caminhada, sempre com a fidelidade, a vigilância e a humildade de um verdadeiro puritano. Possivelmente, esta foi a maior herança recebida por Jonathan Edwards do seu avô paterno, a santidade de Richard Edwards, elemento determinante para suas ações no século seguinte.

O pai de Jonathan Edwards chamava-se Timothy Edwards. Era filho de Richard, e tinha grande admiração pelo caráter de seu pai. Timothy o considerava alguém possuidor de grande alegria, temperamento divertido e agradável, com avidez por leitura e conhecimento

¹⁹O puritanismo foi a religião dominante em quatro colônias americanas: Plymouth; Massachusetts (que absorveu Plymouth em 1691); Connecticut, que surgiu em 1636 quando vários pastores sob a direção do Rev. Thomas Hooker levaram colonos de Massachusetts para o vale do Rio Connecticut; e New Haven, fundada em 1638 sob a liderança do Rev. John Davenport e do governador Theophilus Eaton. Em 1662 estas duas últimas colônias tornaram-se uma só. A primeira geração de colonos puritanos acreditou que seria possível realizar o seu grande projeto de reforma que se mostrara inviável na Inglaterra. O padrão foi estabelecido por Massachusetts e ficou conhecido como “New England Way” (O Caminho da Nova Inglaterra). Logo que chegaram, os ministros e os magistrados concordaram na necessidade de evidências mais visíveis de conversão. Deu-se uma nova ênfase à experiência de conversão como critério para a plena admissão na igreja. Os candidatos a membros deviam não só aceitar as doutrinas puritanas e viver com integridade, mas também testemunhar diante dos irmãos que haviam experimentado a graça redentora de Deus. Aqueles que pudessem testificar de modo aceitável acerca de sua salvação constituíam igrejas pela aliança de uns com os outros.

criativo. O filho via no pai uma atitude especial para com Deus, através da busca pela sua presença com grande afetuosidade.

Possivelmente, Jonathan Edwards tenha visto tanta afeição por dentro de sua casa, que se tornou um adorador pelo exemplo dos pais. Timothy foi estudar no Harvard College, em 1687, com grande incentivo de seu pai, sob a orientação que poderiam surgir dificuldades, mas que o filho lembrasse que Deus era muito poderoso, todo suficiente, e que estaria com ele em todas as situações.

Em 4 de julho de 1691, Timothy graduou-se com a Harvard Class, recebendo ao mesmo tempo os graus de Bacharel e Mestre em Arte. Nesse tempo, conheceu Esther Stoddard, sua futura esposa e mãe de Jonathan Edwards. Esther era filha de Solomon Stoddard, um influente pastor de Northampton, Massachussets, há muitos anos pastoreando e sendo um grande líder da sua época. Possivelmente, esta tenha sido a maior influência recebida por Jonathan Edwards de seu avô materno. Uma forte influência pastoral de Solomon Stoddard determinaria suas ações no século seguinte (KAPIE, 2004, p.93).

Em 6 de novembro de 1694, Timothy casou-se com Esther Stoddard em Northampton e, uma semana depois, foi para Windsor, juntamente com sua esposa para o primeiro desafio como pastor. Quatro meses depois, ele foi ordenado pastor. Foi um período que serviu profundamente para confirmar seu chamado. Então, no dia 5 de outubro de 1703, nesta mesma cidade de East Windsor, nasceu Jonathan Edwards (MARSDEN, 2003, 14). Quatro irmãs, Esther, Elizabeth, Ann e Mary, teriam vindo antes dele. E outras seis estariam para vir depois. Enfim, Jonathan Edwards seria o único filho homem entre as suas dez irmãs.

3.2 Influências estruturais advindas da Família²⁰

O destaque é a formação familiar. Timothy e Esther exerceram grande influência na educação de seus filhos. Por parte de seu pai, Jonathan herdou o vigor de entendimento, a vivacidade, a disposição, a disciplina e coisas desse gênero, colocadas em prática no difícil ministério pastoral da época. De sua mãe, herdou a gentileza, a nobreza, a educação refinada, e o notável temor pelas coisas celestiais.

A educação sempre exerceu fascínio em Edwards. Ela chegou pelos avós, em seguida pelos pais, e por conseguinte, pela universidade. Isso marcou o seu caráter de tal maneira que ao sair do Yale College, ele se tornou um propagador do colégio ao refletir os seus ensinamentos a toda uma sociedade.

Voltando à sua infância, vemos que respeito e reverência eram palavras comuns e de fácil entendimento na família Edwards. Esther, sua mãe, sempre possuiu um zelo tão grande acerca das coisas eternas que tinha receio e temor de professar sua fé em Cristo publicamente. Na verdade, tinha preocupação com uma conversão superficial e prematura. Era singularmente piedosa, antes mesmo de experimentar a força da segurança de sua própria salvação, e com isso, influenciou muito seu filho com sua particular, misteriosa e profunda espiritualidade.

A sua devoção, sua paixão pelos livros e seu conhecimento teológico completavam um raro quadro de referências para a conversão de Jonathan Edwards, que possivelmente tenha ocorrido entre os anos 1720-1725 (ALLEN, 1889, p.36). Mais tarde, Jonathan Edwards afirmaria que "o que aprendeu em casa sobre a soberania de Deus se tornou uma doutrina agradável e gloriosa a ser conhecida, experimentada e apreciada, tanto que o acompanharia como um fervor em sua alma por toda a sua vida". (SIMONSON, 1974, p.17).

Timothy, seu pai, possuía conhecimento das línguas bíblicas originais. Eram ferramentas constantes para a leitura e interpretação da Bíblia. Também era leitor assíduo de poesia e estudante da natureza, o que foi assimilado por Edwards, pois apreciava a beleza da

²⁰ Timothy e Esther influenciaram o filho através dos princípios bíblicos aplicados em casa, o que o levou a ser um marido e pai de família que reproduziu ensinamentos estruturais na sua casa e igreja.

natureza, tanto quanto o pai. Portanto, a admiração de Jonathan Edwards pela criação divina começou na sua infância, em East Windsor, para culminar em um bom observador da natureza.

Quando completou dez anos, escreveu um tratado semi-humorístico sobre a imaterialidade da alma. Ele também estava interessado em história natural, por isso, o ensaio sobre os hábitos das aranhas, escrito aos doze anos de idade, baseado em suas próprias observações, revelaria um gênio indutivo e empírico de primeira ordem.

O Dr. Henry C. McCook (1837-1911), admite ter aprendido com o "maestro Jonathan Edwards", que já havia descrito 150 anos antes o que ele pensara haver descoberto (McCOOK, 1890, p. 393-402).

Já o professor Benjamin Silliman (1779-1864) falando sobre Edwards, afirmou que se ele tivesse dedicado mais tempo à ciência física, "poderia surgido outro Newton na extraordinária época em que começou sua carreira" (JACKMAN, 1979, p.99-106), e justificava que Jonathan não se entregou à física, não pela incapacidade para tais estudos, mas por uma profunda convicção de que a física e o externo tem pouco peso comparado ao interno e espiritual.

Mas seu pai, de fato, lhe ensinou muitas coisas e teve uma grande influência sobre sua educação cristã, ensinando uma vida de auto-exame e devoção pessoal (GERSTNER, 1987, p.91). Ele usava o método da memorização para ensinar línguas bíblicas originais aos filhos, encorajando-os a um auto-empenho e uma iniciativa individual. A palavra memorizada deveria ser recitada e escrita. O hábito de escrever foi transmitido desde sua tenra infância, para permanecer com ele por todos os seus dias de existência (NICHOLS, 2001, p.30). Em 1711, britânicos e franceses colidiram na América do Norte.

Houve guerra e o pastor Timothy foi convocado para ser capelão. Isso trouxe conseqüências no lar da família Edwards, pois afetou Jonathan em seu aprendizado no lar. Por outro lado, ele aprendeu muito com a vida ministerial de seu pai. Começou a perceber que o pastorado de uma Igreja traz consigo problemas inevitáveis. Por mais quatro anos, entre os sete e onze anos de idade, ele viveria um considerável conflito na paróquia de seu pai. O conflito se deu em razão da necessidade de um novo local para as reuniões. Era um tempo de funções eclesiásticas ainda indefinidas em muitos aspectos. Ideias diferentes entre o pastor e a igreja geraram um conflito, que demorou a ser solucionado.

A autoridade dos pastores e o governo da igreja foram assuntos difíceis e de intensa discussão no tempo do ministério de Timothy, trazendo a ele muitas lutas pessoais. O sistema

de governo era originalmente congregacional, sendo que as decisões deveriam vir do povo em assembleia. Mas, muitos pastores tinham grande influência pessoal, e relutavam em aceitar decisões contrárias às suas. E Timothy Edwards, como outros ministros, foi forçado a enfatizar a prerrogativa de líder.

Algum tempo depois, isso foi entendido como um autoritarismo clerical. Este fato causou grandes preocupações na família Edwards, muitos dissabores com a igreja, e um duro aprendizado para Jonathan Edwards: lidar com as oposições (TRACY, 1980, p.171).

Connecticut cresceu. As cidades avançaram muito nos anos da juventude de Jonathan Edwards. Este crescimento populacional prenunciou a queda do padrão espiritual nas igrejas, sendo que muitos eram indiferentes à fé, e indiferentes aos pastores. O ofício pastoral estava esvaziado de sentido para muitos. Ele era um servo espiritual de Deus na igreja, ou ele era um servo administrador da igreja de Deus?

Edwards necessitou disso para conviver com os grandes problemas vividos por seu pai no pastorado. Era um tempo de controvérsias e, na questão do governo da igreja, muitas vezes os próprios ministros eram parte do problema. Assim, com a disciplina atenuada, com uma doutrina branda, e uma pregação dócil e superficial, as igrejas foram perdendo vigor. Deste tempo, possivelmente, Jonathan Edwards tenha aprendido que a Glória de Deus era mais importante que uma igreja aparentemente tranquila, mas sem vigor espiritual.

Contudo, em East Windsor, tanto na igreja como no lar, ele experimentou um pouco do genuíno avivamento da religião. Havia ocasiões em que a presença de Deus era especialmente evidente na comunidade. Quando o senso da eternidade se enfraquecia, de repente uma extraordinária seriedade espiritual penetrava a paróquia como um todo. E assim, ele começaria a definir o termo Santidade: "Ter parte na santidade de Deus através do Espírito Santo que vive no cristão professo. Isso é santidade" (EDWARDS, 1971, p. 72). No final de sua vida, escrevendo sobre essa época, Edwards disse em uma das suas cartas:

A paróquia de meu estimado pai foi, em algumas ocasiões, um lugar bastante favorecido com as misericórdias dessa natureza, no lado oeste da Nova Inglaterra, exceto Northampton, que experimentou quatro ou cinco derramamentos do Espírito para um despertar geral do povo. Eu acho que em média, mais de 30 pessoas vêm à igreja, toda as segundas-feiras, falar com papai sobre o estado de suas almas.²¹

²¹ Esta carta foi escrita à sua irmã Mary Edwards em 10 de maio de 1716 quando Jonathan Edwards completava 13 anos de vida.

Jonathan Edwards viveu dois períodos de intensa espiritualidade em sua infância.

Falando de sua experiência pessoal ele escreve:

Eu tive uma diversidade de inquietações e exercícios acerca de minha alma na infância; mas tive duas ocasiões mais notáveis de despertar, antes de encontrar aquela mudança pela qual fui conduzido, para estas novas disposições, este novo senso das coisas, que tenho tido desde então. O primeiro momento foi quando eu era menino, alguns anos antes de ter ido para o colégio, em uma ocasião de despertar na congregação de meu pai. Fui então muitíssimo afetado por muitos meses, e inquietado acerca das coisas da religião, e da salvação da minha alma... experimentei e não conhecia aquele tipo de deleite na religião. Minha mente estava muito engajada nisto, tinha muita satisfação em minha própria justiça, e foi meu prazer abundar nos deveres religiosos. Eu e alguns dos meus colegas de escola nos unimos e juntos construímos uma barraca em um brejo, em um sítio bem retirado, para ser um lugar de oração. E, além disso, eu tinha um local particular e secreto propriamente meu na floresta, onde eu usava para retirar-me, e fui durante um tempo muito afetado... (MARS DEN, 2003, p. 25).

Em meio a todos esses acontecimentos, Edwards permanecia observando, aprendendo, crescendo e, em sua juventude, viveu ocasiões que contribuiriam para sua futura formação. Os fatos da história eram comandados por Deus ou pelos homens? Ele confessa que precisou de tempo para entender a soberania de Deus, mas que, ao compreender, tinha "não somente uma convicção, mas uma convicção prazerosa" (EDWARDS, 1998, p. 27).²²

²² Extraído da revista Fé para Hoje, número 37, 2012.

3.3 Influências formativas advindas da Escola²³

O destaque é a formação educacional. Em outubro de 1716, antes de ter 13 anos, Jonathan Edwards ingressou no Collegiate School of Connecticut, aprendendo rapidamente a língua grega e hebraica (TRACY, 1980. p. 52). Timothy, seu pai, havia estudado no Harvard College, que fora a escola básica dos puritanos até então, ensinando como principal fim de suas vidas e estudos, conhecer a Deus em Jesus Cristo. Mas isso vinha mudando, pois havia suspeitas de secularização na escola, o que fez Timothy conduzir o seu filho para uma nova escola, o Collegiate School of Connecticut. Neste lugar preservava-se a tradição puritana, "onde ele certamente ficaria seguro das influências da secularização" (MARSDEN, 2003, p. 14).

O colégio ensinava a teologia prática, apoiava-se na doutrina da confissão de Westminster, em todos os caminhos com a melhor discrição e em todo tempo com esmerado empenho na educação dos estudantes. E tudo isso, para promover o poder e a pureza da religião, e a melhor edificação das igrejas da Nova Inglaterra. Desde muito cedo Edwards acessou a autores escolásticos como: William Ames (1576-1633), Christ's College, Cambridge, Franeker; John Flavel (1630-1691), Oxford; Petrus van Mastricht (1630-1706), Duisburg, Utrecht, Heidelberg, Oxford; John Owen (1616-1683), Oxford; John Preston (1587-1628), King's College, Cambridge; Thomas Shepard (1605-1649), Emmanuel College, Cambridge; Solomon Stoddard (1643-1729), Harvard College; Francois Turretini (1623-1687), Leyden, Paris, Genebra.

Por isso, Timothy optou por direcionar Jonathan ao Collegiate School of Connecticut, que mais tarde passaria a denominar-se Yale College, e finalmente Yale University.

Isso não significava que o colégio fosse perfeito. Numa das cartas ao pai, explicando alguns fatos ocorridos na instituição, ele escreve:

Embora que esses distúrbios tenham sido rapidamente controlados, parece que existem a bastante tempo no colégio. Falo de impiedade e imoralidade,

²³ O Yale College deu formas claras (estética) a um dos mais notáveis ministérios escolásticos da história cristã. Em alguma medida, podemos afirmar que o aluno reproduziu tanto o que aprendeu que tornou-se uma referência igual ou maior em Teologia Reformada para sua geração.

como roubo de galinhas, gansos, perus, porcos, caminhadas noturnas às escondidas, arrombamento de janelas das casas das pessoas, uso de linguagem obscena, e muito mais. Eu nunca tinha visto fatos assim no colégio como agora. O reitor convocou uma reunião dos curadores, eles são esperados hoje, e penso que o resultado será a expulsão de alguns, como a admoestação pública a outros. Através da bondade de Deus estou perfeitamente livre de todas estas armadilhas. Tenho boas amizades com meus companheiros de classe. Nela, não há contendas entre nós, apenas algumas divergências, mas tenho esperança que serão resolvidas a contento, ainda nesta reunião de curadores.²⁴

No novo colégio, Edwards familiarizou-se com obras como "O Ensaio sobre o Entendimento Humano" de John Locke, que o influenciou muito. Assim, entre outras coisas, se tornaria um metafísico, passando a entender a profunda espiritualidade e também o conteúdo da nova ciência associada com Newton e Locke.

Segundo Edwards, descobrir as razões das coisas na filosofia natural era descobrir a proporção da atuação de Deus. Numa de suas cartas, ele fala do seu entusiasmo pelos ensinamentos:

Eu sou sensível acerca da preciosidade do meu tempo e estou resolvido, não serei negligente. Eu procuro absorver o grande conteúdo ensinado, assim também laçarem os outros estudantes. Mister Cutler é extraordinariamente cortês para nós, tem um bom espírito de governo, mantém a Escola de forma excelente, Parece investir em aprendizagem, e é amado e respeitado por todos.²⁵

No Yale College estudava-se a doutrina cristã semanalmente, tendo como base a Confissão de Fé de Westminster e o Breve Catecismo de Westminster, que era recitado sempre aos sábados a noite. Quando Edwards tinha 16 anos, em 1719, recebeu várias honras por seu empenho e destreza no bom uso das ferramentas de aprendizado, sendo ele um estudante ainda não graduado.

Foi neste tempo, aproximadamente em maio ou abril de 1721 que Edwards experimentou sua conversão. Sobre isso ele destaca:

O primeiro momento que eu me lembro daquele tipo de deleite interior em Deus e nas coisas divinas, e, desde então tenho experimentado isso, foi na leitura daquelas palavras de 1Timóteo 1:17. "Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém." Na medida em que eu lia as palavras, veio em minha alma, como se estivesse derramado por toda ela, um senso da glória do Ser Divino; um novo senso, muito diferente de qualquer coisa que eu tenha experimentado antes. Nunca outras palavras da Bíblia pareceram iguais a estas palavras. Eu pensei comigo mesmo, quão excelente aquele Ser era e quão feliz eu deveria ser se eu pudesse desfrutar daquele Deus e ser levado para Deus no Céu e ser de

²⁴ Esta carta foi escrita ao seu pai Timothy Edwards em 01 de março de 1721 quando Jonathan Edwards estava com 19 anos, momento em que o colégio passava por algumas turbulências.

²⁵ Carta ao seu pai Timothy Edwards em 24 de julho de 1719.

fato envolvido por Ele. Eu continuei dizendo e, de fato, cantando estas palavras da Bíblia para mim mesmo; e fui orar, orar a Deus para que eu pudesse desfrutá-lo, e orei de uma maneira realmente diferente daquela que costumava fazer, com um novo tipo de afeição. Mas nunca veio ao meu pensamento que aquilo era algo espiritual, ou de uma maneira salvadora. A partir daquele tempo, eu comecei a ter um novo tipo de compreensão e ideias a respeito de Cristo, e da obra da redenção e do glorioso caminho da salvação através Dele. Eu tinha um doce senso interior destas coisas, que, às vezes, vinham ao meu coração; e a minha alma era conduzida em agradáveis vistas e contemplações delas. E a minha mente estava grandemente engajada em gastar meu tempo em ler e meditar sobre Cristo; e a beleza e a excelência de Sua pessoa, e o amável caminho da salvação, pela livre graça. Nele... Este senso que eu tinha das coisas divinas freqüentemente e repentinamente se inflamava, como uma doce chama em meu coração; um ardor de alma, que eu não sei como expressar (EDWARDS, 1998, p. 103).²⁶

E entre aqueles que receberam o Bacharelado em Artes, seu nome estava em destaque. Após este período, ele continuou seus estudos por mais dois anos em New Haven, para mais tarde receber, também com destaque, a graduação de Mestre em Artes no verão de 1723 (NICHOLS, 2001, p. 36).

No ministério, quem e o que o influenciaria? Num tempo de correntes teológicas antagônicas, protagonizados por calvinismo e arminianismo, qual seria a posição do jovem pastor?

Entre 1722 e 1723, foi obreiro substituto durante oito meses, mesmo sem ser pastor ainda, em uma pequena igreja presbiteriana em Nova York. A igreja encorajou-o a ficar lá, mas ele recusou o pedido. Depois de passar dois meses de estudo em casa, entre 1724 e 1726 foi um dos dois tutores na Universidade de Yale, ganhando o nome de “tutor pilar” por sua lealdade inabalável para com a universidade e seu ensino ortodoxo (KLING, 2003, p. 160).

Depois disso, Jonathan Edwards foi pastor auxiliar em Northampton. Com a morte do pastor titular, seu avô Solomon Stoddard, assumiu a igreja por 23 anos, entre 1727 e 1750.

Mas os tempos eram difíceis. Em 1729, Edwards faz uma análise do estado da fé que ele percebia nos cristãos da época, desde a morte do seu avô Solomon Stoddard:

A maior parte das pessoas parece estar insensível para com a religião e preocupada em outros cuidados e projetos. Logo depois da morte de meu avô, a época parecia ser de extrema indiferença para com a religião. A licenciosidade, por alguns anos, prevaleceu entre a juventude da cidade; vários deles gostavam muito de andar à noite, frequentar a taverna, e praticavam coisas impuras, nas quais alguns, por seu exemplo, corrompiam excessivamente aos outros. Era costume, com muita freqüência, se ajuntarem, para reuniões de ambos os sexos para brincadeiras e gargalhadas,

²⁶ Para os puritanos, afirmar a conversão implicava testemunho obrigatório, fato que os levava a demonstrar publicamente de maneira muito comedida e tardia (depois dos vinte anos de idade), para que o nome de Jesus Cristo sempre fosse glorificado, e nunca envergonhado. É possível saber mais sobre a conversão de Jonathan Edwards em EDWARDS, J., *The Works of Jonathan Edwards*, New Haven, Yale University Press, 1998, v. 16, p.102-104.

que eles chamavam de diversão; e eles muitas vezes gastavam a maior parte das noites nessas brincadeiras, sem se preocupar com alguma ordem nas famílias às quais pertenciam: e, de fato, o governo familiar falhou muito na cidade. Tornou-se muito comum, para muitos dos nossos jovens, serem indecentes nas suas carruagens ao ir para a reunião, o que teria prevalecido se meu avô, mesmo na sua idade, (ainda que ele tenha retido os seus poderes até o fim) não tivesse sido capaz de observá-los. Tem prevalecido um espírito de contenda entre dois partidos, nos quais por muitos anos eles têm estado divididos; tendo ciúme um do outro, e preparados para se oporem mutuamente em todos os negócios públicos. Muitos dos adultos da congregação foram levados pela busca da riqueza e propriedades, e não pela busca de Deus e de Seu Reino. Exteriormente eles pareciam respeitáveis e ortodoxos, mas interiormente lhes faltava a religião do coração (EDWARDS, 1998, p.207-209)

Alguns anos depois, viveria a experiência do despertar de milhares de pessoas para Cristo, fazendo dele um ícone do movimento conhecido como “O Grande Despertar”.²⁷ Ele se tornou conhecido e respeitado como pastor e pregador. Então escreve de forma diferente:

Nossas assembleias públicas eram então lindas: a congregação era ativa nos serviços a Deus, cada um era zelosamente atento à adoração pública, cada ouvinte ávido para "beber" das palavras dos ministros, da forma que vinham de sua boca; a assembleia em geral estava, de tempo em tempo, em silêncio enquanto a Palavra era pregada; alguns chorando com tristeza e angústia, outros com alegria e amor e outros com piedade e interesse pelas almas de seus vizinhos. Nossos louvores públicos eram então grandemente animados, Deus era servido em nossos cânticos de Salmos e em grande medida na beleza de Sua santidade... pessoas, após sua conversão, falavam das coisas da religião como algo novo para elas: que a pregação era algo novo; parecia que nunca tinham visto antes; que a Bíblia era um novo livro; descobriam novos capítulos, novos Salmos, novas histórias, porque eles viam-se sob uma nova luz... lendo o Novo Testamento e interessando-se pelo sacrifício de Cristo pelos pecadores, uma velhinha de 70 anos parecia admirada com o que lia, o quanto era real e muito maravilhoso, mas completamente novo para ela... (EDWARDS, 1998, p 233-235)

Edwards amadureceu em meio a uma luta apologética pelo cristianismo verdadeiro, convivendo com os dois extremos do momento, a Velha Luz (Old Lights) e a Nova Luz (New

²⁷Houve uma ênfase na pregação naquela região pelos “Dominie”, como eram chamados os ministros da Igreja Reformada Holandesa. Theodore J. Frelinghuysen, era o pastor de uma destas igrejas, que eram muitas por causa da antiga colonização holandesa e que continuaram a crescer mesmo depois da conquista de Nova Amsterdã pelos ingleses. Nesse sentido, o Rev. Theodore era herdeiro de uma ênfase do puritanismo holandês, que por sua vez tinha recebido muita influência do puritanismo inglês, não somente uma doutrina e fé bíblicas, mas também uma ética e comportamento bíblicos. Quando, pois, o jovem ministro Gilbert Tennent começou a pregar como o seu colega reformado em 1733, isso não foi algo estranho ao puritanismo presbiteriano americano. Ao mesmo tempo, o Senhor estava operando nas Igrejas Congregacionais do nordeste americano (1734) e algum tempo depois o Rev. Jonathan Edwards pregou o seu célebre sermão "Pecadores nas mãos de um Deus irado" (1741). Na Inglaterra, a pregação de George Whitefield e de John Wesley levava muitas pessoas ao Senhor, e quando Whitefield fez uma campanha evangelística nas colônias (1739-1741), em dois anos mais de trinta mil pessoas foram ganhas, ou seja, 10% da população americana da época. Extraído do texto de Francisco Leonardo Schalkwijk, Aprendendo da História dos Avivamentos. Fides Reformata II/2 (Julho/Dezembro 1997. Ver mais em Gerald F. De Jong, The Dutch Reformed Church in the American Colonies (Grand Rapids: Eerdmans, 1978). Ver também A. A. Dallimore, George Whitefield, 2 vols. ([London]: Ed. Banner of Truth Trust, [1970]).

Lights), tendo que, por inúmeras vezes, se posicionar contra o radicalismo de uma e o exagero de outra.

Contra o movimento chamado Old Lights, acusava-os de má teologia e tradicionalismo exagerado. Contra o movimento denominado New Lights, acusava-os de excessos acerca de manifestações espirituais, mas principalmente por se esquecerem facilmente de uma trilogia sustentada por Edwards: Escritura, razão e experiência.

O tempo passou, o avivamento perdeu intensidade, e por conta de um desentendimento com referência a ceia do Senhor, ele foi demitido da igreja de Northampton, tendo de escolher um lugar para ir (LANDSMAN, 1997, p. 116).

Em seu sermão de despedida, triste e abatido, ele fala solenemente sobre o que espera daquela igreja acerca das coisas da religião:

Ao buscardes o futuro progresso dessa sociedade, é de maior importância que eviteis a contenda. Um povo contencioso é um povo miserável. As contendas que têm surgido entre nós desde que tenho sido vosso pastor tem sido o fardo mais pesado que tenho carregado no decurso do meu ministério – não somente as contendas que tendes tido comigo, mas aquelas que tendes tido uns com os outros por questão de terras e outros interesses. Eu já sabia muito bem que a contenda, o espírito inflamado, a maledicência e coisas semelhantes, eram frontalmente contrárias ao espírito do cristianismo e têm concorrido, de modo todo peculiar, para afastar o Espírito de Deus de um povo, a tornar sem efeito todos os seus meios de graça, além de destruir o conforto e o bem-estar temporal de cada um. Permita-me que vos exorte com todo o vigor, que, daqui para frente, todas as vezes que vos empenhardes na busca do vosso bem futuro, que vigieis atentamente contra um espírito contencioso: "se quiserdes ver dias bons, buscai a paz e segui-a conforme 2 Pe 3.10-11". Permita Deus que a última contenda acerca da Comunhão Cristã, que tem sido a maior de todas, seja também a última de todas. Neste momento, quando estou pregando o meu sermão de despedida, que eu possa dizer-vos o que o Apóstolo Paulo disse aos Coríntios em 2Co 13.11: "Finalmente irmãos, adeus, sede perfeitos, sede de um mesmo parecer, vivei em paz e o Deus de Paz seja convosco" (EDWARDS, 1998, p. 407)

Assim, na opinião de White (1991), percebe-se que ele estava no limiar de uma marcante decisão:

Quando o clamor popular diminuiu, quando os resultados dos avivamentos ficaram escassos, e as feridas da sua deposição estavam recentes, o teólogo da missão tornou-se um praticante da missão, no melhor estilo da tradição puritana reformada (p.70-71).

O local escolhido foi Stockbridge, onde havia um posto missionário. Edwards acreditava que o tratado Stockbridge com os Mohawks fora possivelmente um plano de Deus na sua providência. Vejamos o que ele escreveu:

Deus em sua providência parece abrir a porta para introduzir a luz do evangelho entre estas nações, mais do que nunca [ele] havia feito antes. E se nós, ingleses, falharmos em nossa parte, talvez não haja perspectiva de

outras grandes coisas para serem feitas. Provavelmente, na época atual, é agora ou nunca.²⁸

Ele, quase nunca, é lembrado como missionário. Talvez, pelo muito que produziu como literatura cristã. Contudo, esta parte da sua vida merece atenção, neste trabalho, porque pode representar uma conclusão ao ensino de avós, pais e universidade na vida de Jonathan Edwards. Pelo menos, esta é a linha de pensamento adotada. Qual a sua motivação? Quem o influenciou? Como seria o seu trabalho entre os índios? O que pretendia alcançar?

Um dos escritos da época responde a algumas destas indagações:

Quando Mr. Edwards foi contratado para a missão, ele estava com uma perspectiva esperançosa de ser extensivamente serviçal, acerca de cuidados e influências. Não somente sobre as tribos indígenas que vivem em Stockbridge, mas entre outras seis etnias. Algumas tribos vinham para Stockbridge e traziam crianças para serem educadas e instruídas ali. [...] Havia uma escola para estas crianças, destinada à educação de meninos e meninas, que eram vestidas e alimentadas, e instruídas por pessoas adequadas na aprendizagem proveitosa. (HOPKINS, 1765. p. 73)

Outro homem da época, o Reverendo W. Cooper, ao prefaciar um livro de Jonathan Edwards com o título "Marcas Distintivas de uma Obra do Espírito de Deus", esclarece o nível de desinteresse pela religião naqueles tempos, ao escrever:

Mas que época morta e estéril tem sido a atual, por um grande período, com todas as igrejas da Reforma! As chuvas de ouro foram retidas; as influências do Espírito foram suspensas; e a consequência foi que o evangelho não teve nenhum sucesso iminente. As conversões têm sido raras e duvidosas; poucos filhos e filhas têm nascido de Deus, e os corações dos cristãos já não são tão cheios de vida, calor e vigor sob as ordenanças, como eram. Que esse tem sido o triste estado da religião entre nós nesta terra, por muitos anos (exceto por um ou dois lugares notáveis que por vezes têm sido visitadas por chuvas de misericórdia, enquanto sobre outras cidades e igrejas não tem caído chuva alguma) será reconhecido por todos quantos tenham seus sentidos espirituais exercitados, como tem sido lamentado por fieis ministros e cristãos sérios (Citado por LLOYD JONES, no opúsculo Jonathan Edwards e a crucial importância do avivamento, p. 5-6)

Assim, num tempo de desinteresse pela religião, este homem é conduzido para a borda da fronteira onde viveria os últimos sete anos de sua vida, com experiências que ficariam registradas nos anais da história. O destino seria a pequena cidade de Stockbridge localizada ao sudoeste de Massachusetts, distante sessenta milhas de Northampton, perto do estado de Nova York onde havia um campo missionário (RONDA, 1978, p 25-27).

²⁸ Carta a Thomas Hubbard, porta-voz da Casa de Massachusetts, em 31 de Agosto de 1751

4. REGISTROS DOS SEUS PROPÓSITOS

4.1 Principais objeções aos seus propósitos missionários

O destaque é a oposição ao seu plano de viver ente os índios Stockbridge. Jonathan Edwards usou os últimos sete anos de sua vida para ir ao campo missionário (1751-1758), no entanto, academicamente, não há uma exploração maior acerca deste tempo, ainda que tenha sido o tempo dos maiores registros de sua vida, pelo menos em termos de documentação.

Numa carta, Abigail Sergeant, viúva do antigo missionário em Stockbridge escreveu manifestando todo o seu descontentamento com os esforços para a vinda de Jonathan Edwards:

Não aguento lhe dizer que nosso digno diácono (Timothy Woodbridge) está se esforçando para instalar o Sr. Edwards na missão sem demora, embora se tenha pedido a ele suficientemente que ele evite isso. Meu pai, Capitão Kellogg, o Sr. Jones, etc. estão rigorosamente contra isso... Que pessoa inapropriada é o Sr. Edwards, em quase todo aspecto, para esta obra. Não tenho tempo para mencionar 100 coisas que eu poderia gastar um dia para dizer. Será que os comissários não podem ser convencidos de que é extremamente importante que um cavalheiro seja jovem para aprender a língua; que tenha um espírito generoso, tolerante, não só para recomendar a si mesmo e a missão ao príncipe e outros no exterior, mas para fazer 40 vezes mais bem em sua casa? O Sr. Hopkins de Springfield está longe de pensar que é apropriado o cunhado dele vir para aqui. Ele disse isso francamente ao Sr. Woodbridge. Mas ele pode fazer com que os indígenas digam exatamente o que ele pede; e o pedido humilde deles com o desejo sincero dele será suficiente para o propósito.²⁹

É justo registrar também que a mesma Abigail escrevendo novamente a Ezra Stiles alguns meses depois, reconsiderou suas primeiras afirmações:

O senhor Edwards está conosco agora. Ele se comportou com sabedoria e prudência; e devo confessar que não estou nem um pouco desapontada com ele. Ele é erudito, educado e espontâneo na conversa, e mais tolerante do que eu tinha imaginado.³⁰

O fato é que o possível envio de Edwards incomodava alguns líderes do lugar, dentre eles, Ephraim Willians Júnior, que não mediu esforços para impedir tal fato. Vejamos o que ele escreveu a Jonathan Ashley Deerfield:

²⁹ Carta de Abigail Sergeant, viúva de John Sergeant, a Ezra Sales, em 06 de Novembro de 1750, a quem a família Willians esperava que fosse instalada em Stockbridge para o trabalho na aldeia.

³⁰ Carta de Abigail Sergeant a Ezra Stiles em 15 de Fevereiro de 1751.

Ele sabe que fiz tudo o que pude para impedir que ele viesse... É verdade que quando eles conversaram sobre instalá-lo, no início, eu era contra; apresentei as minhas razões e as enviei a ele como pessoa honesta... 1. Que ele não era sociável, cuja consequência é que ele não era apto para ensinar; 2. Ele era muito intolerante, pois ele não admitia qualquer pessoa no céu, a não ser aquelas que concordassem plenamente com as opiniões dele, uma doutrina muito marcada pela igreja romana; 3. Que ele era um homem velho, e que não era possível para ele aprender as línguas indígenas, portanto, não era possível que ele pudesse ser útil aos indígenas como um jovem que aprenderia a língua; 4. Seus princípios eram tais, se eu fui bem informado, que eu não poderia concordar com eles de forma alguma; que eu me esforcei para ler o seu livro, mas não consegui entendê-lo; que eu tinha ouvido quase todo cavalheiro no condado dizer o mesmo; e que em geral, eu acreditava que ele também não os entendia (SEDGWICK e MARQUAND, 1974, p. 61-62).³¹

Outro opositor de Edwards chamado Oliver Wendell Holmes desferiu um duro golpe ao afirmar que a sua presença era incômoda e indesejada:

Sua pregação é nada mais que uma agressão, uma bombástica agressão à sensibilidade, e como uma violência à razão, e tudo o mais (LLOYD JONES, s/d, p. 9).

À esta crítica, o próprio Jonathan Edwards respondeu:

Outra coisa da qual muitos ministros têm sido acusados, e penso que injustamente, é de transmitir grande terror aos que já estão aterrorizados, em vez de animá-los. Na verdade, se em tais casos os ministros andarem aterrorizando as pessoas com algo que não é verdadeiro, ou procurando atemorizá-las descrevendo a situação delas pior do que é, ou modificando-a nalgum aspecto, deverão ser condenados; não obstante, se as aterrorizam tão somente pelo fato de lançarem mais luz sobre elas, e de as fazerem entender mais da sua situação, deverão ser completamente justificados. Quando as consciências são grandemente despertadas pelo espírito de Deus, é-lhes comunicada alguma luz, capacitando os homens a enxergarem a sua situação, nalguma medida, como ela é; e se lhes for dirigida mais luz, esta os aterrorizará ainda mais. Contudo, os ministros não deverão, portanto, ser condenados por seu empenho em lançar mais luz à consciência, em vez de lhes aliviar a dor sob a qual se acham interceptando e obstruindo a luz que já brilha. Dizer qualquer coisa aos que jamais creram no Senhor Jesus Cristo, descrever a situação deles doutro modo, senão que é extraordinariamente terrível, não é pregar-lhes a Palavra de Deus; pois a Palavra de Deus só revela a verdade; mas isso é iludi-los (LLOYD JONES, s/d, p.9-10).

Pesava o fato de ser velho para os padrões da época, pois estava com quarenta e sete anos, e isso dificultava o aprendizado de uma língua nativa, e os seus escritos anteriores eram voltados para a cultura mais adiantada da sua época, assim, não fazia sentido deixar o mundo acadêmico para viver ente os índios iletrados do oeste de Massachusetts. Daí, a conjectura:

³¹ Citação em *Stockbridge, 1739-1974*, S.C. Sedgwick e C.S. Marquand, 1974, p. 61-62, extraído de Iain H. Murray *Jonathan Edwards, uma nova biografia*. São Paulo: PES, 2015. p 391.

Stockbridge proporcionou o tempo que Edwards precisava para estender a sua produção literária.

Isso é evidenciado por autores como Mark Knoll da seguinte forma:

"A sua mudança permitiu o tempo para completar vários tratados importantes, antes de morrer em 1758. Este foi o motivo da sua decisão".³²

Havia um entendimento, como já foi afirmado antes, que os seus sermões eram pregados, baseando-se em textos bíblicos já expostos anteriormente, apenas com ilustrações novas (WILLIAMS, 1970, p. 74-75).

Outro estudioso de Edwards, Norman Petit, escrevendo sobre a publicação da vida de David Brainerd, observa que:

Edwards, é claro, não estava tão interessado na salvação dos índios como em seu compromisso com uma causa santa e maior, no caso, escrever. Por isso, o tempo em Stockbridge colaborou para que pudesse trabalhar em suas obras. Depois de 23 anos cansativos no pastorado de uma grande igreja, nada como o descanso e o lazer de uma pequena aldeia para escrever sem ser interrompido.³³

Assim, entendemos que para alguns pairava dúvidas sobre a decisão de viver entre os índios. Seria para descansar de um tempo desgastante? Seria somente para enfatizar a escrita, sem ser interrompido?

Stockbridge ofereceu ao Mr. Edwards mais quietude e, em muitas outras coisas, muito mais conforto em relação ao que estava vivendo antes disso. Ele estava no canto do país, seu tempo não era muito exigido, como em Northampton, apenas, alguns de seus amigos de muitas partes do mundo sempre faziam prazerosas e rentáveis visitas. Ele não tinha tantas preocupações e problemas com outras igrejas como ele era obrigado a ter quando era pastor em Northampton, quando também frequentemente travava luta com o conselho e nos concílios. Ele, então, seguiu seu amado estudo mais de perto, e com mais propósito do que antes. Em seis anos, sem dúvida ele avançou em em conhecimento mais do antes, e acrescentou mais para seus manuscritos do que em quaisquer outros seis anos de sua vida (HOPKINS, 1765, p.74).

Assim, tudo isso foi conjecturado como verdade, mas haveria alguma outra razão, que transcendesse o que parecia evidente? Em cartas a seu amigo John Erskine ele se defende do Brigadeiro Joseph Dwight, que, aliado da família Williams, esforça-se para separá-lo de Mr

³² Para mais argumentos acerca da sua falta de vocação para a missão, ver Elizabeth Winslow, *Jonathan Edwards 1703-1758*, (New York: Collier Books, 1961), p. 243. Ver também o artigo: *O Nascer do Evangelicalismo*, sob o título *The Age of Edwards, Whitefield and the Wesleys* (Downers Grove: Intervarsity Press, 2003), p.179.

³³ Norman Petit está interpretando o que Jonathan Edwards escreveu sobre a vocação missionária de David Brainerd em Edwards, J. *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven: Yale University Press, 1985), vol. 7, *The Life of David Brainerd*, ed. Norman Pettit. 245 n. 8.

Gideon Hawley, um dos instrutores em Stockbridge, acusando-o de ser inflexível e enérgico em demasia, opondo-se à sua pregação e ensino entre os índios, e criando dificuldades à sua permanência entre os Mohawks (HOPKINS, 1765, p. 103-107).

A primeira crítica recai sobre um erro de aplicação de dinheiro, que fora destinado para construir um anexo para a escola na aldeia, e foi usado para construir uma grande casa para ele, junto às suas terras. E a segunda crítica aponta para uma artimanha no intuito de anexar seis tribos aos domínios ingleses através da distribuição de presentes e outras coisas que pudessem conquistá-los.³⁴

Vejamos o que o próprio Edwards escreveu sobre a administração do seu tempo em Stockbridge:

Meu ofício é pregar dois sermões por semana para os brancos, assim como um, por um intérprete, aos *Housatonnucks*, e um para os *Mohawks*; e também catequizar os filhos dos brancos, os *Housatonnucks*, e os *Mohawks*; Por isso, não há tempo para qualquer trabalho adicional. Comecei, no último mês de agosto, a escrever um pouco sobre a controvérsia arminiana, mas logo fui interrompido. E tal tem sido o meu extraordinário trabalho cheio de obstáculos, que eu não tive tempo para colocar a caneta sobre o papel, sobre este assunto, desde então. Mas espero que Deus, na sua providência, favoreça-me com alguma oportunidade de continuar o projeto, e eu peço suas orações para que Deus me ajude nisso.³⁵

Segundo Ola Winslow, para muitos, ele não era um legítimo missionário, não tinha o perfil de um missionário, e não conseguiria fazer o trabalho de um missionário (WINSLOW, 1961, p. 57).

Assim, enquanto as objeções cresciam e geravam uma instabilidade generalizada, Edwards procurava com dedicação mista entre os índios e os colonos, desenvolver o seu trabalho, sempre procurando dedicar algum tempo para a escrita.

³⁴ Carta de Jonathan Edwards a John Erskine em 07 de Julho de 1752

³⁵ Carta de Jonathan Edwards a John Erskine em 23 de novembro de 1752.

4.2 Principais afirmações aos seus propósitos missionários

Certamente David Brainerd foi uma notável influência para a sua decisão de mudar para a aldeia. Ele acompanhou os últimos dias de vida do jovem missionário, e todas as implicações de um ministério de condensação, em que o missionário teria de simplificar a mensagem ao máximo, sem perder o conteúdo necessário.

Vejamos o que Edwards escreveu sobre Brainerd, mas que é entendido como uma autobiografia por conta da admiração pela decisão de ir ao encontro dos índios, em detrimento de outros convites:

Com os convites que o Sr. Brainerd havia recebido ultimamente, parece que não foi por necessidade, ou por falta de oportunidades para se instalar no ministério entre os ingleses, apesar da desgraça que ele havia sofrido na faculdade, que estava determinado a abandonar e seguir para o trabalho missionário. Todos os confortos exteriores a serem desfrutados nos assentamentos ingleses, não impediram a decisão de passar a sua vida entre os selvagens brutais e suportar as dificuldades e renúncias numa missão indiana. Ele tinha, assim como estava saindo de Kaunaumeeek, um convite para pastorear em East Hampton em Long Island ... Além do convite que ele tinha para Millington; Que estava perto de sua cidade natal, e no meio de seus amigos. Contudo, o Sr. Brainerd escolheu ser um missionário para os índios, em detrimento a esses convites, mesmo estando familiarizado com as dificuldades e sofrimentos que assistiriam a tal serviço: pois ele tinha tido experiência dessas dificuldades no verão e no inverno passados; Tendo passado cerca de dois meses em um deserto solitário entre os indígenas, onde ele tinha passado por dificuldades extremas, e fora objeto de uma série de tristezas externas e internas, que agora estavam frescas em sua mente. Apesar de todas essas coisas, ele ainda queria continuar com o projeto, ainda que o lugar que ele estava indo agora, estava em uma distância ainda muito maior da maioria de seus amigos, conhecidos e terra nativa.³⁶

O destaque é a decisão de mudar para um lugar praticamente inóspito e permanecer ali por sete anos contra todas as expectativas.

Jonathan Edwards, assim que chegou à aldeia, registrou numa carta:

Deus em sua divina providência parece agora estar abrindo a porta para a Luz do Evangelho entre estas nações, mais do que anteriormente. E se nós

³⁶ EDWARDS, J., *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven: Yale University Press, 1985), vol. 7, *The Life of David Brainerd*, ed. Norman Pettit. 245-250

ingleses não falharmos, parece haver uma excelente perspectiva de grandes coisas sendo feitas, com provável bonança em nossa temporada.³⁷

Ele pode ter pregado sermões antigos, mas geralmente, para a congregação de brancos. Para os índios, houve uma disposição para novos sermões, com ilustração do conhecimento cultural deles. E neste ponto, fica evidente a preocupação com a cultura local, e a necessidade do exercício da alteridade em três formas: Educou os moicanos sem ferir os valores locais, como a língua moicana ao utilizar um intérprete que contribuiu para a preservação da língua nativa; Simplificou a mensagem sem perder o conteúdo teológico e doutrinário; Defendeu incansavelmente os interesses dos índios, inclusive pela manutenção de uma escola para meninos e meninas, nunca desejando fazer parte de um projeto de dominação.

Um ano depois de sua chegada a Stockbridge, ele escreveu:

Há muitas coisas novas com um aspecto esperançoso e promissor em nossos assuntos acerca dos Houssatunnuck ou índios Stockbridge que são uma parte da tribo dos índios do rio (como são chamados, porque eles moravam perto do Rio Hudson, quando o Sr. Sergeant veio pela primeira vez para cá), cerca de 50 pessoas entre jovens e velhos, na época. Mas eles têm aumentado gradualmente com a chegada de novos que se estabelecem aqui por conta da expectativa de instrução na aldeia. De fato, agora são aproximadamente 250 pessoas. Há neste lugar uma espécie de cidade quartel para a nação indígena, quase todos da etnia estão concentrados aqui. Aqui eles têm o desafio de superar suas lutas internas como ciúmes e outros sentimentos. Mas a sua maior preocupação é com os ingleses. Eles temem algum projeto nocivo a eles, que no fim, os faça escravos dos ingleses, eles e seus filhos. Eles não são muito civilizados e sempre temos a impressão de que alguma coisa grave está acontecendo no meio deles. Há uma escola aqui que, desde o início, é mantida para a instrução de sua crianças, e muitos está sob os cuidados do Sr. Timothy Woodbridge, um homem de boas habilidades e um cavalheiro de disposição generosa. E por praticar uma conduta aceitável tem a confiança dos nativos, tendo ascendência sobre eles com grande respeito. Mas a escola não desenvolve suas funções como poderia desenvolver, devido a grandes dificuldades, dentre elas, a desorganização e má administração de recursos por conta dos antigos administradores. Esperamos poder dias melhora para a escola, com um suporte melhor. Ele parece muito animado no trabalho e empenhado em servir na educação local para que no futura tenhamos uma grande escola. Há um índio, cujo nome é John Waunwaunpequunaunt, que também é meu intérprete, homem extraordinário que entende o idioma inglês perfeitamente, sendo um bom leitor e escritor. Ele é um excelente intérprete com excelente conhecimento das coisas da religião, da divindade e da fé. Talvez nunca tenha havido um índio educado na América que o exceda em conhecimento e compreensão da divindade. No entanto, ele até agora não foi tocado interiormente, como deve ser para a salvação. Percebo que ele está muito mais cuidadoso acerca das coisas da religião, e os assuntos da fé parecem ter muito peso sobre sua mente, sempre muito diligente e fiel em seu trabalho.³⁸

³⁷ Carta de Jonathan Edwards a Thomas Hubbard em 31 de agosto de 1751.

³⁸ Carta de Jonathan Edwards a Jasper Manduit em 10 de março de 1752.

Há fortes evidências de que Edwards levava a sério o seu trabalho de missionário, educador e civilizador em Stockbridge, tendo em vista também o alcance de outras tribos da região. Isso está relatado numa correspondência:

Cavalheiros... Os índios *Onohquaugas*, que estão aqui, fazem parte das Seis Nações, que são as tribos originais dos Iroquois. Todos, com exceção de um ou dois deles, são da nação dos *Oneiutas*; e eles não se sentem desprezados como outrora foi dito num conselho público. Alguns líderes *Conneenchees* e *Mohawks* aconselharam-nos a tratar os *Onohquaugas* com cuidado e bondade peculiares. Disseram-nos que eles entenderiam esta prática por serem receptivos aos conceitos de religião e virtude, dando ao mesmo tempo muitos exemplos de sua virtude. Descobrimos que o testemunho que deram deles é verdadeiro. Eles parecem ser os índios mais bem dispostos com os quais temos qualquer ligação. Eles estariam inclinados ao máximo, para ajudar, encorajar e fortalecer as mãos dos missionários e instrutores, se algum deles fosse enviado entre eles, e fazer tudo o que pudessem para fazer o trabalho crescer entre eles e entre os outros índios ao redor. Parece não haver lugar para um missionário na terra dos *Conneenchees*. A Sociedade para a propagação do Evangelho no estrangeiro, desde há muito os tomou sob seus cuidados, e fingiu apoiar uma missão entre eles. Uma missão dos comissários em Boston não seria suportada por eles, nem pelos holandeses, que estão sempre entre eles. Na terra dos *Quinquas*, a sede original dos *Oneidas*, eles não parecem ter lugares convenientes para o estabelecimento de uma missão. Eles estão na estrada para Oswego, onde os holandeses estão transitando incessantemente com seu álcool; Com os quais eles continuamente ficam embriagados, e seriam, em muitos outros aspectos, um contínuo obstáculo e aflição para um missionário; Porque eles são extremamente opostos ao povo da Nova Inglaterra ter qualquer contato com os iroqueses. A nação do *Quinquas*, também, são na maior parte de interesse francês, bem como muitos dos *Oneiutas*; De modo que um missionário seria afligido, e talvez colocado em perigo, pelos franceses. Mas é muito possível que na terra dos *onondagas*, haja lugar para os nossos missionários estabelecerem uma missão.³⁹

Assim, os índios Mohican, Mohawks, *Onohquaugas*, *Oneidas* e de outras etnias às margens do Rio Hudson jamais imaginariam o que Deus havia preparado para eles. Jonathan Edwards, o pregador calvinista e defensor de uma genuína experiência espiritual chegaria a Stockbridge com sua numerosa família para ensinar, civilizar, pastorear e evangelizar. Em 08 de agosto de 1751 ele foi instalado no novo lugar.⁴⁰

Na semana em que foi instalado como pastor na aldeia, ele reuniu representantes dos índios para uma conversa. Ele lhes falou:

Pretendo, com a Palavra de Deus, alegrar o coração dos seus escolhidos neste lugar, pois eles entenderão o meio para entrarem na luz e o conhecimento da verdadeira religião, e assim, ser um meio para a sua salvação e eterna felicidade”. Numa referência à dominação praticada pelos franceses católicos aos povos indígenas, Edwards esclarece: “Nós não

³⁹ Carta aos comissários em Boston em 12 de abril de 1753

⁴⁰ Carta ao Sr. William Hogg, Edinburgo em 13 Julho de 1751. Nesta carta Edwards afirma que esperava pela providência divina para ser útil aos índios de Stockbridge.

desejamos dominá-los a partir do conhecimento da Bíblia, a Palavra de Deus, como os padres franceses fazem com os seus índios. Queremos que vocês leiam e entendam a Palavra de Deus, assim como nós e saibam tanto quanto nós”. Por fim, ele conclui: “... Enquanto eu permanecer aqui vou estar disposto a fazer o meu melhor para instruí-lo na religião cristã verdadeira (EDWARDS, 1998, 111).

A reação positiva dos índios animou Jonathan Edwards, de forma que ele cria, cada vez mais, na conversão dos moicanos, e por todo o tempo viu isso acontecer.

Moicanos, Housatonics, Mohawks ouviam a sua pregação, e os frutos não demoraram a aparecer. Em seguida à sua chegada, Edwards escreve a John Erskine:

Alguns dos índios de Stockbridge estão sendo despertados, ainda que de maneira lenta. Alguns homens idosos estão deixando os seus vícios, e participam com mais entusiasmo dos serviços de culto.⁴¹

Ele adotou o sistema de ministrar quatro cultos por domingo. Um entre os Mohawks, outro entre os Housatonics e dois entre os colonos brancos. Parece ter adaptado os seus sermões, principalmente as suas ilustrações. Simplificou para que ficasse compreensível, usando figuras do ideário popular dos índios e colonos (MANDELL, 1996, p.36).

Ele exercitou as suas convicções entre os índios em Stockbridge. Edwards queria ensinar a palavra de Deus, educar os índios e civilizá-los através de uma escola na aldeia. Uma das suas causas era ensinar a língua inglesa às crianças indígenas. Ele não estava sozinho, podia contar com o apoio de alguns companheiros de trabalho, como Timothy Woodbridge, que se tornaria um aliado confiável e amigo, sendo professor na escola da missão.

Ele ganhou a confiança e o respeito dos moradores de Stockbridge, e com isso, desenvolveu uma grande simpatia por eles. Em inúmeras cartas, para os seus líderes em Boston, supervisores da missão, reivindicava interesses dos índios, protegendo-os de relações abusivas e defendendo as suas próprias ações na gestão da missão (BELLAMY, 1794, p. 203).

Este não seria um lugar para descansar, pois não era seguro nem protegido, era a fronteira. Chegou sem a família, que somente viria em Junho de 1751, e durante a Guerra Franco-Índigena, que eclodiu enquanto Edwards estava em Stockbridge.

Um relato da época lança luz sobre como os índios eram recrutados:

Mais importante, no entanto, foram os objetivos imediatos [...]: reforçar os aliados indígenas, especialmente os Mohawks, e contar com estas forças nativas para que servissem como amortecedores na guerra com a Nova França. [...] Stockbridge se voluntariou para formar sua própria coluna e o Congresso Continental aceitou os seus serviços como lutadores de uma causa comum. Eles recrutaram índios da comunidade Mohawk em

⁴¹ Carta a John Erskine em 06 de setembro de 1751.

Kahnawake perto de Montreal, e das comunidades Delaware e Shawnes. Assim, eles foram reconhecidos como homens de reputação zelosa. (STARNA, 2013, p. 196-198).

Além das questões de segurança, havia a tarefa e o desafio de alcançar os perdidos para Cristo, por isso, ele pregava e ensinava sem parar. Ele sabia que algumas mudanças seriam necessárias para promover o trabalho da missão, e não os interesses de alguns dos colonos brancos em Stockbridge, a maioria dos quais, seus próprios parentes - a família Williams, que sempre se posicionou defendendo ambições próprias (WRIGHT, 1970, p 162).

A sua chegada à aldeia não aconteceu por faltar opções ao seu ministério.⁴² Havia igrejas desejosas de contar com Edwards após a sua demissão de Northampton. Pelo menos um convite na Nova Inglaterra, a possibilidade de plantar uma segunda igreja em Northampton, outro convite das colônias do sul e uma oportunidade de cruzar o Atlântico e ministrar na Escócia.⁴³

Edwards entendeu que seria difícil ir para a Escócia por razões muito práticas: “Tenho uma família grande, por isso, como faria a sua remoção para a Europa?”. Ele escreveu isso a John Erskine, duas semana após ser demitido de Northampton.⁴⁴ Na mesma carta ele afirma:

Por motivos que entenderei no futuro, meu próprio país não é tão querido para mim, por isso, se houvesse uma perspectiva evidente de ser mais útil aos interesses de Sião em outros lugares, eu poderia deixá-lo. E eu acho que a minha esposa é totalmente desta disposição. Contudo, penso nos povos alheios à fé, e eles estão bem próximos de mim.⁴⁵

Outro fato importante, para reafirmar que Jonathan Edwards não tinha intenção de descansar ou apenas escrever as suas obras, é a sua extensa correspondência. Mais da metade do que ele escreveu a alguém, durante todo o seu ministério, foi redigida em Stockbridge. A

⁴² Este assunto é muito discutido, tendo defensores em ambos os lados. Stockbridge teria sido um passo certo ou um desvio de rota? Ver WINSLOW, O., *Jonathan Edwards*, p.264. Uma série de sermões em Agosto de 1750 (Salmo 45.3-5; João 14.27) e Setembro de 1750 (Lucas 15.10) contém registros que vislumbram uma terra distante que deveria ser alvo do anúncio do Evangelho (*WJE: Sermons and Discourses 1743-1758*, 25:738).

⁴³ Para entender melhor o motivo da desistência de Jonathan Edwards acerca de novos convites, ler Wheeler, R. “‘Friends to Your Souls’: Jonathan Edwards’s Indian Pastorate and the Doctrine of Original Sin” (*Church History*, 72:4, Dec. 2003): 736-765. Ver também EDWARDS, J., *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven, Yale University Press, 1998), vol. 16, *Letters and Personal Writings*, ed. George S. Claghorn.

⁴⁴ Carta ao Rev. John Erskine, de 5 de julho de 1750.

⁴⁵ O seu esforço para não ser considerado um colonizador com ênfase na dominação são explicados por Nichols, S. “*Last of the Mohican Missionaries: Jonathan Edwards at Stockbridge*” in *Heart*, D.G., Lucas, Michael Sean, Stephen J. Nichols, ed., *The Legacy of Jonathan Edwards; American Religion and the Evangelical Tradition*, (Grand Rapids: Baker Academic, 2003), p. 49

maioria das cartas foram escritas para defender os interesses dos índios, o que mostra que ele não era apenas um pregador missionário, mas um defensor da sua educação e civilização. Jonathan Edwards defendia a inclusão indígena aos direitos da população da nova nação.⁴⁶

Wilson Kinnach observa que Edwards pregou pelo menos oito sermões em Canaan, Connecticut, no processo de "entender para onde Deus o chamaria antes de se transferir para a aldeia, e posteriormente, levar toda a sua família".⁴⁷

Jonathan Edwards, possivelmente, tenha se tornado missionário em Stockbridge motivado por um raro entendimento acerca da essência da missão de tornar o Reino de Cristo conhecido na terra. E Stockbridge foi uma espécie de altar para um homem entregar as suas forças, experiências, capacidades, esperanças em torno do seu ideal de ministério.⁴⁸

⁴⁶ As cartas estão inseridas numa de suas maiores obras, a saber, Edwards, J. *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven: Yale University Press, 1998), vol. 16, Letters and Personal Writings, ed. George S. Claghorn, 727-728.

⁴⁷ Jonathan Edwards compartilhava com o seu público a tarefa que lhe estava sendo proposta a fim de ter respostas que o ajudassem na decisão. Ver mais em Kinnach, W.H., Kenneth P. Minkema, and Douglas A. Sweeney (ed.), *The Sermons of Jonathan Edwards: A Reader*, (New Haven: Yale University Press, 1999), xxxii.

⁴⁸ Carta ao Major Joseph Hawley em 18 de Novembro de 1754. Nesta carta Edwards afirma que não havia inclinação nem expectativa real de resolver os problemas gerados por sua saída da Igreja Congregacional de Northampton, tendo realmente uma forte inclinação ao trabalho em Stockbridge.

4.3 Possíveis motivações para se tornar um missionário

O destaque é a continuidade de práticas idealistas dos puritanos que remontavam aos conceitos inspiradores na sua chegada a Nova Inglaterra em 1620.

Jonathan Edwards visualizava os índios americanos e os Estados Unidos como um todo. Ele ouvia sobre a responsabilidade de alcançar os índios desde a sua infância. O interesse nas missões não deveria permanecer apenas entre os membros da família. Bem antes de Edwards chegar a Stockbridge para continuar os trabalhos missionários de John Sergeant, seu coração estava disposto para missões. Ele registrou em sua narrativa pessoal que, ao pastorear uma igreja presbiteriana em Nova York no início da década de 1720, desejava e orava pelo avanço do Reino de Cristo na Terra, vislumbrando o benefício aos povos:

Eu tinha grande esperança pelo avanço do reino de Cristo no mundo. Minha oração secreta costumava ser em grande parte por isso. Se eu ouvisse o menor indício de qualquer coisa que acontecesse em qualquer parte do mundo, isso me parecia, em algum aspecto ou em outro, um aspecto favorável nos interesses do reino de Cristo, e minha alma alcançava descanso. E isso me animava causando refrigério. Eu costumava dedicar tempo para ler cartas de notícias públicas, principalmente para esse fim, para ver se eu não poderia encontrar alguma notícia favorável ao interesse da religião no mundo. Eu costumava descansar em um lugar solitário, às margens do Rio Hudson, a alguma distância da cidade, para contemplar as coisas divinas, e conversar secretamente com Deus. Eu tive muitas horas agradáveis lá. Às vezes, Smith e eu caminhávamos juntos para conversar sobre as coisas de Deus, e nossa conversa, muitas vezes, foi sobre o avanço do reino de Cristo no mundo e as coisas gloriosas que Deus realizaria para sua igreja nos últimos dias (EDWARDS, 1998, p.707).

Desde que os primeiros colonos chegaram da Inglaterra, havia uma declaração de interesse para evangelizar os índios (BREMER, 2003, p. 157-158). Os registros de viagem de várias pessoas durante o século XVI, incluindo o capitão John Davis, capitão George Best, Humphrey Gilbert e Richard Hakluyt, todos refletem, pelo menos, um interesse declarado na propagação do Evangelho entre os índios que habitavam a América do Norte (BEAVER, 1966, p. 7). Esse interesse foi ratificado pelo rei Charles I no documento “Charter for the Massachusetts Bay Colony, em 1629.⁴⁹

⁴⁹ Vemos que havia por parte do império a firme intenção de alcançar os nativos. Contudo, a motivação permanece duvidosa. Ver em “*The Charter of Massachusetts Bay: 1629*” The Avalon Project at Yale Law School, <http://www.yale.edu/lawweb/avalon/states/mass03.html> acessado em 24 de Abril de 2015.

O selo de Massachusetts também refletia esse interesse, retratando um índio emitindo a chamada macedônica: "Vem e ajuda-nos." Por isso, é possível entender que, embora o interesse em missões não fosse tão forte, também não era ignorado, como um alvo a ser perseguido.⁵⁰ Num dos escritos de seu avô, percebemos que era um assunto discutido na família.⁵¹

Havia um interesse da família Edwards em missões aos povos não alcançados pela verdadeira religião, e principalmente, os não civilizados. Podemos ver isso de algumas formas complementares:

1. Timothy Edwards, pai de Jonathan, estudou em Harvard e foi muito influenciado por Cotton Mather, um dos líderes do projeto "Boston for the New England Company". Timothy ouvia em sala de aula e lia o que Mather escrevia sobre missões em suas publicações.⁵² O interesse de Mather em missões é claramente manifestado em um trabalho chamado *Índia Christiana*, onde ele incentiva o apoio e mais interesse em missões aos índios, tanto na América como nas Índias Ocidentais.⁵³ Ele afirmou que as missões aos índios caracterizava "Um Bom Trabalho", aludindo ao índio no selo do folder da colônia e seu grito por socorro. Este ensino na universidade, de Mather sobre Timothy Edwards, fez com que Jonathan estivesse familiarizado com o trabalho missionário por toda a sua juventude⁵⁴. Os pensamentos de Mather chegaram a Jonathan tanto pelo testemunho do pai quanto pelos escritos guardados na biblioteca de Timothy.

⁵⁰ Para entender melhor a relação entre os puritanos e os índios, é possível ver Charles M. Segal and David C. Stineback, *Puritans, Indians, and Manifest Destiny*, (New York: G. P. Putnam's Sons, 1977), e também Alden T. Vaughan, *New England Frontier, Puritans and Indians 1620-1675*, (Norman: University of Oklahoma Press, 1995).

⁵¹ O avô de Jonathan Edwards há muito tempo questionava a omissão dos puritanos em relação ao evangelismo dos nativos. Ver Stoddard, S., *Question whether God is not Angry with the Country for doing so little towards the Conversion of the Indians?* (Boston: Green for Gerrish, 1723). p. 37-45

⁵² Para maiores detalhes sobre como Cotton Mather influenciou Timothy Edwards ver Kenneth Pieter Minkema, "*The Edwardses: A ministerial family in eighteenth-century New England*," (PhD dissertation, The University of Connecticut, 1988)

⁵³ Ver mais detalhes em Mather, C., *India Christiana*. A Discourse Delivered unto the Commissioners, for the Propagation of the Gospel among the American Indians. Which is Accompanied with several Instruments relating to the Glorious Design of propagating our Holy Religion, in the Eastern as well as the Western Indies. An Entertainment which they that are Waiting for the Kingdom of God will receive as Good News from a far Country, (Boston: Printed by B. Green. 1721).

⁵⁴ Um dos assuntos mais debatidos no ambiente universitário de Jonathan Edwards certamente foi sobre o alcance da Palavra de Deus. Ver mais em Kellaway, W., *The New England Company, 1649-1776*. Missionary Society to the American Indians, (London: Longmans, 1961). p. 71-73

2. Solomon Stoddard escreveu um texto sobre os índios com o tema "Será que Deus não está zangado com este país por ele fazer tão pouco para a conversão dos índios?"⁵⁵ No texto, o velho pastor de Northampton desafia a sociedade puritana lembrando que o projeto principal dos colonos ingleses estava sendo ignorado, e homens como John Elliot e outros não estavam recebendo incentivo e até mesmo definhavam em seus campos missionários longínquos. Por ventura, os puritanos haviam esquecido dos seus ideais? Estariam eles agindo de maneira semelhante ao povo no tempo do profeta Ageu? Cadê a preocupação com os "vizinhos? Jonathan Edwards estava familiarizado com esta obra e com as consequências dela em meio a igreja. É bem razoável supor que ela o influenciou nas suas futuras decisões, inclusive, a de ir ao campo missionário. Havia uma dívida dos puritanos com a sua própria e recente história na Nova Inglaterra.⁵⁶
3. John Stoddard era tio de Jonathan e filho de Solomon. Era coronel e colono no vale do rio Connecticut, e foi uma pessoa muito influente na causa indígena, estando sempre no centro de todas as discussões acerca de melhorias aos índios. Ele participou ativamente da fundação da missão Stockbridge, e posteriormente, foi um dos responsáveis pela sua emancipação como cidade. John Stoddard vivia em Northampton, era membro da igreja de Edwards, a quem nutria grande amizade, sendo-lhe recíproca. As suas conversas contemplavam os ideais de expansão missionária entre os índios, sendo possivelmente, uma grande inspiração para o seu próximo desafio, como missionário aos índios.
4. Jonathan Edwards era muito próximo a Samuel Hopkins, que foi o cerne da fundação da Stockbridge. Ele tinha sido ministro em Springfield (agora West Springfield) e, junto com John Stoddard, Neemias Bull de Westfield e Solomon Williams de Longmeadow, contactou com os índios e ouviu acerca de seu interesse em ter um missionário entre eles. Estes homens primeiramente procuraram o missionário John Sergeant, e regularmente estavam em contato com os comissários de Boston para assuntos indígenas, incluindo o então governador Jonathan Belcher. Samuel Hopkins também compilou a primeira história da fundação da Stockbridge após a morte de John Seargent (HOPKINS, 1765, p.153).

⁵⁵ Enquanto o avô de Jonathan Edwards foi pastor em Northampton, manteve um estreito laço com a obra missionária sendo um financiador contínuo. No seu texto, ele parece ligar a bênção da prosperidade com a fidelidade às missões. Ver Stoddard, S., *Question whether God is not Angry with the Country for doing so little towards the Conversion of the Indians?* (Boston: Green for Gerrish, 1723).

⁵⁶ Há uma certa semelhança entre a pregação de Stoddard e Edwards sobre este tema. Pregando aos Mohawks, em 1751, Jonathan Edwards afirmou de maneira contundente que os brancos negligenciaram o seu dever de levar o Evangelho aos índios e que "esta foi uma omissão vergonhosa, pelo qual o Grande Deus, sem dúvida, ficou muito zangado". Para mais detalhes ver Wilson H. Kinnach, Kenneth P. Minkema, and Douglas A. Sweeney, (editors), *The Sermons of Jonathan Edwards; A Reader*, (New Haven: Yale University Press, 1999). p. 107.

5. A ALTERIDADE NA MISSÃO

O termo alteridade vem do latim e contém o prefixo *alter* que significa *outro*. Alteridade qualifica ou estabelece aquilo que é diferente; alteridade é o oposto de identidade.

Segundo Abbagnano (1998), alteridade significa:

Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro. A alteridade é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença [...]. Aristóteles considerou que a distinção de um gênero em várias espécies e a diferença dessas espécies na unidade de um gênero implica uma alteridade, inerente ao próprio gênero: isto é uma alteridade, que diferencia o gênero e o torna intrinsecamente diverso (p. 34-35).⁵⁷

Da mesma forma, na antropologia, alteridade é um conceito que situa alguém a partir da relação com o outro. Alteridade significa a diferença entre alguém dentro da sociedade e esta pessoa como uma unidade. Esses dois conceitos só podem existir em função um do outro. Nenhum indivíduo pode existir senão a partir da visão e do contato com o outro. Não pode haver indivíduo se não houver uma relação estabelecida entre ele e outro ou outros, que seria o aspecto coletivo.

Mas a coletividade tem implicações no relacionamento entre as partes diversas. E nesse aspecto Skliar e Dushatzky (2001) apontam três “versões discursivas” sobre a diversidade:

⁵⁷ Para mais detalhes: ALTERIDADE (gr. Ἐτερότης; lat. Alteritas, Alietas; in. Otherness; fr. Altérité, ai. Anderheit, Anderssein; it. Alterità). Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro. Alteridade é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença. A diversidade pode ser também puramente numérica, e não é assim com a alteridade (cf. ARISTÓTELES, *Met.*, IV, 9, 1.018 a 12). Por outro lado, a diferença implica sempre a determinação da diversidade enquanto a alteridade não a implica. Aristóteles considerou que a distinção de um gênero em várias espécies e a diferença dessas espécies na unidade de um gênero implica uma alteridade inerente ao próprio gênero: isto é, uma alteridade que diferencia o gênero e o torna intrinsecamente diverso {*Met.*, X, 8, 1.058 a 4 ss.}. Do conceito de alteridade valeu-se Plotino para assinalar a diferença entre a unidade absoluta do primeiro Princípio e o Intelecto, que é a sua primeira emanção: sendo o intelecto ao mesmo tempo pensante e pensado, intelecto enquanto pensa, ente enquanto é pensado, é marcado pela alteridade, além de sê-lo pela identidade {*Enn.*, V, I, 4}. De modo análogo, Hegel utiliza o mesmo conceito para definir a natureza com relação à Ideia, que é a totalidade racional da realidade. A natureza é "a ideia na forma de ser outro (Anderssein)". Desse modo, é a negação de si mesma e é exterior a si mesma: de modo que a exterioridade constitui a determinação fundamental da natureza {*Ene.*, § 247}. Mas, de modo mais geral, pode-se dizer que, segundo Hegel, a alteridade acompanha todo o desenvolvimento dialético da Ideia, porque é inerente ao momento negativo, intrínseco a esse desenvolvimento. De fato, tão logo estejam fora do ser indeterminado, que tem como negação o nada puro, as determinações negativas da Ideia tornam-se, por sua vez, alguma coisa de determinado, isto é, um "ser outro" que não aquilo mesmo que negam. "A negação—não mais como o nada abstrato, mas como um ser determinado e um algo—é somente forma para esse algo, é um ser outro" {*Ene.*, 91}. Extraído do Dicionário de Filosofia de NICOLA ABBAGNANO, Publicado por Martins Fontes, em São Paulo - 1998)

A primeira define o outro como o mal, detentor das misérias sociais. Aqui, a alteridade é o mecanismo que salienta a identidade própria, pois a falha do outro evidencia a perfeição. A segunda apresenta o outro como objeto de uma marca cultural e que, assim, se organiza de acordo com sua cultura. Aqui, o multiculturalismo pode legitimar um racismo velado, dando a impressão de respeito ao diferente, valendo-se do distanciamento, momento em que a alteridade surge na indiferença. Parece virtude, quando aparenta respeitar a identidade do outro, concebendo esse outro como uma comunidade autêntica independente, mas, ironicamente, mantendo-se à distância. A terceira estabelece a relação com o outro através do princípio da tolerância, pelo caminho da admissão das diferenças, e ao mesmo tempo, eximindo-se de qualquer decisão ou responsabilidade pelo outro. Aqui, a alteridade surge na hipótese da condição que o outro tem de tomar suas decisões (p. 128-131).

O conceito de alteridade é muito importante dentro do estudo da antropologia porque somente quando nos vemos pelos olhos dos outros é que conseguimos nos compreender. Nós e os outros estamos inseridos na sociedade, e na base da vida do homem em sociedade estão as diferenças. As diferenças só podem ser notadas através da alteridade.

Jonathan Edwards apresentou uma empatia com os conceitos de alteridade quando se interessou por missões mundiais antes de chegar a Stockbridge. Alguns de seus escritos revelam que seu coração e suas orações contemplavam a expectativa de bem estar dos perdidos, e isso somente seria possível através da propagação do evangelho libertador. Numa narrativa pessoal, ele conta que enquanto estava em Nova York, no começo do seu ministério, antes mesmo de pastorear a igreja de Northampton, reservava tempo para orar por este assunto. Vejamos um pouco do seu pensamento:

Eu tinha grandes aspirações para o avanço do Reino de Cristo no mundo. Minha oração secreta costumava ser, em grande parte, por isso. Se eu ouvisse o menor indício de qualquer coisa que acontecera em qualquer parte do mundo, que parecesse para mim algo favorável ao avanço do Reino de Cristo, a minha alma se alegrava, causando-me paz e alegria refrescante. Sempre li notícias publicadas, em busca de informações acerca da expansão missionária mundial, e dos interesses da religião. Frequentemente, procurei lugares solitários, retirando-me para as margens do Rio Hudson, a alguma distância da cidade, para a contemplação das coisas divinas e secreta conversa com Deus. Eu tive horas muito doces naquele lugar. Algumas vezes, o Sr. Smith me acompanhou, e caminhamos juntos, para conversar sobre as coisas de Deus, e nossa conversa era sobre o avanço do Reino de Cristo no mundo, e as coisas gloriosas que Deus realizaria para a sua igreja nos últimos dias (EDWARDS, 1998, p.707).

A expansão do Reino de Cristo na terra sempre dominou os pensamentos de Jonathan Edwards, despertando nele uma busca por informações em revistas e jornais da época, capacitando-o a escrever sobre o assunto. Na sua obra “Work of Redemption” Edwards expressa o seu desejo, com base teológica, mostrando que o conceito de missão dominava o

seu coração e pensamento, e que seria assim até o fim de sua vida. (EDWARDS, 1998, p. 725-730).

Edwards, desde criança tinha um interesse particular no trabalho da missão Stockbridge, e quando foi pastor em Northampton sempre manteve uma atenção à missão. A missão Stockbridge era uma das instituições que recebiam recursos de Northampton desde 1730, vinte anos antes de Edwards se tornar um missionário na aldeia.⁵⁸

Em uma carta de John Sergeant (1743) ao Dr. Benjamin Colman de Boston, um ministro e amigo da Igreja Brattle Street envolvido com missões entre os índios, foi proposto que um internato para a educação das crianças indígenas fosse estabelecido em Stockbridge.

A escola contribuiria para a educação das crianças em aprendizagem e trabalho. Foi um projeto ambicioso que exigiria planejamento cuidadoso e apoio financeiro considerável. Ao endereçar o plano ao Dr. Coleman, o missionário Sergeant já havia estabelecido um grupo de pessoas para atuar como um conselho para receber e administrar os fundos no interesse do internato. A lista consistia de alguns nomes notáveis, dentre eles, o "Rev. Sr. Edwards, de Northampton⁵⁹."

Alguns anos depois, Edwards chegaria a Stockbridge. E conheceria alguém que seria um instrumento para a prática da alteridade, um tradutor faria com que a língua inglesa fosse traduzida para o algonkin, e dessa forma, ele pudesse pregar e ensinar de maneira que os índios tivessem sua língua e sua cultura preservada (SEGAL, 1977, p.194) .

⁵⁸ Para mais informações ler Wilson H. Kimnach, Kenneth P. Minkema, and Douglas A. Sweeney, ed., *The Sermons of Jonathan Edwards; A Reader*, (New Haven: Yale University Press, 1999), xxxii.

⁵⁹ Para mais informações ver os escritos primários de Samuel Hopkins, *Historical Memoirs*, 93-101.

5.1 Educação com preservação de valores

Jonathan Edwards está inserido num processo educacional histórico que remonta a tempos anteriores ao seu trabalho entre os moicanos da Nova Inglaterra. Na verdade, a história é rica em apresentar inúmeros educadores através dos tempos, contudo, apesar das significativas contribuições em diversas épocas, é na Reforma Protestante do século XVI que efetivamente chega-se à mais elevada conscientização sobre o significado do processo educacional para a compreensão do ser humano, conforme concebido em sua origem pelo Senhor Deus, o Criador.

Edwards é herdeiro de um pensamento que considera a educação um fator útil para que os traços da *Imago Dei* (imagem de Deus) sejam perceptíveis e se desenvolvam no ser humano. Os reformadores protestantes foram os principais agentes de consolidação deste novo processo educacional. A Reforma Protestante prospectou um novo olhar para outros povos, incluindo os recém descobertos continentes, alterando a história da educação, das missões e da civilização mundial.⁶⁰

As Escrituras eram o maior compêndio de conhecimento na época da Reforma Protestante, mas a igreja detinha tais assuntos guardados sob sua supervisão. Isso gerava um afastamento natural entre as Escrituras e a população. Então, em 1517 as teses de Lutero estabeleceram novas matrizes na maneira de entender a fé cristã.

Os tempos eram obscuros e toda a percepção da fé estava seriamente afetada por superstições, heresias católicas, e práticas diversas que mantinham o povo distante da luz da verdade. Com o desconhecimento da responsabilidade pela sua relação com o Criador, o homem depositava as suas expectativas na igreja como intermediária. Lutero desconstruiu este conceito, eliminando a intermediação da igreja, devolvendo ao homem a responsabilidade

⁶⁰ Certamente outros homens tiveram a mesma formação de Jonathan Edwards. Destacamos os reformados, dentre eles, Jean de Lery (1536-1613), pastor, missionário e escritor que possuía a mesma visão de mundo movida pelos conceitos calvinista-reformados quanto ao homem e também compreendia o mundo como criação de Deus, portanto desta feita, tanto o homem (sejam estes índios ou europeus), quanto a natureza deveriam ser enxergados segundo a importância e o propósito da mesma qualidade daquela que fora estabelecida pelo Criador. A visão que ele possui é movida pelo conceito aprendido de seu mestre, João Calvino (1509-1564). [...] Para Calvino o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, tema bíblico que desenvolve nas suas Institutas. Extraído do texto do Prof. Dr. Christian Brially Tavares de Medeiros. http://www.mackenzie.br/fileadmin/Chancelaria/GT3/Christian_Brially_Tavares_de_Medeiro.pdf

nas questões espirituais, permitindo ao ser humano que administre suas responsabilidades, tanto privilégios quanto responsabilidades. Este novo status exigiria um processo educacional que corrigisse o entendimento acerca do conhecimento de Deus e o conhecimento do homem. E Lutero, então, é o instrumento de Deus que leva o povo a esta compreensão mediante a leitura das Escrituras em sua própria língua.

O Novo Testamento traduzido para a língua alemã, publicado em 1522, foi um marco educacional que transformaria o processo de alfabetização. Ao escrever a "Carta aos Prefeitos e Conselheiros de Todas as Cidades da Alemanha" ele defendeu a instrução infantil por crer que a estabilidade da nova ordem espiritual passaria pelo entendimento que as crianças teriam da Bíblia. Para Lutero "não há outra ofensa que pese tanto diante de Deus e que mereça maior castigo do que negligenciar a educação das crianças" (GILES, 1972, p.119). E se Edwards propõe ensino para meninos e meninas na aldeia, a herança histórica remonta a Lutero que revolucionou o sistema educativo ao admitir mulheres no magistério, num mundo amplamente dominado por homens na educação.

O reformador sabia que não seria possível desenvolver um processo educacional se o mesmo não fosse aprovado pelos líderes políticos da Alemanha. Então, não poupou esforços para convencê-los escrevendo missivas, tratados, sermões e comunicados⁶¹. A motivação dele se baseava no conceito que a instrução é o fundamento de boas práticas sociais, éticas e morais. E se fosse assim, a educação seria ao mesmo tempo uma obrigação tanto do estado como do cidadão, que por fim, alcançaria o seu ápice quando o cidadão educado fosse elevado com conceito de cristão pela instrução advinda das Sagradas Escrituras.⁶²

O poder das autoridades é manter a prosperidade dos intentos de Deus, pelo uso das leis e o poder da igreja é pregar o evangelho e administrar os sacramentos:

A autoridade temporal do magistrado é mantida como autoridade sobre os corpos e bens dos homens, não sobre suas almas. É coercitiva em vez de persuasiva. Entretanto, embora o magistrado não possa decidir sobre doutrina, sendo leigo, deve considerar a obrigação de mantê-la. Seu primeiro dever é a prosperidade da glória de Deus (TAPPERT, 1959. p.81).

⁶¹ Martinho Lutero dirigiu alguns comunicados como: Apelo à Nobreza Cristã Alemã em 1520; Carta aos Conselheiros Comuns de todas as Cidades da Alemanha em 1524; Grande e Pequeno catecismo em 1529; Sermão sobre a Necessidade de enviar os Filhos à Escola em 1530.

⁶² Para Lutero havia uma diferença de natureza entre a Igreja e o Estado, semelhante aos conceitos de cristão e cidadão. Na mente de Lutero, a autoridade espiritual da igreja estaria somente sobre a alma sendo persuasiva e não coercitiva. Isso é demonstrado nos rituais luteranos, o reino de Cristo é espiritual – o conhecimento de Deus no coração e na vida de fé. Enquanto o Estado teria autoridade temporal baseada na coerção e não na persuasão. Mais sobre este conceito em TAPPERT. G., *The Book of Concord*. Philadelphia, Pennsylvania: Westminster Press, 1959, p.75-87.

Os reformados sempre lembraram os líderes nacionais sobre suas obrigações com a educação. Melanchton se dirige ao Imperador Carlos V com severidade:

Portanto, gracioso Imperador Carlos, por amor do evangelho de Cristo, que sabemos que desejais exaltar e prosperar. [...] é vossa responsabilidade especial perante Deus manter e propagar a sã doutrina e defender aqueles que a ensinam. [...] Os reis devem cuidar do evangelho de Cristo e, como representantes de Deus, devem defender a vida e a segurança do inocente (TAPPERT, 1959, 236).

Para Calvino, magistrados e ministros são ofícios completamente distintos. Em sua obra *Institutas da Religião Cristã* ele escreveu:

Aquele que sabe como distinguir entre corpo e alma, entre a presente vida transitória e a futura e eterna, não terá dificuldade em compreender que o reino espiritual de Cristo e o governo civil são coisas largamente separadas. ... À vista de Deus, o governo civil é não somente sagrado e legal, e sim o mais sagrado e de longe o mais honroso em todas as etapas da vida mortal. ... Eles têm uma comissão de Deus, são investidos de autoridade divina para agir.⁶³

Como já foi pontuado, a missão americana é uma extensão do pensamento reformado que propunha uma visão reformada para o mundo (COSTA, 2013, p.393). Por isso, os primeiros esforços de missão americana foram concentrados em dois homens proeminentes, Thomas Mayhew Jr. em Martha's Vineyard e John Eliot em Roxbury, Massachusetts. Ambos os homens fizeram progressos em alcançar os índios com o evangelho em meados dos anos de 1640. John Eliot, por sua identificação com o evangelismo indígena foi chamado de "O Apóstolo dos índios." Mas o seu progresso, embora bem conhecido, estagnou sem a imprescindível contribuição da Inglaterra. Houve necessidade de empreender esforços em captação de recursos. Como resposta à grande necessidade de ajuda na obra missionária, os ingleses estabeleceram a primeira sociedade missionária, a New England Company.⁶⁴

Quando o ato do parlamento estabeleceu formalmente a companhia, a educação e a civilização dos nativos foi considerado parte integrante do trabalho missionário.

O Ato afirmou:

Por tudo o que consideramos justo, demos glória a Deus pelo início de tão gloriosa propagação do Evangelho de Jesus Cristo entre os pobres pagãos, que não pode se executada somente por essa expedição, mas deve ter o auxílio de universidades, planos para fundação de escolas a fim de instruí-los e civilizá-los, oferecendo instrumentos e materiais para o trabalho,

⁶³ Para saber mais sobre as relações entre o reino espiritual e o magistrado civil, ver CALVIN, J., *Institutes of the Christian Religion*, 2 vols. (Philadelphia, Pennsylvania: Westminster Press, 1961), 20, 1-10.

⁶⁴ A sociedade foi oficialmente fundada com o nome "The President and Society for the Propagation of the Gospel in New England", mas, na verdade, veio a ser conhecida com New England Company. Para mais informações ver William Kellaway, *The New England Company, 1649-1776; Missionary Society to the American Indians*, (London: Longmans, 1961).

oferecendo vestuário, e atendendo outras necessidades, como incentivos para o bem-estar dos homens. Mais dadivosidade para eles e muitas outras coisas necessárias para tão grande trabalho. O fornecimento de tudo o que é um fardo pesado para os ingleses que, embora dispostos, são incapazes, esgotaram em grande medida as suas condições, a ponto de muitas cidades e colônias recém fundadas estarem em estado de desolação. Portanto, deve-se compreender que esta nação é destinada a ser útil na promoção e avanço de uma obra muito maior, honrar o Deus Todo-Poderoso.⁶⁵

Esta lei do parlamento estabeleceu a sociedade da missão, pela qual, a missão de Stockbridge seria financiada mais tarde. O financiamento da New England Company começou com a fundação da missão e continuou durante todo o tempo de Jonathan Edwards em Stockbridge.

Os registros indicam, portanto, que nos fundamentos da evangelização americana, e por conseguinte, em Stockbridge estava a civilização. A missão foi formalmente estabelecida em uma conferência política em Deerfield, Massachusetts, em agosto de 1735, com várias tribos que representavam etnias indígenas e a presença do governador Jonathan Belcher com sua comitiva. Eles se reuniram para promulgar tratados que manteriam substancialmente os índios apoiando os ingleses na luta contra os franceses, porque as duas nações europeias disputavam o território americano.⁶⁶

Um propósito adicional da conferência foi o estabelecimento formal de uma missão entre os índios Mohican. A conferência não só estabeleceu o compromisso de desapropriar algumas terras ao longo do rio Housatonic no Massachusetts ocidental em favor de colonos ingleses, mas também concluiu com a ordenação do jovem John Sergeant para ser o próximo missionário na aldeia de Stockbridge.

O governador Belcher, bem conhecido por seu interesse na difusão do Evangelho, contribuiu para encontrar uma maneira de alcançar os índios e promover o trabalho missionário entre eles. Este homem não era somente o governador de Massachusetts mas também um dos líderes na Companhia da Nova Inglaterra como um dos principais comissários de Boston.

⁶⁵ O nome completo do ato é "*An act for the promoting and propagating the gospel of Jesus Christ in New England*" (London, 1649)

⁶⁶ Os europeus aliciavam os índios para auxílio em seus exércitos contra nações inimigas. Ver Richard R. Johnson, "The Search for a Usable Indian: An Aspect of the Defense of Colonial New England" *The Journal of American History*, 64 (Dec. 1977), 623-651.

Em uma carta a John Sergeant, Belcher demonstra suas expectativas a respeito de civilizar os índios, propondo mais envolvimento com a missão de Stockbridge. Veja o que o governador de Massachusetts escreveu:

Eu conversei com o Sr. Secretário Winthrop sobre uma disposição financeira que chegou a esta casa, e que pode ser empregada, principalmente, para promover o trabalho entre o seu Povo, dando-lhes ferramentas de trabalho, como carroças, carrinhos, arados, etc. Para ajudar na construção de casas inglesas: Para civilizá-los será uma boa Introdução à cristianização deles.⁶⁷

O planejamento educacional e evangelístico da aldeia Stockbridge seria iniciado com uma reserva de porte médio às margens do rio Housatonic com quatro famílias inglesas residindo entre os índios. O principal objetivo era influenciar com a civilidade cristã, algo que se imaginava ser atraente para os índios (HOPKINS, 1953, p.47). Os índios, nem sempre convencidos do altruísmo dos ingleses, se opuseram desde o início a este aspecto da obra missionária.

O líder principal entre os Housatonics na época, Umpachene, disse que não se importava com a chegada de um missionário e do professor da escola, mas os ingleses que se instalariam entre eles causavam grande preocupação. Ao dirigir-se ao Coronel Stoddard no desenrolar deste aspecto do plano, Umpachene o interrogou seriamente:

Embora eu seja grato aos ingleses por tudo o que têm feito para instruir no evangelho, ensinar as crianças a ler, e minha gratidão por estas coisas trazem lágrimas aos olhos, e eu estou convencido da verdade da religião cristã, tanto quanto posso entender, e agora sei que em muitas coisas tropecei, mas por que os ingleses negligenciaram pregar o evangelho por tanto tempo, e por que esse súbito favor aos índios? É somente por amor e boa vontade? Se sim, estamos gratos por isso, mas apenas seria possível que poderia haver algum outro motivo. Novamente, se a religião cristã era tão boa e tão verdadeira, como acredito que seja, por que há tantos cristãos cruéis. Finalmente, sobre este grande trecho de seis milhas que deve ser doado aos ingleses, não

⁶⁷ Mais informações na obra primária de HOPKINS, S., *Historical Memoirs Relating to the Housatonic Indians*, (Boston: Kneeland, 1753), 73. Isso não era uma nova ideia do governador. Aparentemente, antes da Companhia da Nova Inglaterra ser apoiada pelo governador em 1730, ele havia proposto um plano semelhante relacionado ao trabalho de evangelizar e civilizar os índios. Eis uma de suas frases: “Em breve, serão civilizados, e então será mais fácil introduzi-los no conhecimento e estima da verdadeira religião cristã”. Ver mais em BATINSKI M. C., *Jonathan Belcher, Colonial Governor*, (Lexington: The University Press of Kentucky, 1996), 69.

haverá, algum dia, uma disputa entre nossos filhos e os filhos dos ingleses quanto à propriedade desta terra?⁶⁸

A educação estava na base da missão em Stockbridge desde o início. Assim que Sergeant chegou à aldeia, também chegou o Sr. Timothy Woodbridge para trabalhar como professor. Os índios haviam construído um local para o culto e em 5 de novembro de 1734 o jovem missionário Sergeant iniciou uma escola para crianças indígenas usando a nova estrutura.

Sergeant fez uma curta viagem a Albany e quando voltou para Stockbridge relatou:

No meu retorno de Albany (sábado 30 de novembro [1734]) eu encontrei Timothy Woodbridge, um jovem cavalheiro muito bem qualificado para o ofício de professor na escola, afim de instruir os índios de maneira catequética (HOPKINS, 1854, p.14).

Com o crescimento da missão, Woodbridge continuou como professor e Sergeant como missionário. Muitas outras tribos enviaram seus filhos para a missão de Stockbridge com vistas a receber a educação que estava disponível.

Sergeant estava convencido de que um internato gratuito deveria ser estabelecido como o melhor meio para realizar um projeto educacional mais amplo. Para este fim pediu que o Dr. Benjamin Colman de Boston idealizasse um plano para um internato antes de apresentar ao público. Com a negativa do auxílio, Sergeant decidiu tomar a dianteira do projeto, elaborar uma filosofia educacional e reenviar, o que é aprovado então, tendo um apêndice do Dr. Colman.⁶⁹

⁶⁸ A família Williams figura como ingleses de práticas duvidosas, com clara exploração e abusos entre os índios. Ver sobre isso em Lion G. Miles, "The Redman Dispossessed: The Williams Family and the Alienation of Indian Land in Stockbridge Massachusetts, 1736 - 1818", *The New England Quarterly*, 67 (Mar. 1994), 46-76. Ainda sobre abusos dos ingleses, outras obras foram escritas como Sarah Cabot Sedgwick and Christina Sedgwick Marquand, *Stockbridge 1739-1939, A Chronicle*, (Great Barrington: The Berkshire Courier, 1939), 20-21. Ver também Samuel Hopkins, *Historical Memoirs*, 43-51. No periódico David Brainerd's journal, *Mirabilia Dei inter Indicos, or the Rise and Progress Of a Remarkable Work of Grace Among the Indians*, (Philadelphia: Printed and sold by William Bradford, 1746). Neste artigo Brainerd afirma: "Quando eu tentava recomendar o cristianismo para sua aceitação, eles às vezes se opunham porque os povos brancos que viveram entre eles os enganavam retirando-os para fora de suas terras, expulsando-os para as montanhas, para longe dos lugares agradáveis próximos dos rios. Que, portanto, eles não tinham razão para pensar que o povo branco estaria agora buscando seu bem-estar. Mas sim que me enviaram a fim de reuni-los sob pretensão de bondade, para que tenham oportunidade de torná-los seus escravos, como fazem dos pobres negros, ou então enviá-los a bordo de algum navio para que lutem contra algum de seus inimigos, etc." p. 211.

⁶⁹ Carta de John Sergeant ao Dr. Colman em 1743. No apêndice escrito pelo Dr. Colman há uma insistência para que a escola ofereça educação para meninos e meninas. Ele escreveu: "Devo acrescentar que esta proposta é uma questão de necessidade absoluta, em que não somos deixados na liberdade nem como homens nem como cristãos; Pois não pode haver uma propagação de religião entre qualquer povo tratando os sexos com desigualdade. Ambos merecem respeito. Não só porque as mulheres são como almas preciosas, formadas para Deus e a para a religião tanto quanto os homens, mas também porque para o cuidado das almas de crianças em família, e mais particularmente no primeiros passos, elas são de grande importância. Deve-se valorizar em extremo o aprendizado entre os sete ou oito anos de idade". Extraído de John Sergeant, *A Letter from the Revd. Mr. Sergeant*, (Boston: Rogers & Fowle for Henschman, 1743).

Alguns pontos do projeto podem ser destacados: Além de educar as crianças, deveriam dedicar esforços para transformá-las espiritualmente tendo como exemplo a cultura inglesa, para que houvesse um avanço em polidez cultural no futuro (SERGEANT, 1743, p3); Isso seria alcançado com, pelo menos, dois professores dedicados a educar os índios para o trabalho de cultivar a terra e cuidar do gado. Se o plano vigorasse, inicialmente planejado apenas para meninos, seria estendido para as meninas (SERGEANT, 1743, p.15)

O avanço educacional contemplaria o ensino da língua inglesa para as crianças e uma fundamentação na religião cristã, especialmente a partir dos catecismos, para que houvesse no futuro, adultos versados e ensinados nos melhores princípios da virtude e do conhecimento cristão. Com o funcionamento adequado em Stockbridge, haveria a possibilidade de estender para outras etnias da região, visando crescimento em educação, evangelização e civilidade.

Sergeant argumenta em uma carta escrita que:

A escola planejada é projetada segundo a maneira das escolas da caridade na Irlanda, que a nós foi afirmado, tiveram efeitos maravilhosos muito bons: e porque não podem os mesmos métodos de instrução serem usados aqui, pela bênção do mesmo Deus gracioso, para que tenhamos bons efeitos? Por experiência suficiente, descobri que há métodos de educação mais eficazes dos que foram usados até aqui, especialmente no que diz respeito às maneiras e à indústria de negócios. Isso é altamente necessário para este povo bárbaro e inculto.⁷⁰

Mas no tocante à execução do plano, Sergeant parece não ter enfatizado outra coisa que fosse além de civilizar os índios. Ele não demonstrou acreditar que os índios pudessem realmente ser mudados academicamente, dando a entender que os índios eram menos aptos para o conhecimento do que os ingleses (COHEN, 1974, p.70-110).

Para Jonathan Edwards a educação infantil era uma das prioridades. Ele se tornou receptor depositário dos recursos arrecadados para o internato por algum tempo, tendo depois se ausentado da função, sem contudo, se opor ao conceito da proposta de 1743 que conceituava o trabalho na aldeia a partir da educação e civilidade. Pelo menos, não há evidência que isso tenha ocorrido enquanto ele esteve entre os moicanos. E quando optou por deixar o cargo, não parece ter sido por motivos filosóficos ou teológicos, e sim, por conta de diferenças acerca da administração dos recursos.

Em uma das muitas cartas que Edwards escreveu para abordar os abusos que os índios sofreram em nome das missões cristãs sob o controle da família Williams e das pessoas intimamente associadas a elas, ele faz referência ao aspecto da civilidade. A negligência do

⁷⁰ Carta de John Sergeant à Sociedade para a Propagação do Conhecimento Cristão na Escócia em 18 março de 1749

mestre-escola capitão Martin Kellogg foi uma preocupação regular e em uma carta ao Rev. Isaac Hollis, um generoso benfeitor para o trabalho educacional em Stockbridge, ele traz uma queixa muito grave. Quando Hollis doou um dinheiro considerável para a educação das crianças, Sergeant comissionou o capitão Kellogg para administrá-lo. Edwards percebeu que ele não tinha capacidade para desempenhar tal função, mas estava muito feliz em receber o dinheiro. Por isso, reclama ao doador pedindo orientação (HOPKINS, 1753, p.134).

A afirmação acerca da incapacidade do Capitão Kellog administrar os recursos doados e arrecadados se dá em palavras severas: "As crianças estão sendo totalmente negligenciadas em instrução, civilidade e boas maneiras cristãs (EDWARDS, 1998, 16:497)".

Outra indicação que Edwards concordava, em certa medida, com o conceito de civilidade é encontrado numa carta aos Mohawks assim que chegou em Stockbridge. Ele alertou sobre a necessidade de considerar cuidadosamente o estado de suas almas e a escuridão que agora se encontravam. Para isso, usou a história dos ingleses antes da chegada do evangelho na Inglaterra, e disse que o mesmo fato estava acontecendo com eles. Esta é uma parte da carta:

E não fazemos mais do que o nosso dever, pois aconteceu com os nossos antepassados o que hoje acontece com vocês. Eles estavam em grande escuridão e não sabiam nada a mais do que os índios quando o evangelho chegou. Mas Deus colocou isto no coração de outros para vir e instruir os ingleses na Palavra de Deus, e assim trazê-los para a luz. Este bem que nós tivemos pela bondade de Deus é o que devemos mostrar para vocês. Nós não somos melhores do que vocês em nenhum aspecto, contudo Deus nos modificou e parece estar satisfeito em nos dar mais luz. E agora estamos dispostos a dar e mesma luz a vocês (KIMNACH, 1999, p.108).

Com isso é possível perceber que Edwards considera as diferenças entre os índios e os ingleses como resultado do Evangelho. E não seriam apenas diferenças da área espiritual, uma vez que ingleses que rejeitaram o evangelho, também tiveram um avanço cultural significativo por conta da maneira que os cristão passaram a viver em sua nação. Isso era magnífico! Em outras palavras, a luz do Evangelho brilha nos homens para produzir um efeito salvador e em torno dos homens, presumivelmente, para ter um efeito cultural (KIMNACH, 1999, p.106).

Para reforçar que Edwards considerava o Evangelho como causa de uma possível mudança na cultura e não a civilização como instrumento de evangelização, apresentamos uma expressão usada por ele num sermão pregado em 1754 intitulado "Combatendo o Diabo", no qual ele critica duramente os seus próprios pecados, e também os pecados da sua cultura, a maneira irresponsável de viver, concluindo com uma acusação à própria civilização dos índios:

“Eles são caçadores, têm cultura migratória e papéis definidos em termos de gênero tradicional (KIMNACH, 1999, p.31)“.

No entanto, não se pode esquecer que essa expressão também pode ter outro significado. Alguns índios convertidos ainda não estavam livres de vícios como tabaco e álcool, duramente criticados por Edwards. Outros eram ociosos em demasia, e outros vagueavam sem destino, deixando para trás mulheres e filhos sem nenhum cuidado com deveres domésticos e espirituais no processo de aprendizado da palavra de Deus. Então, talvez Edwards esteja criticando sua cultura neste momento, mas também é possível que ele esteja criticando a maneira como os índios estavam sendo lentos no avanço da civilidade.

Uma ênfase final que consolida a opinião de Jonathan Edwards sobre educação civil está registrada numa carta que ele enviou ao Sir William Pepperrell, governador da província, valorizando sobremaneira a importância da escola e do internato na aldeia (PARSONS, 1856, p. 245-255)⁷¹. Na carta ele expressa sua visão acerca da educação missionária, os efeitos extensivos do processo educacional como sendo de grande benefício para a civilização e refinamento dos índios Stockbridge.⁷²

Percebe-se que a civilidade não era insignificante para Edwards, mas certamente não era de importância central ou primária. Os efeitos civis do Evangelho eram apenas isso: efeitos, não causas.

Num sermão de 1754, ele abordou a civilidade como um resultado da eficácia do Evangelho, e não as coisas necessárias para abraçar o Evangelho. Edwards parece alinhado com seu avô Stoddard neste ponto e distante de outros que viam a civilidade como um meio primário de cristianizar os índios. Isso faz dele uma luz diferente daqueles que viam a civilidade como primária para as missões.

⁷¹ Sobre o envolvimento do governador Pepperrell na obra missionária de Stockbridge e seu contato pessoal com Jonathan Edwards, é possível ver mais em PARSONS, U., *The Life of Sir William Pepperrell*, (Boston: Little, Brown and Company, 1856). p 240-259

⁷² Carta ao Sir William Pepperrell em novembro de 1751

5.1.1 ALTERAÇÃO DE MÉTODO E CURRÍCULO

Edwards viu a educação das crianças como uma das principais características do trabalho missionário. Quando chegou à aldeia, o internato sofria com má administração e descaso.

A escola não era apenas um instrumento para as missões, mas uma característica fundamental do ponto de vista de Edwards, para a criação de todas as crianças no ensino e admoestação do Senhor. Ele cuidou pessoalmente da educação de seus próprios filhos e discipulou muitos outros em Northampton durante todo o tempo em que foi pastor naquela cidade. Por isso, a escola em Stockbridge era fundamental para o sucesso da missão a longo prazo. Na carta ao Sir William Pepperrell, ao expressar sua visão sobre a educação em Stockbridge, Edwards explica o seu envolvimento nesta causa:

Esperando que Sua Excelência desculpe a particularidade e minúcia às quais involuntariamente fui conduzido, sobre um assunto sobre o qual não posso deixar de me interessar mais profundamente (EDWARDS, 1998, 16:414).

Engana-se quem pensa que Edwards foi relapso com a educação na aldeia. Era uma questão de consciência e paixão produzir possibilidades educacionais para uma geração atual, sem muita perspectiva de sucesso, e para uma geração futura, esta com todos os recursos possíveis, tanto de conhecimento como de finanças⁷³. A tríade começava a tomar forma: Educação para crianças, Evangelização de crianças e adultos e civilidade cultural como resultado do discipulado.

Infelizmente, apesar da luta para promover a visão educacional da missão, que constantemente consumia as energias de Edwards, a escola misteriosamente queimou em 1753. E como muitos índios haviam chegado à aldeia para este fim, começaram a abandonar a cidade.

Por fim, isso se expressa como um momento triste no fenômeno missiológico das missões mundiais, porque muito esforço foi empreendido, e pouco resultado foi obtido. O método não foi a causa do fracasso, mas intenções e ações menos honradas de alguns cristãos professores na comunidade de Stockbridge parecem ter conseguido, por razões aparentemente egoístas, atrapalhar a missão educacional para obter lucro pessoal (MARSDEN, 2003, p. 390-414).

⁷³ Jonathan Edwards preocupou-se com a educação infantil de tal maneira que o seu prospecto de planejamento para o internato foi usado por outras escolas americanas em outros lugares no seu tempo e também na posteridade. Ver mais em HOPKINS, S., *Historical Memoirs Relating to the Housatonic Indians*, (Boston: Kneeland, 1753) e MURRAY. I. H., *Jonathan Edwards, uma nova biografia*. São Paulo: PES, 2015.

O fracasso do projeto não anula, contudo, as opiniões de Jonathan Edwards para a prática da educação missionária. Ele redigiu dois documentos, já mencionados, que expressam sua filosofia de educação no processo missionário: Um sermão pregado aos índios Mohawks reunidos em Albany, Nova York, em 1751, e a carta escrita a Sir William Pepperrell em 1751.

Na carta, vale destacar que Edwards mostra que uma das diferenças entre as missões católicas e protestantes é a alfabetização. Embora, não deixa de criticar que muitos protestantes fizeram mau uso desse expediente, citando ingleses e holandeses que deixaram povos na ignorância para defraudá-los e manipulá-los, coisa que a história contava nos últimos cem anos.

O seu objetivo, a despeito disso, era reiterar que a coisa mais importante que poderiam possuir era a Conhecimento da Palavra de Deus para que pudessem praticar as coisas que Deus exigiu deles, e este conhecimento não viria se a Palavra estivesse escondida deles. Ele explicou que quando os índios permaneciam obtusos na ignorância da Palavra por causa de sua incapacidade de ler, eles eram mantidos em trevas.

Edwards os advertiu que o tratado que eles assinariam em Albany significava muito pouco comparado à importância de ler a Palavra de Deus. Eles necessitavam conhecer a Palavra, e deveriam educar os seus filhos pelo mesmo motivo.

Ele foi categórico na sua admoestação:

Amais os vossos filhos; portanto, cuidai da sua instrução, para que sejam filhos da luz, filhos de Deus, e não filhos do diabo (KIMNACH, 1999, p. 110)

O objetivo geral da missão era a salvação das almas, para isso serviria a prática adequada da educação proposta por Edwards. Como imaginar uma comunidade resgatada e próspera sem a capacidade fundamental de ler e aplicar a Palavra de Deus? Por isso Edwards escreveu a carta ao governador Pepperrell, para enfatizar que a educação era possível desde que contemplasse a academia e a prática (EDWARDS, 1998, p. 414).

Então, primeiramente, deveria-se abolir a forma antiga de ensinar com memorização e recitação. Desta forma, as crianças memorizavam e recitavam sem entender, pois desconheciam o significado das coisas. Esse era um dos defeitos da metodologia educacional como um todo.

Edwards estava propondo um aprofundamento nos significados das coisas para que houvesse domínio da realidade. Isso seria praticado em forma de conversa, um intercâmbio

livre entre professor e aluno, incluindo perguntas e respostas, contribuindo para o domínio do assunto e removendo possíveis dúvidas acerca das matérias.

O plano deveria ser praticado com diligência e persistência, e assim aumentaria sobremaneira o conhecimento dos alunos sobre os assuntos ensinados, seria dinâmico, envolvente e agradável para o aluno, e certamente, despertaria um amor pela aprendizagem. Além disso, ele ensinaria as habilidades pelas quais a sua capacidade de raciocínio seria reforçada. Edwards reforça:

Ajudar a razão da criança permite-lhe ver e compreender o uso, e por fim, o benefício da leitura, ao mesmo tempo que ela se esforça, desafiada, diariamente para ler. É o caminho também para acostumar a criança, desde a infância, a pensar e refletir, e a gerar um gosto precoce pelo conhecimento, e um apetite regularmente crescente por ele (EDWARDS, 1998, 16:404-408).

Esta filosofia educacional não era destinada apenas às crianças ou aos índios, mas poderia ser um método prático para qualquer sala de aula, para quaisquer estudantes, em quaisquer lugares no mundo. Edwards estava propondo uma reforma na metodologia educativa que ele considerava "grosseiramente defeituosa" em toda a Nova Inglaterra. Isso é evidenciado por sua defesa para colocar os índios e ingleses lado a lado na mesma sala de aula. O plano educacional seria valioso tanto para meninos como para meninas (EDWARDS 1998, 16: 409-413).

O próximo passo seria rever o currículo. Edwards propôs ensinar detalhes da história do mundo e da igreja que refletiram significativamente na vida das pessoas como exemplificada no livro "História da Obra da Redenção", quando ele usa o seu exemplo pessoal, como uma pessoa impactada pelos atos de Deus. A sala de aula deveria ter matemática avançada, ortografia, geografia e similares do cotidiano. Seu plano não era apenas novo, mas era maior do que qualquer um que tivesse sido aplicado nas escolas da Nova Inglaterra de seu tempo.

Edwards, então, enfatiza na carta que a melhor língua para as crianças aprenderem seria o inglês. Sua opinião era que o inglês, e não a língua indígena, deveria ser a língua de sala de aula para as crianças. Edwards não tem motivos para preferir o inglês à língua mohican. Não era porque não se comunicava em inglês com as pessoas, nem estava acomodando-se à sua própria deficiência, já que ele nem seria o professor da escola.

E para corroborar com este pensamento, a história mostra que ele sempre usou um intérprete, John Waunwaunpequunaunt, para as suas pregações aos índios em Stockbridge e outra intérprete, Rebeca Ashley, para as suas pregações aos Mohawks, evidenciando que não

era uma questão de preconceito com as línguas nativas. Ele pregava em inglês e contava com a tradução John, Rebeca e outros para as línguas e dialetos nativos. A questão era outra. O que mais importava era o aprendizado infantil, ou seja, a maior profundidade de significados que a língua inglesa traria para o domínio do conhecimento futuro nas crianças.

E duas razões são consideradas por Jonathan Edwards:

A primeira é que as línguas locais se mostravam "desajustadas para comunicar coisas morais e divinas, ou até mesmo coisas especulativas e abstratas. Em suma, totalmente impróprias para um povo civilizado, detentor de conhecimento e refinamento (EDWARDS, 1998, 16:413).

A segunda razão era para o benefício dos próprios índios. John Sergeant, o antigo missionário, tinha proficiência na língua Mohican, contudo quase não foi possível dispor de literatura na língua dos índios. Ele traduziu algumas orações, salmos e alguns dos catecismos do puritano Isaac Watts em pequenos panfletos para seu uso, mas esta era quase toda a literatura na língua Mohican.

O processo de traduzir obras inglesas para línguas indígenas foi basicamente abandonado até por John Eliot após a Guerra do Rei Philip. Em suma, ensinar-lhes a ler sua própria língua quando não havia quase nada para eles lerem depois que as habilidades fossem dominadas, limitaria o conhecimento para os índios. Como enfatizou Edwards:

Além disso, sem aprender a língua inglesa, o aprendizado deles será prejudicado, pois os índios não têm a Bíblia nem qualquer outro livro em sua própria língua (EDWARDS, 1998, 16:413).

Concluimos que o coração missionário de Edwards está totalmente explícito ao detalhar o lugar da educação missionária em Stockbridge. A escola, incendiada, fracassou, mas a missiologia de Edwards permaneceu tendo a educação como ênfase, mas do que a civilidade na evangelização, algo sempre discutido em assuntos referentes ao fenômeno missiológico.

5.2 Evangelização com mensagem simplificada

O primeiro missionário que chegou aos indígenas americanos foi John Eliot (ROOY, 1998, p.197). Ele nasceu em Herfordshire, Inglaterra, estudou e se formou em Cambridge em 1622, e veio a Nova Inglaterra por influência de seu tutor Thomas Hooker, o homem responsável por sua conversão: "Quando cheguei à esta família abençoada (a igreja), então eu vi, e nunca antes, o poder e a eficácia de Deus em seu vigor", escreveu John Eliot, mais tarde (MOORE, 1822, p.76).

Assim que chegou, tornou-se pastor de uma igreja em Roxbury, no Massachusetts. Casou-se com Hannah Mumford e principiou o seu primeiro legado: o primeiro livro publicado nos Estados Unidos, o Bay Psalm Book (1640), com os salmos em versos métricos.

A sua forma de viver evidenciava a herança puritana, pois, era frugal, não fumava tabaco, não usava perucas, nem usava cabelo comprido. Importava-se profundamente com os índios que povoavam a Nova Inglaterra, o que o levou a aprender a língua deles, o Algonkin, e em menos de sete anos de estudo (1647), já pregava na língua nativa. Em 1663, John Eliot publicou a primeira Bíblia impressa na América, toda em Algonkin (MOORE, 1822, p.92-97).

Contudo, Eliot era um homem do seu tempo, e pode ter confundido cristianismo com cultura inglesa, retardando muitos batismos, adestrando índios ao convívio civil europeu, e recusando-se de recebê-los antes de aprenderem a viver como os ingleses. O colonialismo inglês apregoava a mudança de hábitos para que fossem capazes de guardar "tão grande tesouro de Cristo" (WINSLOW, 1968, 133). Antes disso, os índios ficavam sob desconfiança.

Isso significava, entre outras coisas, cortes de cabelo para os homens, roupas inglesas para todos, viagens monitoradas e padronização das aldeias em cidades inglesas. Em 1670, havia catorze cidades inglesas com um total de 1.100 "Índios em Oração", como eram chamados (ELIOT, 1670, s/d).

O novo sistema contribuiu para que muitos índios conhecessem alguns rudimentos da fé cristã e um certo treinamento para o ministério. Mas também foram isolados do seu próprio povo, cuja cultura eles eram obrigados a rejeitar, e de seus sustentadores ingleses, pois nem sequer foram autorizados a juntar-se a igrejas puritanas.

Esse era o quadro do colonialismo missionário inglês que precedeu Jonathan Edwards. E para o pior, durante a sangrenta Guerra do Rei Philip (1675-1676), apesar do apoio dos índios aos ingleses, não lhes foi dedicada confiança suficiente, e por isso, os índios foram confinados a campos concentrados de segurança. Isso caracterizou um desprezo aos índios, fazendo com que o o relacionamento vigente até o momento se deteriorasse. Mas não foi só isso. Quase todas as cópias da Bíblia em Algonkin de Eliot foram destruídas juntamente com a maioria das aldeias indígenas.

John Eliot se recusou a desanimar, e continuou a ministração aos povos indígenas mais distantes até sua morte. Quando Edwards, muitos anos depois, chegou a Stockbridge, a herança de desconfiança permanecia. Por isso, ele deu continuidade a alguns métodos de John Eliot e aperfeiçoou outros.

Jonathan Edwards foi indicado por Samuel Hopkins que não aceitara a sua própria indicação para ser pastor em Stockbridge por “não se achar apropriado para o lugar” (MURRAY, 2015, p.388). Edwards foi convidado em Dezembro de 1750 e não aceitou o convite imediatamente, preferiu considerar o fato com cuidado. Em Janeiro de 1751, sob o rigor do frio americano, partiu para uma viagem de reconhecimento que duraria dois meses (MURRAY, 2015, p.389). Em seu retorno a Northampton ele escreveu: “Passei bastante tempo com os indígenas, particularmente com os Mohawk e trago boas impressões que animam nosso coração” (MURRAY, 2105, p.389).

E para que tenhamos uma ideia do quanto o coração de Edwards estava animado para a missão, aproximadamente duzentos sermões manuscritos pregados na aldeia estão preservados na Universidade de Yale para que nunca se duvide dos seus propósitos.

Ele cria na vontade de Deus para a conversão dos índios, e usava as palavras “disposição” e “inclinação” como termos sinônimos para definir o que o Espírito estava fazendo entre os moicanos.⁷⁴ No seu coração, ele sempre deduziu que os índios seriam profundamente abençoados no plano de redenção divina.⁷⁵

Ele sempre pregou a doutrina calvinista, encorajando seus fieis indígenas a descansarem na certeza da salvação, lembrando-lhes que Cristo morreu por alguns de todas as

⁷⁴ Carta a Andrew Oliver em 12 de Abril de 1752. Pesquisado em *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:583.

⁷⁵ Para mas detalhes das perspectivas otimistas de Jonathan Edwards acerca das conversões indígenas ver Gerald R. McDermott, 'Missions and Native Americans,' in *The Princeton Companion to Jonathan Edwards* (ed. Sang Hyun Lee; Princeton: Princeton University Press, 2005), p. 264

nações, e que o poder mundano e a riqueza adquirida por força e astúcia pareciam indicar falta de espiritualidade (WILLIAMS, 1970, p. 61).⁷⁶

Em um sermão sobre 1 Coríntios 1.19-21 ele diz:

Sejamos exortados a engrandecer somente a Deus, atribuindo-lhe toda a glória da redenção. Esforcemo-nos para obter uma sensibilidade de nossa grande dependência de Deus... a mortificar qualquer tendência para a auto-dependência e a justiça própria. O homem naturalmente, é muitíssimo inclinado a exaltar a si mesmo e a depender de seu próprio poder ou bondade... Mas essa doutrina deveria ensinar-nos a engrandecer somente a Deus, mediante a confiança, a dependência e o louvor. "Aquele que gloriase, glorie-se no Senhor". Tem algum homem a esperança de que é convertido e santificado... que seus pecados lhe foram perdoados, e que foi recebido no favor divino e exaltado à honra e a bem-aventurança de ser filho de Deus, e um herdeiro da vida eterna? Então que dê a Deus toda a glória, pois só Deus pôde fazê-lo diferir do pior dos homens neste mundo ou dos mais miseráveis condenados ao inferno... Algum homem destaca-se na santidade, e é abundante em boas obras? Então que nada tome de glória para si mesmo, mas atribua tudo Àquele de que somos feita, criados em Cristo Jesus para as boas obras (Edwards, 1998, p.503)

Em outro sermão, reforçando a necessidade de entendimento da Glória de Deus, pregando em Mateus 16.17 com o título de "Uma luz divina e sobrenatural conferida à alma", ele conclui:

Essa luz é tal que influencia eficazmente a tendência e modifica a natureza da alma. Assemelha nossa natureza à natureza divina... Esse conhecimento nos desliga do mundo e eleva nossa inclinação quanto às coisas celestes. Faz o coração voltar-se para Deus, como a fonte do bem, a fim de que O escolhamos como nossa única porção. Essa luz, e somente ela, leva a alma a aproximar-se de Cristo e ser salva; molda o coração segundo o Evangelho, modifica sua inimizade e oposição ao plano de salvação ali revelado; leva o coração a aceitar boas-novas, aderindo à revelação de Cristo como nosso Salvador, fazendo a alma toda concordar e entrar em sintonia quanto a isso... apegando-se com toda disposição e afinidade, e dispõe eficazmente a alma para que se dedique totalmente a Cristo... Quando atinge o fundo do coração e muda a natureza, assim também inclina eficazmente à obediência total. Mostra que Deus é digno de ser obedecido e servido. Atrai o coração a um amor sincero a Deus... e convence da realidade daquelas gloriosas recompensas que Deus tem prometido aos que lhe obedecem (Edwards, 1972, p. 307)

⁷⁶ Para conhecer mais acerca dos fundamentos teológicos de Jonathan Edwards ler Williams, E. Jr. com Jonathan Ashley, 1751, em Wyllis Wright, ed, Coronel Efraim Williams.: *The Life Documentary* (Pittsfield: Berkshire County Historical Society, 1970).

A sua experiência em evangelizar, educar e civilizar os moradores de Stockbridge, principalmente os jovens, o levou a desenvolver ideias inovadoras sobre a educação enfatizando o poder instrutivo da narrativa em substituição à memorização.⁷⁷

Nas primeiras avaliações do século XX era comum pensar que todos os seus sermões pregados em Stockbridge provinham de textos antigos já pregados em outros lugares, especialmente em sua antiga igreja⁷⁸. O resultado disto é a "afirmação" de que eles eram em sua maioria reconstruções de Northampton, e por isso, quase nunca receberam qualquer atenção mais acurada (WHEELER, 2003, p. 749).

Mas há quem discorde deste pensamento. Dentre eles está Kimmach, Minkema e Douglas:

Edwards foi subestimado neste papel [de missionário]. Isso se reflete no fato de que nenhum de seus sermões indígenas jamais foi publicado. Os sermões impressos nesta obra, um para os Mohicans e outro para os Mohawks, são os primeiros textos desse tipo a serem disponibilizados.⁷⁹

Aqui, no entanto, fixaremos nossa atenção nas formas de entrega dos sermões de Jonathan Edwards, para consolidar a ideia que ele simplificava a mensagem para que a mesma fosse entendida de maneira condensada, e assim produzisse a compreensão esperada.

⁷⁷ Para conhecer mais sobre a chegada, estabelecimento e desenvolvimento de ideias sobre a educação, evangelização e defesa dos interesses dos índios, relacionamos algumas obras de autores como Rachel Wheeler, "Friends to Your Souls": Jonathan Edwards's Indian Pastorate and the Doctrine of Original Sin, *Church History*, 72:4, (2003), páginas 736-765. Wilson Kimmach providenciou uma ampla e extensa introdução sobre a cidade de Edwards na obra "Introduction" to Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven: Yale University Press, 1992), vol. 10, *Sermons and Discourses, 1720-1723*, ed. Wilson H. Kimmach. O mesmo autor escreveu um livro, alguns anos depois concluindo os estudos sobre seu trabalho em Stockbridge, sendo possível o acesso da mesma como Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven: Yale University Press, 2006), vol. 25, *Sermons and Discourses, 1743-1758*, ed. Wilson H. Kimmach. Outro autor que dedicou grande cuidado à obra de Jonathan Edwards foi Stephen J. Nichols, que escreveu "The Last of the Mohican Missionaries: Jonathan Edwards at Stockbridge" in D. G. Hart, Sean Michael Lucas, Stephen J. Nichols, ed., *The Legacy of Jonathan Edwards; American Religion and the Evangelical Tradition*, (Grand Rapids: Baker Academic, 2003), 47-63.

⁷⁸ Na verdade, dos cerca de 1200 sermões de Jonathan Edwards, Wheeler calcula que entre 1751 e 1758 Edwards pregou cerca de 233 sermões para os índios Stockbridge e 165 sermões para a congregação inglesa em Stockbridge. De acordo com seus cálculos, aproximadamente 190 dos sermões indianos foram composições originais. Mesmo que mais tarde os sermões indianos deste período revelam que, como o tempo progrediu Edwards começou a delinear mais e mais, o número de novos sermões para os índios contrasta com as 29 composições originais pregadas à congregação inglesa. Não há sermões existentes em 1757, embora 29 sermões em Northampton estão registrados como tendo sido repregados naquele ano. Se estes foram pregados à congregação indiana, bem como para a congregação inglesa não fica claro. Dada a prática geral de Edwards em Stockbridge para a preparação de sermão aos índios, parece difícil conceber que, durante este ano, ele simplesmente tenha reciclado sermões antigos para seu público indiano. No entanto, isso pode permanecer apenas no nível de conjectura (WHEELER, R., 'Edwards as Missionary,' 204, 213n44, n48 (cf. *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:504-9).

⁷⁹ Ver mais em Wilson H. Kimmach, Kenneth P. Minkema, & Douglas A. Sweeney, ed., *The Sermons of Jonathan Edwards; A Reader*, (New Haven: Yale University Press, 1999), p.35

5.2.1 ALTERAÇÃO NA ENTREGA DE SEUS SERMÕES

Rachel Wheeler (2003) assevera que os sermões em Stockbridge foram simplificados de tal maneira que alguns deles se assemelham a um estudo bíblico de escola dominical e outros foram refeitos mantendo a base antiga.⁸⁰

Contudo, um estudo mais atento ao conjunto de sermões dos anos em Stockbridge revelam algumas pérolas valiosas que fortalecem as credenciais missionárias de Edwards. A quantidade de sermões novos em Stockbridge é enorme, bem como a sua forma e conteúdo, que sofreram alterações para dinamizar a sua entrega. Isso era, praticamente, um novo tipo de pregação.⁸¹

Também é possível perceber que há semelhanças e diferenças entre os sermões pregados aos brancos e aos índios que demonstrarão as implicações missiológicas na pregação de Edwards. Observamos também o conteúdo de alguns de seus sermões para avaliar o alcance e a efetividade das suas pregações entre os índios.

Wilson Kinnach sugere que Edwards, especialmente depois do contato com George Whitefield, fez tentativas para se tornar mais coloquial e livre dos textos escritos (EDWARDS, 1998, 25:7, e WHEELER, 2003, p.748)). Pelo menos outras duas mudanças apareceram em seus sermões em Stockbridge, e estavam relacionadas ao vocabulário e forma de pregar.

Ao chegar para o trabalho novo, o pregador teria de se comunicar de forma apropriada, e isso implicava novas palavras, contudo, ele continuaria a usar o mesmo tipo de folha de papel para redigir e expor os textos. Aparentemente “Edwards não se importava se os índios o vissem com se estivesse lendo de um jornal” (EDWARDS, 1998, 25:25).

Mesmo sabendo que a leitura causaria alguma dificuldade, o ponto central era que a pregação extemporânea e a pregação por meio de um intérprete eram, em essência, mutuamente exclusivas e ao mesmo tempo continham o mesmo sentido.

As construções dos novos textos manuscritos também refletiram esse ajuste. Os escritos não continham a íntegra do sermão, mas linhas de pensamentos. Isso, para decepção dos historiadores, revelou que muitos dos textos pregados aos índios estavam sem o conteúdo necessário para publicações.

Um segundo ajuste, para a congregação que não estava acostumada a tomar notas, contemplou o estilo (EDWARDS, 1998, 25:23-33). A tradicional estrutura de três partes do

⁸⁰ Ver mais em Rachel Wheeler, *Friends to Your Souls: Jonathan Edwards', Indian Pastorate and the Doctrine of Original Sin*, *Church History* 72:4 (2003). p.748.

⁸¹ Ver mais em Wilson H. Kinnach, 'Preface to the Period,' em *WJE: Sermons and Discourses 1743-1758*, 25:40-42

sermão com texto, doutrina e aplicação permaneceu, mas a articulação e a numeração das divisões e subdivisões desapareceu. Essas modificações manuscritas refletem a clara percepção de Edwards de que pregar aos índios exigia que ele se ajustasse às suas necessidades, em vez de manter sua própria “forma de pregar”.

Um terceiro ajuste está na extensão do texto e na estrutura. Quanto ao texto, os sermões aos índios eram mais curtos e objetivos para que a absorção fosse possível. É possível que sentenças mais longas trariam complicação tanto para os tradutores como para os ouvintes que teriam de se lembrar de um argumento de longa duração ou de uma construção gramatical complexa. Isso certamente reflete o fato de que Edwards fez sérios esforços para acomodar-se estruturalmente às necessidades e limitações de seu público.

Quanto à estrutura, houve mudanças bem acentuadas, principalmente na homilética que Edwards utilizou para pregar na aldeia, e possivelmente veio da influência recebida de David Brainerd. Percebe-se uma ênfase na pregação que buscava a transformação de vida, com expectativa de evangelizar, pois suas exposições levavam a reflexões profundas. Certamente este foi um fato que muito contribuiu para Jonathan Edwards se estabelecer entre os índios e também para uma consciência quanto às situações adversas que encontraria.

É quase impossível que Edwards não tenha aprendido com o jovem missionário moribundo em sua casa. Edwards admitiu ser aluno de Brainerd em consciência missionária e alteração de estilo e conteúdo enquanto foi missionário em Stockbridge (KIMNACH, 1992, p. 25).

Há evidência de uma profunda acomodação para se ajustar com sua audiência, com grande desenvolvimento em gentileza, mas há pontos significativos em que ele não mudou, especialmente no que diz respeito ao conteúdo doutrinário e teológico (WHEELER, 2003, p. 765).

Os sermões mostram o mesmo teólogo sólido que comunica a mesma teologia exaltada de maneiras novas e inovadoras para alcançar seu novo público para Cristo (WHEELER, 2003, p.736-737).

Um de seus sermões pregados em Stockbridge com o título “Pescadores do Céu” demonstra todo o cuidado e sensibilidade no trato com os índios, anunciando em tom conciliatório que cada um avaliasse o estado de seus corações:

Não vos apanheis na prática externa ritualista, mas recebam um coração puro: um coração santo que odeie todo pecado e que ame a Cristo, que ame todo o povo de Cristo, e ame todos os caminhos de Deus (WHEELER, 2003, p.598).

Kimnach aponta outro sermão que reflete a atenuação no tratamento, principalmente com os indígenas. Este tem o título “Fogo do Inferno” e apresenta uma gentileza incomum na exposição (KIMNACH, 1999, p.313).

Marsden também observa que, embora as pregações aos colonos brancos e suas famílias fossem mais severas, ainda assim, eram muito mais pastorais e longânimes em relação ao que Jonathan pregava em outros tempos (MARSDEN, 2003, p. 226).

Os sermões de Edwards contemplaram o uso de imagens da natureza e da vida diária para trazer a mensagem dos céus para perto da vida diária.

Toda a ênfase na ira de Deus deu lugar a um intenso apelo a fim de considerar a graça e bondade de Deus e descansar nele, o refúgio para o grande dia fugir para Ele para refúgio naquele grande dia.

Ele começava a aplicação do sermão com uma chamada à consciência:

Agora, pois, este é o conselho que vos dou: recebam a instrução, abandonem os seus pecados e voltem-se para Deus pois ele está disposto a salvar pecadores. A sua bondade é muito grande para com vocês. Ele também os exorta a buscar a glória eterna com Cristo no céu. Agora, portanto, não seria melhor vocês escutarem este conselho e irem para o céu, aquele mundo de luz e alegria? Então eu, como ministro de Jesus Cristo, vos convido a vir a Cristo para serem salvos do inferno. Por que ele está disposto a aceitar? Porque ele diz: "Aquele que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora" [João 6:37]. Ele perdoará todos os seus pecados e concederá o céu e todas as boas coisas para vocês, se vocês o ouvirem (EDWARDS, 1998, p. 598-599).

O método de Edwards era falar com linguagem simples sem abandonar o conteúdo profundo, falar como um pai se expressa aos seus filhos, para que os índios entendessem a sua advertência e viessem para Cristo. O que motivou Edwards para esta forma gentil de se dirigir aos índios foi a necessidade de adaptação ao novo público.

Edwards constantemente anunciava aos índios que considerassem seu estado eterno:

Vocês têm uma oportunidade melhor do que muitos outros pobres índios, vocês têm o evangelho pregado agora e o caminho da salvação anunciado por Cristo, enquanto muitos não sabem nada sobre isso (EDWARDS, 1998, p.597).

Em frases como esta vemos todo o ardor missionário dele pelos índios, a despeito de muitas críticas ao seu propósito evangelístico. Parece-nos que seu coração estava dedicado àquelas almas perdidas e sua compaixão para com elas parece ser, na melhor das hipóteses, subestimado por tais argumentos.

Stockbridge não era apenas um lugar para dar uma atenção mínima aos deveres pastorais, a fim de prosseguir com projetos pessoais de escrever livros.

Stockbridge foi a oportunidade de prosseguir com o trabalho missionário, um trabalho que exigiu o melhor de Edwards. Ele era como um pai que falava com paciência e súplicas para o bem das almas dos índios, visando a glória do seu redentor entre os povos.⁸²

A filha de Jonathan Edwards, ao visitar a aldeia em 1756, enaltece a ternura do pai em relação à sua alma e aos problemas que ela estava enfrentando:

Ultimamente eu necessitava de algum tempo livre com meu pai para conversar e ouvir dele algumas orientações. Eu falei das minhas dificuldades, e ele foi muito afável na paciência e cuidado comigo. A conversa removeu dúvidas enormes que eu carregava. Ele me deu algumas excelentes direções para serem observadas em segredo que tendem a manter a alma perto de Deus, bem como outros a serem observados de forma mais pública - Que misericórdia ter um Pai tão grande! Eu tenho um Guia!⁸³

Outra forma que demonstra o cuidado com a absorção dos seus sermões é o uso constante de ilustrações da natureza. Isso acontecia também com a igreja entre os colonos, mas certamente, na congregação entre os índios o método era usado permanentemente.

No que pode ter sido o primeiro sermão pregado na aldeia, lendo Atos 11.12-13, Edwards usou a sua própria chegada a eles como ilustração do que foi a chegada de Pedro a Cornélio. Ele afirmou:

Agora vim para pregar a verdadeira religião a vós e aos vossos filhos, como fez Pedro a Cornélio e à sua família, para que vós e todos os vossos filhos sejais salvos". Ele falou da necessidade de abandonar tudo e todos e voltar-se para Cristo usando a ilustração de "uma criança desmamada do peito de sua mãe, de modo que eles seriam desmamados de todas as coisas boas deste mundo; Eles não deveriam colocar seus corações nessas coisas (EDWARDS, 1998. p.569).

Para Edwards, a vida cristã se assemelhava a uma grande viagem. Assim ele argumentava: "Estes estão viajando para o céu e, embora possam ter muitos problemas e trabalhos no caminho, e ficarem muito cansados, o céu é o seu lugar de repouso (EDWARDS, 1998. p.571-573)".

⁸² Para um melhor entendimento sobre as maneiras paternas adotadas por Edwards entre os índios, bem como as objeções às suas práticas ler Wheeler, *Friends to Your Souls*, Gerald R. McDermott, *Jonathan Edwards Confronts the Gods*, (New York: Oxford University Press, 2000), 194-206. Greg D. Gilbert, "The Nations Will Worship: Jonathan Edwards and the Salvation of the Heathen" *Trinity Journal*, 23 (Spring 2002), 53-76, e também "Response to Gilbert: 'The Nations Will Worship: Jonathan Edwards and the Salvation of the Heathen'" *Trinity Journal*, 23 (Spring 2002), p. 77-83.

⁸³ Estas expressões estão relatadas no *The Journal of Esther Edwards Burr, 1754- 1757*, ed., Carol F. Karlsen and Laurie Crumpacker, (New Haven: Yale University Press, 1984), 224

Edwards, em outra pregação aos Mohawks, discorrendo sobre as bases fundamentais do evangelho, falou de santidade como algo semelhante à luz. Ele lhes assegurou que a criação original do homem era um acender de muita luz.

Tal luz fora escurecida pelo pecado, quando o mesmo adentrou a criação divina. O novo acendimento da luz se deu pelo Evangelho de Jesus Cristo, mas para alguns tal brilho apenas aconteceria em torno deles, como muitos ingleses que tinham o evangelho ao seu redor, mas não neles.

A grande necessidade, explicou Edwards, era que a luz do evangelho brilhasse dentro deles. Quando disse isso, imaginou com eles "um copo à luz do sol, em que o vidro brilha como uma semelhança do brilho do sol. Desta maneira é como uma flor na primavera, sendo um resultado da graça. Falhar em aceitar o evangelho é espelhar, não um vidro, mas uma pilha de esterco. Ele emite um fedor, mas não reflete nenhuma luz.⁸⁴ Era uma ilustração simples, mas carregada de significado diário, o que certamente contribuiria para a melhor compreensão acerca do que o evangelho significava.

Em mais um serviço aos Mohawks, vemos o uso apropriado de ilustrações com a força das construções imagéticas. Agora é uma pregação em Salmos 1.3 onde o texto diz que um homem pode "...ser como uma árvore plantada junto a rios de água".

Ele comparou Cristo com os rios de água:

Primeiro, ele observou que as águas correm "facilmente e livremente", assim como o "sangue de Cristo foi livremente derramado".

Segundo, ele disse: "Cristo é como um rio na grande abundância do seu amor e da sua graça".

Terceiro, ele disse: "As águas que fluem livremente e facilmente não cessam, continuam a correr tanto de dia como de noite, ao contrário das nascentes que fluem do solo". Assim "Cristo nunca [deixa] os seus santos que o amam e confiam nele: o amor de Cristo nunca [cessa]".

Quarto, ele disse: "Caros, entendam que a árvore plantada junto ao rio nunca sofre de seca, assim como a água entra nas raízes [da árvore], assim Cristo entra no coração e na alma de alguém piedoso e habita lá para sempre".

⁸⁴ Esta ilustração e outras estão registradas no sermão "To the Mohawks at the Treaty", em 1751, pesquisado em Wilson H. Kinnach, Kenneth P. Minkema, & Douglas A. Sweeney, ed., *The Sermons of Jonathan Edwards; A Reader*, (New Haven: Yale University Press, 1999), 100-115.

Quinto, ele disse: "como [água] refresca, assim [Cristo] refresca e satisfaz [O coração], e faz com que ele seja sempre alegre".

Finalmente, na aplicação, Edwards perguntou aos índios: "Vocês têm a alma como uma árvore plantada às margens deste rio? Se for assim, então "suas almas são como uma árvore arrancada pelas raízes de um terreno seco e estéril, e plantada em um novo lugar. [Os seus] corações são retirados deste mundo e plantados em Deus e Cristo no céu (EDWARDS, 1998, p. 600-604)".⁸⁵

Havia teologia profunda e ilustrações que os mesmos compreendiam pois moravam à margens do Rio Housatonic e não precisavam de ajuda para aplicar esta pungente metáfora da vida cotidiana ao seu estado e condição espiritual.

Assim, seus sermões foram sendo construídos, com o objetivo de explicar sobre as coisas eternas utilizando imagens ilustrativas da vida diária, tendo o coração dos índios como alvo. Ele, realmente, está mais gentil, e seu trabalho é uma expressão da sua convicção que o sermão serviria como um instrumento para a missão, a apresentação do evangelho de Jesus Cristo. Edwards usou esses aspectos como meio para evangelizar os índios com mensagem simplificada à quem Deus o chamou entre os anos 1751 e 1758.

As frases eram curtas, o tom era elevado, o esboço era cuidadosamente claro e conciso para que os intérpretes pudessem expressar com exatidão qual era o sentido da frase do pregador, e as ilustrações serviam para condensar os temas abstratos aos fenômenos naturais de conhecimento público.

Edwards afirmava que Deus fizera o homem feliz e santo, e que a queda do homem não aconteceu por culpa de que o criou. Seguindo o pensamento do apóstolo Paulo quando escreveu aos Romanos, ele explicou que a humanidade seguia para a profundidade da escuridão a passos largos, encontrado satisfação na idolatria, uma evidência de completa ignorância, tendo o pecado e o demônio como dominadores do seu coração. No entanto, Deus se compadeceu da humanidade e deu-lhes as condições (Revelação, Inspiração e Iluminação) para que pudessem ter o conhecimento Dele. Esta era a possibilidade de retorno do caminho para onde seguiam a passos largos.

De Moisés aos Apóstolos, tudo apontava para a redenção em Cristo, o caminho da salvação como expressão máxima da vontade divina, e Cristo então ordenou "que sua palavra fosse aberta a todas as nações e que todos deveriam ser instruídos por ela". Assim, o

⁸⁵ Esta é uma das demonstrações mais completas sobre a forma simplificada de anunciar o Evangelho entre os indígenas.

fundamento fora lançado, e a redenção apresentava a graça de Deus à humanidade através de Jesus Cristo revelado nas Escrituras.

Agora, isso necessitava ser aplicado ao povos as seis nações indígenas. Duas coisas seriam necessárias: Primeiro, conhecer a Palavra para serem instruídos. Segundo, receber e viver a instrução diariamente (KIMNACH, 1999, 103-107).

Percebe-se que Jonathan Edwards está adaptando sua mensagem às condições da atenção do seu novo público. Agora, a exposição contém muitas ilustrações, a estrutura é mais curta, a oração é mais objetiva, sem menosprezo do conteúdo necessário ao evangelismo segundo Deus.

Depois de tantas adaptações, seria natural imaginar que ele tivesse feito a mesma coisa com a doutrina, mas isso não é necessário. Ele ajustou a estrutura, a forma e o tom, mas não alterou a teologia da sua exposição (KIMNACH, 1999, p.109).⁸⁶

Vemos que a base doutrinária de Edwards nunca sofreu alteração, porque a teologia calvinista que ele pregava estava formada e continha tudo o que era necessário à boa instrução tanto dos ingleses como dos índios (WHEELER, 2003, p.30).

Pelo evidenciado até aqui, percebe-se que Edwards via os ingleses como um povo com alguma vantagem sobre os índios, porque o evangelho havia chegado primeiro a eles. Os ingleses tinham o privilégio de caminhar no caminho proposto há tempos e os índios deveriam iniciar uma caminhada num novo caminho, o que nem sempre era algo fácil. Mas isso não os tornava melhores que os índios, eram todos iguais debaixo da depravação total, tão-somente divididos em culturas diferentes. Ambas necessitavam dos efeitos do evangelho, ou seja, a redenção, pois a depravação total metafisicamente colocava os ingleses e os índios sob a mesma plataforma espiritual, independentemente da diferença cultural e educacional.

Todos necessitavam de mesma salvação através do mediador Jesus Cristo. Eles, como todos os homens, estavam totalmente incapazes de alterar sua condição para a salvação, sendo totalmente dependentes da graça de Deus. Em sua opinião "todos os homens são naturalmente perversos" (EDWARDS, 1998, p 597). Vejamos o que ele escreveu:

[Eles devem saber que eles] merecem que Deus os odeie, e os tome, e os lance para o inferno e não lhes mostre nenhuma misericórdia. Para serem bons cristãos, os homens devem saber que são criaturas pobres e miseráveis, e não podem ajudar a si mesmos, e [que] eles precisam de Cristo para socorrê-los e ser seu Salvador. [Eles] devem perceber que nunca puderam ou

⁸⁶ Os sermões de Edwards, segundo Kimmach são "essencialmente os mesmos pregados às congregações inglesas, exceto que os sermões aos índios são mais abrangentes e comprimidos" Extraído de Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards*, (New Haven: Yale University Press, 2003), vol. 25, *Sermons and Discourses, 1739-1742*, ed., Harry S Stout and Nathan O. Hatch, with Kyle P. Farley, 641.

poderão fazer nada para pagar pelos pecados que cometeram contra ele, e precisam que Cristo faça a sua expiação por seu precioso sangue.⁸⁷

Edwards está refletindo o conceito adquirido de um dos pontos da teologia reformada conhecido como Depravação Total. Seria difícil encontrar uma descrição mais sucinta e simples da depravação total e da incapacidade do homem. Isso nivela os homens perante o seu criador, em termos de condições para se salvarem.

Então, qual seria a solução para este estado? A seguir veremos uma declaração edwardiana sobre a regeneração que não deixa dúvidas sobre sua certeza.

[Eles devem ter] receber novos corações totalmente doados. E então eles devem ter os olhos abertos para ver o quão amável é Cristo e que ele é o único Salvador que essas pobres criaturas necessitam (EDWARDS, 1998, p. 572).

As expressões de Edwards para depravação são objetivas, evidenciando, contudo, total dependência de Deus. Isso também ocorre com o conceito de conversão. Tudo depende de Deus doar um novo coração aos indígenas para que eles possam ver Cristo como seu suficiente e glorioso salvador. Sem este ato unilateral por parte de Deus, ninguém veria o Senhor porque cada um permaneceria em depravação, sem regeneração nem conversão, continuando em sua condição natural. Somente a graça irresistível poderia superar tal cegueira natural e redirecionar sua inclinação para Deus. E o que os índios poderiam fazer diante disso? Ele os orientava constantemente:

Portanto, todos os dias, cada um de vocês, vá sozinho e ore ao Senhor Deus para que ele ilumine suas mentes e lhes dê novos corações para que vocês possam compreender e usufruir a verdadeira religião em Cristo (EDWARDS, 1998, 574).

Em outro sermão, Jonathan Edwards enfatiza a suficiência de Cristo na salvação. Somente Cristo teria capacidade inerente para produzir salvação, e isso era algo da onipotência de Deus, entregue ao seu Filho, no comissionamento redentivo. Mais uma vez, ele reforça:

[Ele] Somente ele pode fazer todas as coisas por você, [e] pode dar-lhe um novo coração. Nenhum outro pode. Aqui está o encorajamento para ir a Cristo para usufruir a salvação pessoal. Ele é capaz, [porque] ele é tanto Deus como o homem. Ele pode salvá-lo do diabo: ele tira a pobre alma da boca do diabo como um homem forte vem e tira um cordeiro da boca de um urso (EDWARDS, 1998, p. 645).

⁸⁷ Edwards pregou um sermão aos índios na aldeia com o título *The Calamity of Those Without the Gospel* afirmando que ninguém pode se auto-ajudar quanto à sua salvação. Jonathan Edwards, "The Calamity of Those Without the Gospel" (Acts 16:9), 1751, 1. Ver também Works, 25:572. E ainda Works of Jonathan Edwards Online, ed. Harry S. Stout, Kenneth P. Minkema, Caleb J.D. Maskell, 2005-. <http://edwards.yale.edu/ref/12872/e/p/1>.

A simplificação da mensagem não condensava o conteúdo teológico. Quando Edwards explica a doutrina da suficiência de Cristo para a expiação limitada, ele o faz de maneira que eles possam associar o conteúdo pelo uso de conceitos vividos diariamente, como valor de aquisição, e presente valioso. Ele pregou um sermão em 1751, logo após a sua chegada a Stockbridge com o nome “A calamidade dos que estão sem o Evangelho”. Vejamos suas ênfases:

Há socorro para os pobres e perdidos pecadores em Jesus Cristo. Quando estávamos desamparados, o único caminho foi o Filho de Deus. [Quando] Ele viu o nosso estado miserável, Ele compadeceu-nos [de nós]. Ele foi suficiente para nosso socorro, nenhum outro foi encontrado suficiente [ou] sábio o suficiente. [Ele foi] suficientemente excelente, forte e disposto. Ele veio ao mundo e assumiu a natureza do homem. Ele deu sua vida e derramou seu precioso sangue por todos os que crê no seu nome. Por isso [ele] fez plena satisfação (propiciação) pelos nossos pecados. Pagamento de preço suficiente para quitar toda a dívida que devíamos a Deus, um preço suficiente para comprar o Céu.⁸⁸

Edwards também instruiu os índios acerca da doutrina da perseverança dos santos, para que eles nunca imaginassem que a sua salvação dependeria de suas obras:

Os bons (escolhidos) foram reunidos em vasos, isto é, eles foram preservados e mantidos como estimados a quem muito foi feito por eles. Assim, Deus salvará seus santos e fará deles a sua preciosidade, sendo muito precioso para eles, como aqueles a quem ama muito (EDWARDS, 1998, p. 578).

Mais uma vez, usando grande riqueza ilustrativa, Edwards consola os cristão para as muitas adversidades possíveis na caminhada da cristã. Ele diz que:

Cristo nunca [deixa] os seus santos que o amam e confiam nele: o amor de Cristo nunca cessa. Ele nunca deixa de cuidar [deles]. E qual é o meio que Cristo usa para o grande fim da perseverança dos santos? O Espírito Santo que mora em nós. A graça de Cristo no coração continuará para sempre. Cristo nunca retirará o seu o Espírito deles: aquela vida interior e conforto que Cristo dá aos corações de seus santos continuará até a eternidade (EDWARDS, 1998, 603).

Concluimos com as palavras de Samuel Hopkins (1765), seu primeiro biógrafo:

As palavras dele por muitas vezes exibiam grande fervor interior, sem muito barulho e sem emoção externalizada, caindo com grande peso sobre as mentes de seus ouvintes; ele falava de modo a revelar as fortes emoções de seu próprio coração, as quais tendiam, de maneira natural e eficaz, a comover e a afetar as pessoas (p. 146).

⁸⁸ Quando Edwards chegou a Stockbridge, uma das primeiras coisas que ele fez foi preparar textos que o colocassem na perspectiva da evangelização. Este texto foi extraído de Jonathan Edwards, *"The Calamity of Those Without the Gospel" (Acts 16:9)*, 1751, 1. Works of Jonathan Edwards Online, ed. Harry S. Stout, Kenneth P. Minkema, Caleb J.D. Maskell, 2005-. <http://edwards.yale.edu/ref/12872/e/p/1>

Ao escrever para um amigo, Isaac Hollis, Jonathan Edwards manifestou a alegria de ver vidas transformadas pela pregação do Evangelho ao afirmar:

Eu os conheci embriagados, guerreiros sedentos de sangue, mas finalmente, pela operação do Espírito de Deus, hoje os vejo com disposição e costumes estranhamente mudados através de uma influência maravilhosa em suas mentes. Agora eles têm disposição para a religião e sede de instrução.⁸⁹

Assim, percebemos nesta breve visão da sua teologia que ele expressava os conceitos calvinistas sem macular nenhum deles nem ignorar outros. O calvinismo não era um esconderijo para se ausentar do campo missionário. Ao contrário, ele era a ferramenta usada no campo missionário para falar da soberania de Deus e da responsabilidade do homem. Edwards ensinava e pregava um evangelho fundamentado na sua rica herança teológica. Ele sempre foi um escolástico teólogo calvinista, ao mesmo tempo que foi um missionário e evangelista puritano.

⁸⁹ Carta a Isaac Hollis, um financiador da obra missionária em Stockbridge, em 17 de Julho de 1752.

5.3 Defensoria dos interesses moicanos para a civilidade

Os ingleses, desde as primeiras referências à cristianização dos índios americanos, viram a prática da civilização de culturas “selvagens” como parte integrante do esforço missionário geral. Como R. Pierce Beaver observou bem:

A salvação das almas era o grande assunto, mas o evangelismo era dirigido igualmente ao estabelecimento de igrejas nas quais os conversos fossem nutridos e sustentados na fé e na prática cristã. O indivíduo e a comunidade juntos deveriam ser alimentados pela adoração centrada no sermão, pelos sacramentos, pelo cuidado pastoral e pela disciplina rigorosa. A fim de proteger o cristão da má influência dos índios pagãos e dos brancos não cristãos, os convertidos eram, na medida do possível, segregados em cidades e aldeias cristãs. Ali, eles deveriam ser conformados ao modelo do puritano, da igreja puritana e da educação inglesa, todos identificados com a fé cristã fundamental. A evangelização era precedida da civilização com ênfase na missão até que Rufus Anderson desafiou essa suposição (BEAVER, 1966, p. 17).⁹⁰

A prática, ou pelo menos o conceito, parece ter derivado dos esforços ingleses para dominar os povos conquistados, dentre eles, o povo irlandês. James Axtell observa que a frase "reduzi-los à civilização" tornou-se atual como resultado de Sir Thomas Smith, que em 1577 "declarou que o principal objetivo" reduzir esse país à civilidade e à educação inglesa (AXTELL, 1985, p.350)⁹¹.

O fato é que o conceito e a prática faziam parte da mente inglesa, como conjunto e metodologia missionária das missões coloniais americanas. Isto é evidente ao longo dos séculos XVII e XVIII.

O conceito de educar e civilizar os pagãos como um método missionário ainda era considerado prática padrão. No discurso de Cotton Mather aos comissários da New England Company intitulado *India Christiana* Mather se refere claramente à prática passada de John Eliot e afirma sua necessidade contínua:

Mas, apesar de tudo isso, devemos dizer humildemente que é um tempo de pequenas coisas, pois os índios ainda não evoluíram na civilidade inglesa,

⁹⁰ Rufus Anderson (1796-1880) foi secretário da American Board of Commissioners entre 1822 e 1866, e escreveu obras com severas críticas sobre a história das missões nos Estados Unidos

⁹¹ Axtell é autor de artigos que apontam para a redução de nativos durante o período da civilização americana.

nem na indústria e pecuária, como era desejável, como evidência de uma prática cristã adequada (MATTER, 1721, p. 40).⁹²

Curiosamente, Norman Pettit afirma que a prática de civilizar os índios para uma prática cultural inglesa foi substancialmente abandonada por Edwards quando ele começou seus trabalhos missionários em Stockbridge, Massachusetts (EDWARDS, 1985, p. 25).

O princípio de civilizar os índios para a prática de boas maneiras como um meio de cristianizá-los remonta ao início dos esforços coloniais para alcançar os nativos das américas, mas Jonathan Edwards não seguiu por tal caminho. Os primeiros empreendimentos missionários nas colônias inglesas são marcados por dois aspectos principais, os missionários no lado americano do Oceano Atlântico civilizando, educando e evangelizando, e o apoio inglês no outro lado numa clara perspectiva de expansão cultural, político-religiosa.

Em todo caso, percebe-se que a escola para os índios em Stockbridge continha o fundamento da civilidade nos seus ideais. Em uma carta ao Dr. Benjamin Coleman, John Sergeant esboçou um plano para um internato de crianças indígenas com o objetivo de civilizá-las. Ele afirma abertamente:

O que proponho, portanto, em geral, é usar um método na educação de nossos filhos índios, da mesma forma que, na maneira mais eficaz, mudará todo o seu hábito de pensar e agir; E elevá-los, na medida do possível, na condição de um povo civil industrioso e polido; Ao mesmo tempo em que os princípios da virtude e da piedade sejam cuidadosamente instilados em suas mentes em desenvolvimento, que tornarão a impressão mais duradoura; E também para introduzir a língua inglesa entre eles em vez de seu próprio dialeto imperfeito e bárbaro.⁹³

Por isso, apesar da afirmação de Norman Pettit de que a prática havia sido abandonada pela época de Edwards, a evidência parece ser o contrário. Um dos principais métodos utilizados para estabelecer a missão Stockbridge era civilizar os índios como um meio de cristianizá-los.

O ponto que deve ser considerado é: Jonathan Edwards defendia a civilização dos índios para a sua cristianização? Haveria alguma evidência de que ele usara tal método em seus esforços missionários? Antes de examinar isso, parece válido considerar uma importante relação entre civilizar os índios e cristianizar os índios. É claro que alguns colonos pensavam que a civilização dos índios era realmente um pré-requisito para cristianizá-los. Mas há

⁹² Cotton Mather contribuiu para o estabelecimento dos termos do documento *India Christiana*, um incentivo para a evangelização dos índios. Ele era um membro ativo da New England Company.

⁹³ Carta de John Sergeant para o Dr. Colman em Boston, (Boston: Printed by Rodgers and Fowle, 1743).

também os colonos que viram civilidade como o fruto da conversão e não a base dela. Em outras palavras, depois de o evangelho ter sido pregado e testemunhado entre os povos recém alcançados, haveria um efeito civilizatório.

Um dos defensores deste pensamento era Solomon Stoddard, avô de Jonathan Edwards. Em seu texto “Perguntas” aos colonizadores em 1723, ele afirmava que a civilidade seria um fruto da conversão e não um fundamento para ela:

Se eles abraçarem a religião será um meio para fazê-los viver mais confortavelmente neste mundo. É observável que muitas nações, quando estavam em sua vida natural, viveram miseravelmente neste mundo. Assim, os ingleses, os franceses e outros; Mas desde que eles entenderam o Evangelho, estão em uma condição florescente. Deus os conduz a caminhos de sabedoria, para seguir a pecuária, mercados e mercadorias, e viver honrosamente e abundantemente. Eles têm boas casas, bom vestuário e dieta confortável; Eles vivem mais como homens do que viveram em idade anterior. Diz-se que Cristo é digno de riquezas (Apocalipse 5.12). Deus concede Cristo em dois caminhos, um em dar condições para manter as ordenanças de Cristo; O outro é dar condições aos instrutores da religião cristã. E é muito esperançoso que, se os índios uma vez entenderem a verdadeira religião, eles gradualmente deixarão sua maneira selvagem e primitiva de viver; Aprenderão preparar melhor a terra e a administrar como as nações civilizadas fazem; Eles renunciarão a esse modo de vida selvagem ao qual estão presos (STODDARD, 1723, p. 10-11).

Solomon Stoddard compreendia que o fruto do cristianismo seria a civilidade das novas nações. Neste pensamento, a civilidade não seria um método missionário, mas uma expectativa de resultado da ação missionária. A questão é onde Edwards se encaixaria nestas duas perspectivas. E a resposta não é fácil, já que Edwards, ao contrário de Brainerd e Sergeant, não começou seus trabalhos missionários. Stockbridge era uma cidade estabelecida quando Edwards veio para ministrar aos índios. Apesar disso, parece haver evidências de que Edwards estava mais de acordo com seu avô Stoddard do que com outros de seus predecessores que consideravam civilizar os índios uma necessidade para cristianizá-los.

A primeira evidência é encontrada na sua forma de viver. Ao invés de morar no alto da montanha, como a maioria dos outros colonos brancos fizeram em Stockbridge, Edwards escolheu viver com sua família entre os índios na aldeia. Embora seja difícil dizer com certeza quais eram os motivos de Edwards, parece que ele se distanciou de outros brancos que achavam os índios selvagens demais para viver entre eles. Um que tinha sido convencido por esta maneira foi John Sergeant que viveu entre os índios quando chegou à aldeia, mas depois de se casar com Abigail Williams, passou a viver separadamente como o resto da família Williams. Uma casa nova foi construída no alto da colina com uma fachada que foi trazida de Connecticut. Foi para lá que o missionário Sergeant se mudou com sua noiva e viveu o resto

de seus dias um pouco afastado da aldeia, algo que não foi bem compreendido e aceito pelos índios (MARSDEN, 2003, p.396).

5.3.1 AS DIFERENÇAS IDEOLÓGICAS E SEUS DESDOBRAMENTOS

Este talvez tenha sido o maior dos problemas para Jonathan Edwards: a família Williams. Aquilo que se imaginava, e pelo que Edwards fora muito criticado, que Stockbridge era um lugar de descanso para escrever, seria na verdade, um lugar de muitas tribulações. O clã dos Williams, parentes dos quais ele se opôs em Northampton, viviam na aldeia. O coronel Efraim Williams mudou com sua família para Stockbridge em 1737 e logo adquiriu a posição de moderador aldeia.⁹⁴

Mas Edwards não era o único a ter dissentimentos com esta família: os índios frequentemente lamentavam a postura dos Williams. Todas as suas ações serviam para diminuir as condições dos índios e valorizar as suas benesses, principalmente, acerca da terra.

Quando teve oportunidade, Edwards escreveu aos comissários em Boston para explicar que o Coronel Williams não era honesto com os índios e por isso era por eles desprezado. Abigail também era culpada pela gestão defeituosa em relação à educação das crianças, e na administração dos recursos. E tudo isso causava uma grande indignação, levando-o muitas vezes, a enfermidades por conta de tanto mal estar.⁹⁵

Os problemas exigiram que Edwards se dedicasse aos cuidados administrativos, e isso fez dele um exímio administrador e defensor dos assuntos indígenas. Numa de suas cartas, ao Sir William Pepperrell, ele afirma que agora eles tinham um advogado por eles.⁹⁶

Havia dificuldades em várias frentes. Na alocação de terras, no gerenciamento do internato, nas fontes de financiamento para a educação, entre outros.

⁹⁴ Para mais informações acerca do domínio da família Williams em Stockbridge, ler Marsden, *Jonathan Edwards: A Life*, p.376-396.

⁹⁵ Para mais informações acerca das dificuldades de Edwards em trabalhar com a família Williams, ler Wheeler, 'Edwards as Missionary,' 200n23. Ver Frazier, *The Mohicans*, p.82-88. Ler 'Letter to Secretary Andrew Oliver. Stockbridge, February 18, 1752,' dentro do software *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:423-24. Ainda é possível pesquisar em Frazier, *The Mohicans*, 99-100. Em outro texto chamado 'Letter to the Reverend Isaac Hollis. Stockbridge, July 17, 1752,' in *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:500-502; e também em Lion Miles, 'The Red Man Dispossessed: The Williams Family and the Alienation of Indian Land in Stockbridge, Massachusetts, 1736-1818,' *New England Quarterly* 67 (1994): 46-76. Quando Edwards escreveu ao Sir Pepperrell, disse que os problemas o estavam deixando doente. Ver isso em 'Letter to Sir William Pepperrell. Stockbridge, January 30, 1753,' em *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:556. A gestão defeituosa de Abigail Sergeant foi denunciada por Edwards, principalmente porque ela alijava as meninas dos índios da educação. ver em Letter to Andrew Oliver. Stockbridge, April 13, 1753,' in *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:587-92.

⁹⁶ Expressão extraída de "Letter to Sir William Pepperrell. Stockbridge, November 28, 1751", em *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:413-415

Podemos ver como a situação pessoal de Edwards era complicada quando lemos em WHEELER (2003) que:

O ministro e professor eram financiados pela sociedade missionária com sede em Londres, a New England Company, da qual Eliseu Williams (parente dos Williams de Stockbridge) era um comissário. A escola recebia recursos iniciais de um benfeitor Inglês, Isaac Hollis, mas foi concluída sob a supervisão de Efraim Williams com recursos da província. Depois de algum tempo, Hollis também enviou fundos para as crianças no internato. E ainda, não se pode esquecer que o interesse da família Williams na vila missionária tinha motivos mistos, ou seja, desenvolver a cidade de Stockbridge, para que com isso, houvesse o aumento da fortuna da família Williams (p.201).

Diante do quadro, Edwards percebeu que deveria tomar a frente no controle da administração dos recursos ou tudo se perderia em desmandos e incompetências. Começaria uma luta difícil com discussões internas e externas, ações e reações, cartas a diversas pessoas importantes relacionadas à missão Stockbridge, para que finalmente, em 1754, chegasse a informação que ele seria o superintendente do projeto, nomeado por Isaac Hollis.⁹⁷

Infelizmente já era tarde. Muitos índios haviam deixado a aldeia por conta de descontentamento com o capitão Kellog. Ele preservou o funcionamento da escola, mas havia um número muito pequeno de crianças moicanas, e uma criança mohawks, que ficava em sua própria casa.⁹⁸

Quem ainda poderia afirmar que a sua permanência em Stockbridge fora um tempo para descansar? Isso, além de desconstruir tais afirmações, confronta outras acusações a Edwards de não nutrir interesse pelos índios, exceto como almas a serem salvas.⁹⁹

Na verdade, como afirmado anteriormente, Edwards se torna um bom administrador, cuidadoso com os assuntos indígenas. Aqui, em Stockbridge, o pastor que outrora vivia mergulhado em assuntos abstratos, estava envolvido com as reais necessidades de um povo que agora via no seu missionário, um homem capaz de perceber suas dificuldades e apoiá-los. Isso, como afirmou Mcdermott no seu artigo "Missions and Native Americans", na página 203, "certamente desenvolveu em Edwards uma afeição genuína por sua congregação indiana".

⁹⁷ Ver em 'Letter to Secretary Andrew Oliver. Stockbridge, February 18, 1752,' no aplicativo *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:423); 'Letter to Sir William Pepperrell. Stockbridge, January 30, 1753,' no aplicativo *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:552-63; 'Letter to Andrew Oliver. Stockbridge, April 12, 1753,' no aplicativo *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:59.

⁹⁸ Mais detalhes em 'Letter to Secretary Josiah Willard. Stockbridge, March 8, 1754,' no aplicativo *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:626-27, e também em 'Letter to the Reverend Thomas Prince. Stockbridge, May 10, 1754,' no aplicativo *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:629-43.

⁹⁹ Ola Winslow faz esta acusação. Ver mais em WINSLOW, *Jonathan Edwards*, p. 252.

5.3.2 A PRÁTICA DA VIDA FAMILIAR NA ALDEIA

Jonathan Edwards preferiu estar entre os índios na pequena cidade e quando escreveu a seu pai, assim que chegou, observou o bom efeito desta decisão:

Minha esposa e meus filhos estão bem satisfeitos com a nossa situação atual. Eles encontraram um lugar muito melhor do que esperavam. Aqui, no presente, vivemos em paz, o que há muito tempo tem sido uma coisa incomum com a gente. Os índios parecem muito satisfeitos com minha família, especialmente com minha esposa (MARSDEN, 2003, 420).

Ao escolher viver entre os índios, algo foi inevitável. Ele, além de não separar os seus filhos dos filhos dos índios, permitiu que houvesse ampla interação familiar, tendo sua casa permanentemente aberta aos novos vizinhos. Um de seus filhos, Jonathan Edwards Jr, escrevendo muitos anos depois, sobre suas experiências em Stockbridge, revelou coisas admiráveis acerca da sua infância¹⁰⁰.

As diferenças culturais, para Edwards ficaram em segundo plano. Isso é evidenciado no fato de Edwards viver na vila como um igual, com total interação e sem nenhuma restrição ao convívio. Sua disposição e seu desejo que seus filhos aprendessem e falassem a língua moicana, brincassem e estudassem com as crianças Mohican demonstra uma visão muito diferente de alguns dos colonos brancos e da família Williams em particular.

Embora Edwards não estivesse necessariamente preparado para ter seus filhos vivendo como índios, ele certamente não era avesso a eles vivendo com os índios e tendo muitas das suas práticas de vida. Os efeitos, pelo menos em pequena medida, foram excelentes porque evidenciaram uma nova prática, mais próxima dos conceitos bíblicos que os ingleses afirmavam ter.

Segundo Nichols, há um heroísmo em Edwards poucas vezes visto em práticas missionárias como luta pela política, justiça social e desenvolvimento econômico,

¹⁰⁰ Ele escreveu: "Quando eu tinha apenas seis anos de idade, meu pai foi embora com sua família para Stockbridge, que naquela época, era habitada por índios quase que exclusivamente; Havia na cidade, mais doze famílias de brancos ou anglo-americanos, e talvez cento e cinquenta famílias de índios. Os índios eram os vizinhos mais próximos, e eu constantemente estava com eles; Seus meninos eram meus amigos de escola e companheiros de brincadeiras. Fora da casa de meu pai, eu raramente ouvia a língua inglesa, pois estava sempre ao lado dos índios. Por estes meios eu adquiri o conhecimento da língua deles, e sinto grande felicidade em falar sobre isto. Tornou-se mais familiar para mim do que minha língua materna. Eu sabia nomes de algumas coisas na língua indígena, que eu não sabia em inglês; Mesmo todos os meus pensamentos eram como pensamentos de índioQuando eu estava no meu décimo ano, meu pai me enviou para as seis nações, porque eu deveria aprofundar mais na sua língua, e assim tornar-me qualificado para ser um missionário entre eles. Mas, por causa da guerra com a França, que existia no momento, eu continuei entre eles mais seis meses". Escritos de Jonathan Edwards [Jr.], *Observations on the Language of the Muhhekaneew Indians*, (New Haven: Meigs, 1788), 3-4. Ver também Robert L.Ferm, *Jonathan Edwards, the Younger 1745-1801, A Colonial Pastor*, (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976).

particularmente na defesa contra o mau tratamento que recebido dos britânicos. Um historiador conceituado, Stephen Nichols, em seu livro "O legado de Jonathan Edwards", afirma que a sua permanência na aldeia não se deu porque o mesmo quisesse ter mais tempo para escrever suas obras. Caso fosse esta a intenção, certamente ele não estaria tão envolvido com as causas indígenas como esteve durante todo o tempo que viveu com sua família em Stockbridge.

Em sua carta a Joseph Paice¹⁰¹, segundo Nichols, Edwards acusa os ingleses:

[...] os britânicos ignoram as iniciativas indígenas demonstrando inatividade sobre sua real situação, com total falta de interesse, mas que nunca deixam de explorar os índios (NICHOLS, 2003, p. 53).

Nesta mesma carta Edwards reclamou da forma negligente que os ingleses praticavam o seu dever, com extrema imprudência, culminando com uma crítica reiterada aos maus tratos para obter ganhos financeiros.

Edwards também tinha interesse no avanço da educação entre os índios, especialmente, entre as crianças. O seu amor e dedicação pelas crianças moicanas e mohawks é demonstrado quando se faz necessário lutar para afastar um funcionário corrupto, mesmo que ele seja um oficial de alto escalão e abrir a sua própria casa para ser sala-de-aula.

Ao escrever para Thomas Hubbard, ele relata uma situação e reivindica soluções:

[...] Há muitas coisas internas na situação atual deste caso que deve ter nossa atenção sem demora para que ações sejam desenvolvidas imediatamente. O internato carece de cuidados, e a escola precisa melhorar sua qualidade ente os indígenas. Os índios atestam a má qualidade de ambas, e suas deficiências são motivo de queixas. Entre outras coisas, fala-se de irregularidades administrativas e mau uso dos recursos. A casa está em estado miserável e precisa de muito para ser concluída. E não somente isso, mas tornou-se corrente que a promessa de conclusão das benfeitorias não seria cumprida, conforme acordado no início do projeto. Isso gerou grande insatisfação entre as seis nações. Desculpe-me incomodá-lo com tanto tempo e uma carta tão longa, [...] Eu pensei que seria importante você ter um conhecimento específico destas coisas. É necessário que a casa seja ampliada, pois está longe de ser suficiente para o trabalho. Aguardamos a chegada de professores e estudiosos com planos para servirem nesta região. Por isso, a casa de estar equipada com condições para abrigá-los. E a casa deve ser equipada com quadros de escrita, tabelas matemáticas, e alojamentos para crianças, para que possam resistir ao frio. E, por fim, os meninos também devem ter mais ferramentas para o seu trabalho.¹⁰²

Edwards também tinha interesse na missão de Stockbridge, e demonstrou isso assumindo a liderança dentro de sua própria congregação no apoio à missão entre os índios.

¹⁰¹ Carta a Joseph Paice em 1752

¹⁰² Carta a Thomas Hubbard em 1751

Na verdade, escritos mostram que a igreja de Northampton sempre foi orientada por Edwards a apoiar as obras de caridade. A inclusão da missão Stockbridge na lista de instituições de caridade data de 1730 (KIMNACH, 1999, p.32).

Uma carta de John Sergeant (1743), missionário em Stockbridge anterior a Jonathan Edwards, ao Dr. Benjamin Coleman de Boston, ministro da Igreja Brattle Street e apoiador das missões entre os índios, propunha que uma escola para a educação das crianças fosse estabelecida em Stockbridge.

A escola primária pela educação dos filhos dos índios. Era um grande e caro projeto que necessitaria de planejamento cuidadoso, e considerável apoio financeiro. A carta esclarece que havia um grupo de pessoas responsáveis, que funcionariam como conselho, para receber e transferir fundos de doações. Este conselho seria dos seguintes senhores: "Exmo. Coronel Stoddard, Exmo. Coronel Porter, Rev. Sr. Edwards de Northampton (*único ministro - grifo meu*), Major Williams, e o Coronel Oliver Partridge (HOPKINS, 1753, p. 93).

Contudo, Jonathan Edwards não era apenas um supervisor para o recebimento e distribuição de fundos arrecadados por outras igrejas. A congregação de Northampton, sob a sua direção e visão expandiu financeiramente o seu apoio ao trabalho em Stockbridge. Há um fato que evidencia a prioridade de Edwards pelos Housatonics. Um amigo dele, Eleazar Wheelock, começou um trabalho entre os índios em Conecticut, e solicitou a ajuda de Edwards para isso. A sua resposta é uma negativa datada de 13 de julho de 1744 em que ele afirma:

Acerca do seu pedido, estou sem coragem para pedir mais contribuições, porque a nossa gente passa por um momento de escassez, e ainda assim, e está sendo despertada a grandes contribuições para a construção de uma escola interna gratuita entre os índios Housatonics (EDWARDS, 1998. p. 152).

Esta resposta é usada para argumentar que Jonathan Edwards não tinha tanto compromisso com missões, contudo, a sua negação foi claramente por causa das necessidades da missão em Stockbridge, na qual a sua igreja, uma congregação com recursos financeiros limitados, estava envolvida e comprometida para que uma escola fosse construída na aldeia.

A partir destes atos de Edwards, é possível entender um pouco da sua decisão de morar entre os índios. A teologia bíblica de Edwards, a teologia sistemática de Edwards e a teologia prática de Edwards em sintonia com a sua liderança pastoral, o conduziram para a ação. Stockbridge não é um desvio, é um passo óbvio. Em Stockbridge, Edwards desenvolveria a prática de evangelizar, educar e civilizar.

O futuro visitava os pensamentos de Jonathan Edwards, levando-o a afirmar:

Então, o vasto continente da América, que agora em grande parte é coberto com ignorância e crueldade bárbara, há de ser coberto com a luz do Evangelho glorioso e amor cristão, e em vez de adorar o diabo, como agora fazem, servirão a Deus e cantarão louvores em todos os lugares ao Senhor Jesus Cristo, o Salvador do mundo (EDWARDS, 1773, p.314).

Ele contemplou um futuro para esta grande população de nativos americanos numa época em que eram completamente ignorantes do evangelho e da verdadeira justiça (HOPKINS, 1753, p.73). Ele ansiava pelo dia em que eles abraçariam a Cristo e a terra seria um lugar onde Jesus seria honrado e servido (MURRAY, 1987, p.146).

É possível afirmar que os anseios de Edwards por ver o Evangelho de Cristo pregado em toda a terra, através das missões e dos missionários, tenha sido uma forte motivação para a sua mudança até a aldeia.

Um espírito vigoroso o movia, fruto de anos de reflexão sóbria acerca dos motivos da vinda dos puritanos para a América, da instrução recebida de avós e pais, e do ensino recebido em Yale, podem tê-lo impulsionado para uma experiência jamais imaginada pelos seus professores ou colegas de seminário (DAVIES, 1997, p.60). Um acadêmico praticando o que prega, ou seja, a união entre ortodoxia e ortopraxia (BEAVER, 1966, p. 10).

Havia neste homem uma grande compaixão para alcançar os perdidos para Cristo, especialmente aqueles que não tiveram a oportunidade de ouvir o Evangelho. Cristo viera para os perdidos, ele era um anunciador desta graça, e aprendera desde cedo que a vinda dos puritanos para a América deveria contemplar os povos nativos da nação. Contudo, percebe-se uma inquietação quanto à maneira da prática missionária da época.

[...] a finalidade não declarada das missões inglesas era reduzir a selvageria dos índios aproximando-os da civilidade. A missão para o inglês significava corrigir certas deficiências nos índios e nas suas sociedades, colocá-los em ordem e boas maneiras. Esta alteração significava a boa expectativa de melhor administração econômica local, princípios morais e religiosos, menos dispersão e selvageria, pois sempre viveram espalhados e selvagens. Assim, o objetivo geral das missões dos governos coloniais era dismantelar as sociedades indígenas e reconfigurá-las de modo a facilitar a intromissão do cristianismo e toda a gama de seus princípios. (STARNA, 2013, p.186-187)

Jonathan Edwards estava comprometido com a missão, mas não com esta forma de fazer missão. Quando ele chegou à aldeia encontrou um sistema de administração que não parecia adequado, com sérias decisões sendo tomadas por algumas pessoas, que aos seus olhos, não estavam comprometidas com os propósitos designados. Edwards sugere, então, a criação de um comitê para estudos e práticas futuras. Ao explicar que algumas etnias estavam

sentindo-se desencorajadas de mandar suas crianças para estudar na escola ele afirma sobre sua situação e suas esperanças (ou falta delas)

Eu olho para mim mesmo como um convidado a falar livremente sobre a atual conjuntura; e portanto, eu espero que a minha opinião seja candidamente interpretada pelos comissários. Eu penso que os nossos assuntos não prosperarão se continuarem a ser administrados pelos atuais líderes e seus amigos que residem aqui (EDWARDS, 1998, p.302) .

Então, como os índios ouviriam a Palavra para se tornarem cristãos responsáveis? Seria na sua própria língua. Como eles compreenderiam a mensagem? Com a simplificação e adequação da mensagem à cultura deles. Como seriam civilizados, se até então, eram utilizados para manobras políticas a serviço de ingleses, franceses e holandeses na conquista da América? Defendendo os seus interesses para que não pensassem que ele fosse, como muitos na época, um instrumento de dominação.

A traumática saída de Northampton traria consigo uma surpresa, a solução para um dilema pessoal na vida do nosso objeto de pesquisa. Deus prepararia um caminho sobremodo excelente para o maior teólogo que a América já produziu: o campo missionário e os desafios da alteridade.

Jonathan Edwards nutria profundo afetos pelos índios e sempre procurou o seu bem em seu ministério com eles. Ele tinha a mesma visão e preocupação que David Brainerd desenvolvera por eles. Ele entendeu que o verdadeiro amor cristão é prático e por isso, valorizava os índios como pessoas. Tanto Brainerd como Edwards sabiam que, apesar da degradação espiritual dos índios, havia qualidades pessoais e culturais neles que eram dignas de louvor.

Aqui, retornamos a uma temática defendida no começo do trabalho. O avô de Edwards, Stoddard, e seu tio John Stoddard, ambos falaram de muita coisa para ser admirada nos índios, especialmente a sua adaptação hábil ao seu ambiente. Eles eram bons caçadores, agricultores, artistas, e barqueiros, mas o ornamento principal deles era sua hospitalidade.

E tem também outro aspecto, quase nunca observado, que credencia Jonathan Edwards como um treinador de missionários. Ele recebeu muitos missionários em sua casa para aprendizado teológico: Samuel Hopkins, Joseph Bellamy e Job Strong estão entre eles¹⁰³. Estes homens trabalharam no movimento missionário após a morte de Edwards e sempre

¹⁰³ Para saber mais sobre os projetos de instrução de novos obreiros para os campos ministeriais da Igreja Congregacional e campos missionários entre os indígenas ver EDWARDS, J., *Apocalyptic Writings and an Humble Attempt* (vol. 5.; ed. Norman Pettit; New Haven: Yale University Press, 1985), p.286.

dedicaram a ele tudo o que aprenderam. Outro missionário formado por Edwards chamava-se Gideon Hawley, e saiu de Stockbridge para trabalhar entre os Onohquaugas

No final do século Timothy Dwight registraria:

A reverência por ele era muito grande. Jonathan Edwards e sua família ainda são considerados por seus descendentes com estima e alta consideração. Ele é lembrado com alguém que se importou com eles. É como um pai para eles (MURRAY, 1987, p. 396).

As raízes do Evangelho criaram raízes e produziram fé nos descendentes. Algum tempo após a saída de Edwards de Stockbridge, um pregador chamado Joseph Bellamy visitou a aldeia. Ele foi verificar um possível reavivamento da religião entre os índios, que fez com que muitos se tornassem extremamente piedosos em sua prática. Depois de pregar em um serviço da tarde num domingo, Bellamy tinha iniciado uma refeição na casa onde ele estava hospedado, quando começou a ouvir o som de índios cantando salmos. Imediatamente ele se levantou e saiu da mesa e quando, depois de algum tempo ele voltou, ele explicou alegremente a seu anfitrião: Eu não poderia negar-me o prazer de penetrar o céu por um instante em troca de um prato de comida.

Este é um exemplo que o ministério de Edwards entre os índios prosperou e deu muitos frutos, com muitos índios convertendo-se ao cristianismo, num período de lutas por terras e de guerras sangrentas por territórios. Murray escreve: "Os registros que temos nos dão a certeza que o trabalho de Edwards entre os índios não foi em vão".

Com o tempo, descobriu-se que a participação de Stockbridge na guerra, por conta de inúmeras perdas sofridas, inclusive muitos dos seus chefes, pouco fez para beneficiar a comunidade. Infelizmente, com o fim da guerra, muitos anos depois da saída e morte de Jonathan Edwards da aldeia, os índios Mohawks haviam perdido tudo, inclusive suas terras (vide figura no anexo de um índio "domesticado", usando uniforme militar com uma arma na mão). Somente em 1783 eles seria socorridos com seis milhas de terra no estado de Nova York, e chamariam este lugar de "A Nova Stockbridge".¹⁰⁴

Jonathan Edwards lutou todo o tempo contra essa realidade iminente, e por isso, conheceu a realidade de assassinatos brutais e o ônus de alimentar e cuidar de tropas britânicas enviadas para proteger os cidadãos contra os ataques indígenas. Uma dessas ocorrências aconteceu enquanto ele estava pregando no dia do Senhor, momento em que os índios

¹⁰⁴ Para mais informações sobre como os índios Mohawks foram usados para interesses britânicos e ingleses, ler William A. Starna, *From Homeland to New Land, A History of the Mahican Indians, 1600-1830*, (Boston: Duke University Press, 2013).

assassinaram alguns membros da família Chamberlain de Stockbridge, e tal notícia interrompeu o serviço de culto, gerando grande pavor entre todos. Nesse caso, havia evidências de que os assassinatos eram retaliação contra dois colonos brancos que haviam assassinado dois índios a sangue frio com pouca ou nenhuma repercussão judicial.¹⁰⁵

Depois de viver sete anos na aldeia, ele foi convidado para assumir a direção do Colégio de Princeton. Um mês depois, veio a falecer. Estas foram as últimas palavras de Jonathan Edwards: “Quem confia em Deus não precisa temer nada” (HOPKINS, 1765, p.81). E descansou.

¹⁰⁵ Para mais informações sobre outros casos de violência extrema na aldeia, ver Sarah Cabot Sedgwick and Christina Sedgwick Marquand, *Stockbridge 1739-1939, The Chronicle*, (Great Barrington: The Berkshire Courier, 1939).

6. CONCLUSÃO

Um notável! Foi assim que o Dr. Martin Loyd Jones o definiu, quando escreveu uma série de sermões que seriam entregues ao povo americano há pouco mais de 50 anos atrás, escrito para lembrar o histórico de vida de Jonathan Edwards e sua influência sobre o seu ministério.

É notório que Deus sempre comunicou sua vontade ao mundo através dos seminários, dos púlpitos, dos lares, ou das devocionais diárias. Além disso, Deus sempre se serviu de pessoas notáveis que investiram grande parte da vida no estudo acurado das Escrituras, para formularem doutrinas bíblicas que auxiliassem o grande rebanho no pleno conhecimento dos interesses dele.

Jonathan Edwards está entre estes notáveis do mundo. É isso que a história fala deste filho de puritanos, estudante, marido, pastor, pai, escritor e missionário. Um homem racional, contudo, conduzido pelas mãos do Deus no qual cria com paixão experiencial, levado aos níveis de pensamento inatingíveis para a maioria dos mortais de sua época, e que transitava entre a mais alta filosofia e os sentimentos mais primitivos. Assim, ele marcou a história no início do século XVIII.

Como não apaixonar-se por seus sonhos? Como não se tornar, ainda que separados por séculos, participantes do “Grande Despertar”? Como não imaginar-se sentado e ouvindo o seu sermão mais conhecido “Pecadores nas mãos de um Deus irado”? Como não defendê-lo quando atacado por correntes que desvirtuavam o conhecimento de Deus e de sua Glória?

A Glória de Deus! Possivelmente, este era o principal motivo para este homem gastar boa parte da sua vida escrevendo, ensinando e praticando a boa teologia. Certa vez, afirmou em uma de suas cartas: Sou um instrumento para que a Glória de Deus e o Reino de Cristo avancem por toda a terra. Onde Cristo for o Rei, Deus será glorificado!

O Reino de Cristo na terra! Conta-se que ele sempre estava à procura de retalhos de notícias que pudessem evidenciar que Cristo estava sendo pregado e pessoas estivessem se convertendo pelo mundo afora. Ao saber, alegrava-se sobremaneira com sua congregação. Isso é um pouco de Jonathan Edwards, descendente de puritanos, filho de pais cristão

comprometidos e estudioso da Palavra desde cedo, detentor da melhor doutrina e propagador de boas novas de salvação. Ele foi ao limite de suas possibilidades, avançando para além da borda mais distante da América civilizada para evangelizar, educar e civilizar.

Seu ministério pode ser dividido em três partes. Edwards teve uma experiência de menos de um ano como pastor em New York. Depois teve um longo pastorado na igreja de seu avô em Northampton em 1726, onde permaneceu por mais de vinte anos. E por fim, em Stockbridge.

Quando todos esses fatores são considerados, a impressão mais forte é que Stockbridge foi um ponto de descanso. Contudo, ao contemplar sua obra em diários, cartas, sermões e escritos de Edwards, bem como o seu envolvimento com as causas sociais em Stockbridge, tal conclusão torna-se inadequada e reducionista¹⁰⁶. Em Stockbridge, Jonathan Edwards idealizou uma metodologia que contribuiria no progresso dos estudos intelectuais e sociais, acendendo possíveis vetores para o campo a educação futura. Não é possível negar que o local também serviu para que ele escrevesse, mas o tempo de escrita foi dividido com a prática missionária diária. Esta abordagem nos protege da afirmação que o tempo de Edwards em Stockbridge foi dedicado exclusivamente à escrita, como se ele estivesse em um 'retiro' ou 'exílio', como alguns historiadores têm proposto. Na verdade, a perspectiva era dupla, tendo o interesse e serviço pelos índios como pregador e pastor, administrador e defensor, educador e teólogo, sem deixar de produzir as suas obras literárias.

Usando as fontes primárias, principalmente de Samuel Hopkins (1765), avaliamos algumas áreas do trabalho missionário de Edwards: (a) Missões compunha o seu campo de interesse; (b) David Brainerd o impactou profundamente; (c) Stockbridge representou um passo necessário; (d) Os índios o obrigaram a se reinventar como pregador; (e) a sua alteridade na administração e defesa dos assuntos indígenas o tornou um "pai"; (f) seus métodos de ensino inovadores para crianças indígenas o tornaram um "mestre"; e (g) Missões se tornou a parte prática no seu quadro teológico referencial¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Para mais informações sobre as muitas possibilidades para a sua estadia na aldeia ver Claghorn, 'Editor's Introduction,' in *WJE: Letters and Personal Writings*, 16:17; Rachel Wheeler, 'Edwards as Missionary,' 196; e Ronald E. Davies, 'Jonathan Edwards: Missionary Biographer, Theologian, Strategist, Administrator, Advocate—and Missionary,' *International Bulletin of Missionary Research* 21:1 (1997): 60.

¹⁰⁷ O seu amigo e biógrafo Samuel Hopkins afirma que Jonathan Edwards foi instrumento para a mudança de muitas pessoas, mas também foi alvo da mudança que Deus havia preparado para ele diante de um desafio tão grande como este.

A teologia e as práticas missionárias de Jonathan Edwards através de seus escritos e dos escritos de seus contemporâneos foram contempladas em nossa revisão de literatura de forma sumária e várias observações finais são justificadas.

Em primeiro lugar, os pensamentos que se tornaram os escritos de Jonathan Edwards demonstraram ser referência para os próximos séculos por conta dos princípios e formas úteis ao fenômeno missiológico. Depois de 300 anos ainda se faz necessário estudar com mais profundidade para irmos além dos porões da biblioteca de Beinecke.

Em segundo lugar, os pensamentos e práticas são de uma personagem do século XVIII, por isso, temos de situá-lo em referência ao conjunto teológico de sua época bem como a sua conformidade com o movimento puritano no seu tempo e sua disposição para prosseguir com as matrizes teológicas corretas e rejeitar os erros. Somente assim enfrentaria os desafios de promover o Evangelho num mundo em expansão. Missiologicamente, o colégio de Stockbridge evidenciou que sua visão dos índios não era idealista, mas continha as preocupações sociais e políticas do seu tempo.

Em terceiro lugar, os pensamentos e práticas são de um missionário que praticou a teologia que conhecia demonstrando uma profunda convicção quanto às expectativas do crescimento do Reino de Cristo.

Em quarto lugar, ele não foi para Stockbridge porque faltara outras possibilidades. De fato, a borda da fronteira pareceria ser o lugar menos adequado para Edwards. Contudo, foi ali que ele exercitou uma genuína paixão pelo trabalho da missão em seu contexto teológico e histórico. Não era simplesmente um lugar para encontrar tempo de lazer para ler e escrever.

A história mostra que seus escritos foram paralisados ou adiados enquanto ele estava em Stockbridge devido à prioridade dos trabalhos missionários. Somente depois do incêndio de 1753, tendo como consequência a partida de muitos dos Mohawks, Edwards passou a ter mais tempo para se concentrar em seus projetos de escrita.

Ele viveu por sete anos em Stockbridge entre os Moicanos, Mohawks, Housatonics, Oneidas e Onohquaugas para evangelizar, educar e civilizar.

Qual o legado de um ministério tão profícuo?

1. Que a educação pode ser um instrumento da Glória.

Os reformadores iniciaram o processo pelo princípio, os puritanos desenvolveram formas apropriadas e os protestantes da atualidade se tornaram o povo mais culto da terra.

2. Que a evangelização com mensagem simplificada comunica a Glória.

Os reformados tornaram a mensagem comum ao entendimento das pessoas, os puritanos aprimoraram os mecanismos de comunicação e os protestantes da atualidade herdaram uma maneira sóbria de anunciar as coisas de Deus a todos homens em todos os tempos.

3. Que a alteridade é uma disposição construtiva que sempre testemunha da Glória.

Os reformados enfatizaram que o ser humano é imagem de Deus, puritanos como Jonathan Edwards viram o ser humano como necessitado da Glória de Deus e os protestantes da atualidade testemunham a soberania de Deus e a responsabilidade do homem no processo de redenção. Soli Deo Gloria!

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADAMS, N. The Life of John Eliot. Boston: Massachusetts, Sabbath School Society, 1847
2. ALLEN, A. Jonathan Edwards. Boston: Houghton, Mifflin and Co., 1889
3. An act for the promoting and propagating the Gospel of Jesus Christ in New England. London: Edward Husband and Parliament of England. 1649
4. APPLETON N. Gospel Ministers. Boston: Kneeland & Green, 1735
5. AXTELL, J., The Invasion Within; The Contest of Cultures in Colonial North America, (New York: Oxford University Press, 1985)
6. _____. The School Upon a Hill: Education and Society in Colonial New England. New York: W. W. Norton & Co., 1974.
7. BAILEY, R. and GREGORY, W. The Salvation of Souls, Nine Previously Unpublished Sermons on the Call of Ministry and the Gospel by Jonathan Edwards. Wheaton: Crossway Books, 2002
8. BEAVER, R.P., Church, State and the American Indian, Two and a Half Centuries of Partnership in Missions Between Protestant Churches and Government, St. Louis: Concordia Publishing House, 1966
9. _____Pioneers in Mission, The Early Missionary Ordination Sermons, Charges, and Instructions; A Source Book on the Rise of American Missions to the Heathen. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1966
10. BELLAMY J. and EDWARDS, J., The Millennium, Or The Thousand Years of Prosperity. Elizabeth Town: Shepard Kollock, 1794
11. _____. True Religion Delineated. Ames, Iowa: International Outreach Inc, 1977
12. BOWDEN, H. W. American Indians and Christian Missions; Studies in Cultural Conflict. Chicago: University of Chicago Press, 1981
13. BRAINERD, D., Mirabilia Dei inter Indicos, or the Rise and Progress Of a Remarkable Work of Grace Among the Indians. Philadelphia: Printed and sold by William Bradford, 1746
14. BRASSER, T. J. "Mahican" in Sturtevant, William C., gen. ed. Handbook of North American Indians. Vol. 15. Washington: Smithsonian Institution, 1978

15. BREMER, F. and WINTHROP, J. *America's Forgotten Founding Father*. New York: Oxford University Press, 2003
16. BUSHMAN, R. *From Puritan to Yankee; Character and the Social Order in Connecticut, 1690-1765*. New York: W. W. Norton Company, 1967
17. BUTLER, Jon. *Awash in a Sea of Faith; Christianizing the American People*. Cambridge: Harvard University Press, 1990
18. CALVIN, J. *Institutes of the Christian Religion*. Oak Harbor: Logos Research Systems, Inc., 1997
19. Carta a sua irmã Mary Edwards, em 10 de Maio de 1716.
20. Carta ao seu pai Timothy Edwards, em 24 de Julho de 1719.
21. Carta ao seu pai Timothy Edwards, em 01 de Março de 1721.
22. Carta ao Rev. John Erskine, em 05 de Julho de 1750.
23. Carta ao Rev. John Erskine, em 06 de Setembro de 1750.
24. Carta ao Sr. William Hogg, Edinburgo em 13 Julho de 1751.
25. Carta a Joseph Baice, em 24 de Fevereiro de 1752.
26. Carta aos comissários de Boston, em Novembro de 1751.
27. Carta a Isaac Hollis, em 17 de Julho de 1752.
28. Carta ao secretário Andrew Oliver, em 12 de Abril de 1753
29. Carta a Thomas Hubbard, porta-voz da Casa de Massachusetts, em 31 de Agosto de 1751
30. Carta ao Major Joseph Hawley, em 18 de Novembro de 1754.
31. CARDEN, A., *Puritan Christianity in America: Religion and Life in Seventeenth-Century Massachusetts*. Grand Rapids: Baker Book House, 1990
32. CARSE, J., *Jonathan Edwards and the Visibility of God*. New York: Charles Scribners Sons., 1967
33. CHAUNCEY, C., *Seasonable Thoughts on the state of Religion in New England*. Boston, 1743
34. CHERRY, C., *The Theology of Jonathan Edwards; A Reappraisal*. Bloomington: Indiana University Press, 1966
35. COGLEY, R., *John Eliot's Mission to the Indians Before King Philip's War*. Cambridge: Harvard University Press, 1999
36. COHEN, S., *A History of Colonial Education; 1607-1776*. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1974
37. COSTA, H.M.P., *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004
38. _____, *Introdução à educação cristã*. Brasília-DF: Monergismo, 2013

39. _____, *Introdução à metodologia das ciências teológicas*. Goiânia: Cruz, 2016
40. DANAHER, W. Jr. *The Trinitarian Ethics of Jonathan Edwards*. Louisville: Westminster/John Knox Press, 2004
41. DAVIES, R. E., "Prepare Ye the Way of the Lord, The Missiological Thought and Practice of Jonathan Edwards." PhD diss., Fuller Theological Seminary, 1989
42. _____ "Jonathan Edwards: Missionary Biographer, Theologian, Strategist,, Administrator, Advocate – and Missionary" *International Bulletin of Missionary Research*, 1997
43. DAVIDSON J. *The Logic of Millennial Thought, Eighteenth-Century New England*. New Haven: Yale University Press, 1977
44. DE JONG. J. A. *As The Waters Cover the Sea, Millennial Expectations in the Rise of Anglo-American Missions, 1640-1810*. Kampen: J. H. Kok, 1970
45. DEMOS. J. *The Unredeemed Captive, A Family Story from Early America*. New York: Vintage Books, 1994
46. DUNN, S., *The Mohican World, 1680-1750*. Fleischmanns: Purple Mountain Press, 2000
47. _____. *Mohicans in Their Land, 1609-1730*. Fleischmanns: Purple Mountain Press, 1994
48. EDWARDS, J. *A Busca pelo Avivamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010
49. _____, *Religious Affections*. Grand Rapids: Sovereign Grace, 1971
50. _____, *The Works of Jonathan Edwards*, New Haven: Yale University Press, 1985, vol. 7, *The Life of David Brainerd*, ed. Norman Pettit. 245 n. 8
51. _____, *The Works of Jonathan Edwards*, New Haven, Yale University Press, 1998
52. _____, *A History of the Work of Redemption; Containing An Outline of Church History*. New York: The American Tract Society, 1773
53. _____, *Images or Shadows of Divine Things*. Perry Miller, ed. New Haven: Yale University Press, 1948
54. _____. *The Works of Jonathan Edwards. Vol. 1. The Freedom of the Will*. ed. Paul Ramsey. New Haven: Yale University Press, 1957
55. _____, *Religious Affections*. ed. John E. Smith. New haven: Yale University Press, 1971
56. _____, *Apocalyptic Writings*. ed. Stephen J. 1977
57. _____, *The Life of David Brainerd*. ed. Norman 1985
58. _____, *Ethical Writings*. ed. Paul Ramsey. New 9. *A History of the Work of Redemption*
59. _____. *The Works of Jonathan Edwards. Vol. 11*. ed. John F. Wilson. New Haven: Yale University Press, 1989

60. _____. The Works of Jonathan Edwards. Vol. 10. Sermons and Discourses, 1720-1723. ed. Wilson H. Kinnach. New Haven: Yale University Press, 1992
61. _____. The Works of Jonathan Edwards. Vol. 13. The "Miscellanies" (Entry Nos. a- 500). ed. Thomas A. Schafer. New Haven: Yale University Press, 1994
62. _____. The Works of Jonathan Edwards. Vol. 16. Letters and Personal Writings. ed. George S. Claghorn. New Haven: Yale University Press, 1998
63. _____. The Works of Jonathan Edwards. Vol. 17. Sermons and Discourses, 1730-1733. ed. Mark Valeri. New Haven: Yale University Press, 1999
64. _____. The Works of Jonathan Edwards. Vol. 22. Sermons and Discourses, 1739-1742. eds. Harry S. Stout and Nathan O. Hatch, with Kyle P Farley. New Haven: Yale University Press, 2003
65. _____. The Works of Jonathan Edwards. Vol. 24. The "Blank Bible". ed. Stephen J. Stein. New Haven: Yale University Press, 2006
66. _____. The Works of Jonathan Edwards. Vol. 25. Sermons and Discourses, 1743-1758. ed. Wilson H. Kinnach. New Haven: Yale University Press, 2006
67. _____. The Works of Jonathan Edwards. The Freedom of the Will. ed. Paul Ramsey. New Haven: Yale University Press, 1972
68. EDWARDS, J. [Jr.]. Observations on the Language of the Muhhekaneew Indians. New Haven: Meigs, 1788
69. ELIOT, J. Brief Narrative. American Historical Documents, 1000-1904: The Harvard Classics, 1909-1914
70. FAUST, C. H., and JOHNSON, T., Jonathan Edwards, Representative Selections, with Introduction, Bibliography, and Notes. Boston: American Book Company, 1935
71. FERM, R., Jonathan Edwards, the Younger 1745-1801, A Colonial Pastor. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976
72. FRAZIER, P. The Mohicans of Stockbridge. Lincoln: University of Nebraska Press, 1992
73. FULLER, A., The Complete Works of the Reverend Andrew Fuller. Joseph Belcher, ed. Harrisburg: Sprinkle Publications, 1988
74. GAUSTAT, E., The Great Awakening in New England, Chicago: Quadrangle Books, 1957
75. GERSTNER, J., Jonathan Edwards: A Mini-Theology, Insights into the Teaching of One of America's Most Brilliant and Influential Preachers. Ligonier: Soli Deo Gloria Publications, 1987
76. _____. The Rational Biblical Theology of Jonathan Edwards. 3 Vols. Powhatan: Berea Publications, 1993

77. _____. Jonathan Edwards, Evangelist. Ligonier: Soli Deo Gloria Publications, 1995.
78. GOEN C. C., Revivalism and Separatism in New England, 1740-1800: Strict Congregationalists and Separate Baptists in the Great Awakening. Middletown: Wesleyan University Press, 1962
79. GOLDMAN, S., Hebrew and the Bible in America, The First Two Centuries. Hanover: University Press of New England, 1993
80. GRIBBEN, C. The Puritan Millennium, Literature and Theology, 1550-1682. Dublin: Four Courts Press, 2000
81. GOOKIN, D., Historical Collections of the Indians in New England. Boston: At The Apollo Press in Boston by Belknap and Hall, 1792.
82. GROSART A. B. Selections from the Unpublished Writings of Jonathan Edwards of America. Ligonier: Soli Deo Gloria Publications, 1992.
83. GUELZO, A., Edwards on the Will: A Century of American Theological Debate. Middletown: Wesleyan University Press, 1989.
84. HAEFELI, E., Captors and Captives, The 1704 French and Indian Raid on Deerfield. Amherst: University of Massachusetts Press, 2003.
85. HANKINS, J.F., "Bringing the Good News: Protestant Missionaries to the Indians of New England and New York, 1700-1775." PhD diss., The University of Connecticut, 1993.
86. HARTH, D.G., Lucas, Sean Michael, Nichols, Stephen J., eds. The Legacy of Jonathan Edwards; American Religion and the Evangelical Tradition. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.
87. HATCH, N. Jonathan Edwards and the American Experience. New York: Oxford University Press, 1988.
88. HAYKIN, M., The British Particular Baptists, 1638-1910. 3 Vols. Springfield: Particular Baptist Press, 2000-2003.
89. _____. Jonathan Edwards: The Holy Spirit in Revival. Webster: Evangelical Press, 2005. Helm. Paul and Oliver D. Crisp eds. Jonathan Edwards: Philosophical Theologian. Burlington: Ashgate Publishing Co., 2003.
90. HEIMERT, A., and DELBANCO, A., eds. The Puritans in America, A Narrative Anthology. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
91. _____. and Perry Miller. The Great Awakening: Documents Illustrating the Crisis and Its Consequences. Indianapolis: Bobbs-Merrill Educational Publishing, 1967.
92. HICKMAN, E., The Works of Jonathan Edwards. 2 Vols. Carlisle: The Banner of Truth Trust, 1976.

93. HOLIFIELD E., *Theology in America: Christian Thought from the Age of the Puritans to the Civil War*. New Haven: Yale University Press, 2003.
94. HOLMES, S., *God of Grace and God of Glory; An Account of the Theology of Jonathan Edwards*. Grand Rapids: Mich. Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 2000.
95. HOPKINS, S., *Historical Memoirs Relating to the Housatonic Indians*, Boston: Kneeland, 1753.
96. _____, *The Life and character of the late Reverend Jonathan Edwards, President of the College of New Jersey : together with a number of his sermons on various important subjects*. Boston: Kneeland, 1765.
97. JACKMAN, S. W., *The New England quarterly (The New England Quarterly, Vol. 52)*. 1979.
98. JOHNSON, T. H., *Jonathan Edwards*. New York: Hill and Wong, 1962.
99. _____, *The Printed Writings of Jonathan Edwards, 1703-1758, A Bibliography*. Princeton: Princeton University Press, 1940.
100. JONES, F. Stockbridge, *Past and Present, or Records of An Old Mission Station*. Springfield: Samuel Bowles & Company, 1854.
101. KAPIE, K. M., and RANDALL, C. G., *The Devoted Life: An Invitation to the Puritans Classics*. Downers Grove: Intervarsity Press, 2004.
102. KELLAWAY, W., *The New England Company, 1649-1776*; London: Longmans, 1961.
103. KIMNACH, W. H., Minkema, K.P., and Sweeney, D.A., (editors), *The Sermons of Jonathan Edwards*. New Haven: Yale University Press, 1999.
104. KLING, D. W., *Jonathan Edwards at Home and Abroad: Historical Memories, Cultural Movements, Global Horizons*. Columbia: University of South Carolina Press, 2003.
105. KUPPERMAN, K. O., *Indians and English Facing Off in Early America*. Ithaca: Cornell University Press, 2000.
106. LANDSMAN, N., *From Colonials to Provincials: American Thought and Culture 1680- 1760*. Ithaca: Cornell University Press, 1997.
107. LEE, S., and GUELZO, A., *Edwards in Our Time: Jonathan Edwards and the Shaping of American Religion*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1999.
108. _____.ed. *The Princeton Companion to Jonathan Edwards*. Princeton: Princeton University Press, 2005.
109. _____. *The Philosophical Theology of Jonathan Edwards*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

110. LESSER, M. X. Jonathan Edwards: A Reference Guide. Boston: G. K. Hall & Co., 1981.
_____. Jonathan Edwards, An Annotated Bibliography, 1979-1993, Westport, Greenwood Press, 1994.
111. LEVIN, D., Jonathan Edwards, A Profile. New York: Hill and Wang, 1969.
112. LLOYD JONES, M., Jonathan Edwards e a Crucial Importância do Avivamento. São Paulo: PES. s/d.
113. MANDELL, D., Behind the Frontier, Indians in Eighteenth-Century Eastern Massachusetts. Lincoln: University of Nebraska Press, 1996.
114. MANSPEAKER N. Jonathan Edwards: Bibliographical Synopsis. New York: The Edwin Mellen Press, 1981.
115. MARSDEN, G., Jonathan Edwards, a Life. New Haven: Yale University Press, 2003.
116. Massachusetts Bay... Province, At a Conference held at Deerfield [Aug. 27, 1735]. Boston: 1735.
117. MATHER, C., India Christiana, Boston: Printed by B. Green. 1721.
118. _____. The Great Works of Christ in America; Magnalia Christi Americana. 2 Vols. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1979.
119. McCOOK, H. C. "Jonathan Edwards as a Naturalist." The Presbyterian and Reformed Review 1, no. 3 (1890). <http://journals.ptsem.edu>
120. McDERMOTT, G., Jonathan Edwards Confronts the Gods: Christian Theology, Enlightenment Religion, and Non-Christian Faiths. New York: Oxford University Press, 2000.
121. MILLER, P., Jonathan Edwards. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1981.
122. _____. The New England Mind. 2 Vols. Boston: Harvard University Press, 1939.
123. MINKEMA, K. P., "The Edwardses: A ministerial family in eighteenth-century New England." PhD diss., The University of Connecticut, 1988.
124. MORGAN, E. S., The Gentle Puritan, A Life of Ezra Stiles, 1727-1795. New York: W. W. Norton, 1962.
125. MOORE, M. Memoirs of the life and character of John Eliot. Boston: T. Bedlington, publisher; Flagg & Moore. 1822.
126. MORITZ, B. "[The Pilgrim-Fathers' Voyage with the 'Mayflower' \(history\)](#)". Extraído do site ShipsOnStamps.org. Ver também [The Mayflower after the Pilgrims](#). Extraído do site MayflowerHistory.com. Páginas visitadas em 05/09/2015.
127. MURRAY, I. H., Jonathan Edwards, A New Biography. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1987.

128. _____, Jonathan Edwards, Uma Nova Biografia, PES. São Paulo: 2015
129. _____. Revival and Revivalism. Carlisle: Banner of truth Trust, 1994.
130. _____, The Puritan Hope, Revival and the Interpretation of Prophecy. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1971.
131. NICHOLS, S. J., Jonathan Edwards: a guided tour of his life & thought. Publishing Company. USA, 2001.
132. _____, Sean, M. and D. G. Lucas (editors)., The Legacy of Jonathan Edwards; American Religion and the Evangelical Tradition, Grand Rapids: Baker Academic, 2003.
133. RONDA J.P and AXTELL J. Indian Missions; A Critical Bibliography. Bloomington: Indiana University Press, 1978.
134. ROOY, S. H., "Eliot, John" no dicionário biográfico de missões cristãs, Nova York: Macmillan, 1998.
135. SEGAL, C. M., and D. C. Stineback, D.C., Puritans, Indians, and Manifest Destiny, New York: 1977.
136. SERGEANT, John. A Letter From the Rev'd Mr. Sergeant of Stockbridge, to Dr. Colman of Boston. Boston: Printed by Rodgers and Fowle, 1743.
137. SIMONSON, H. Jonathan Edwards: Theologian of the Heart. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.
138. STARNA, W. A., From Homeland to New Land, A History of the Mahican Indians, Boston: Duque University Press. 2013
139. STODDARD, S., Question whether God is not Angry with the Country for doing so little towards the Conversion of the Indians? Boston: Green for Gerrish, 1723
140. TAPPERT. G., The Book of Concord. Philadelphia, Pennsylvania: Westminster Press, 1959.
141. TEMPLE, W., Christianity and Social Order. London, England: Sheppard-Walwyn, 1945.
142. THE CHARTER OF MASSACHUSETTS BAY: 1629 acessado no site <http://www.yale.edu/lawweb/avalon/states/mass03.htm>, em 24 de maio de 2015.
143. TRACY, P. J. Jonathan Edwards, Pastor: Religion and society in eighteen-century Northampton. American Century Series, New York, 1980.
144. TRUNBULL, B. A complete history of Connecticut: civil and ecclesiastical, from the emigration of its first planters, from England, in the year 1830, to the year 1764; and to the close of the Indian wars (2 vols.). New Haven. 1818.
145. VAUGHAN, A. T., New England Frontier, Puritans and Indians 1620-1675, Norman: University of Oklahoma Press, 1995.

146. WHEELER, R. “‘Friends to Your Souls’: Jonathan Edwards’s Indian Pastorate and the Doctrine of Original Sin” *Church History* 72:4, 2003.
147. _____, *To Live upon Hope: Mohican and Missionaries in the Eighteen-Century Northeast*, 2007.
148. WILLIAMS, E. Jr. and ASHLEY, J., *The Life Documentary* Pittsfield: Berkshire County Historical Society, 1970.
149. WINSLOW, O. E, *Jonathan Edwards 1703-1758*, New York: Collier Books, 1961.
150. _____, *John Eliot, Apostle to the Indians*. Boston, Houghton Mifflin, 1968.
151. WRIGHT, W, E. *Coronel Ephraim Williams, A Documentary Life*. Pittsfield: Berkshire County Historical Society, 1970.

FIGURAS

Figura 01: Rascunho de Jonathan Edwards

Figura 02: Índio Moicano domesticado para a guerra

Figura 03: Igreja Congregacional de Northampton

Figura 04: Rascunho do possível primeiro sermão em Stockbridge

Figura 05: Desenho de uma aldeia Housatonic (Shekomeko) em 1745

